



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

TALITA SILVA BEZERRA

**VIDAS EM TRÂNSITO:
JUVENTUDE RURAL E MOBILIDADE(S) PELO ACESSO AO ENSINO SUPERIOR**

**FORTALEZA
2013**

TALITA SILVA BEZERRA

VIDAS EM TRÂNSITO: JUVENTUDE RURAL E MOBILIDADE(S)
PELO ACESSO AO ENSINO SUPERIOR

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Sociologia. Linha de Pesquisa: Cidades, Movimentos Sociais e Práticas Culturais.

Orientadora: Dra. Jania Perla Diógenes de Aquino

FORTALEZA
2013

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- B469v Bezerra, Talita Silva
Vidas em trânsito : juventude rural e mobilidade(s) pelo acesso ao ensino superior / Talita Silva Bezerra. – 2013.
141 f. : il. color., enc. ; 30 cm.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências Humanas, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza, 2013.
Linha de Pesquisa: Cidades, Movimentos Sociais e Práticas Culturais.
Orientação: Profa. Dra. Jania Perla Diógenes de Aquino.
1. Juventude rural. 2. Jovens do campo. 3. Mobilidade ocupacional. 4. Ensino superior
I. Título.

CDD 378.4

TALITA SILVA BEZERRA

VIDAS EM TRÂNSITO: JUVENTUDE RURAL E MOBILIDADE(S) PELO ACESSO AO
ENSINO SUPERIOR

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Sociologia. Linha de Pesquisa: cidades, movimentos sociais e práticas culturais.

APROVADA EM: _____ / ____ / _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Jania Perla Diógenes de Aquino (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. George Paulino
Universidade Federal Do Ceará (UFC)

Prof.^a. Dra. Isaurora Cláudia Martins de Freitas
Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)

Dedico essa dissertação ao meu pai
Sergiomar Cavalcante Beserra (*in memoriam*),
que após me colocar na estrada, partiu em
alta velocidade e a essa vida pequenina que,
dentro de mim, caminha no tempo para a
minha vida.

AGRADECIMENTOS

O processo de pesquisa e escrita de uma dissertação é antes de tudo uma relação estreita com o tempo, este que compõe e recompõe relações e afectos. Tempo plural que envolve a chegada e a partida: chegada e partida de pessoas; chegada e partida em locais. Elenco aqui, em forma de agradecimentos, alguns (umas) que fizeram parte dos —encontros e despedidas‖ deste processo.

Em primeiro lugar, agradeço ao meu pai, que me recebeu em Fortaleza para dar início às atividades do mestrado. Que este registro seja a eternização do meu agradecimento, já que no 3º semestre do curso de mestrado, ele foi tirado do nosso convívio de uma forma extremamente violenta e transformado em um número nos índices estatísticos do Estado. Eis uma despedida difícil!

Agradeço à minha mãe que foi o apoio personificado, a seta que aponta para os caminhos, o abraço que torna em encontro as despedidas. À minha irmã Caroline e ao meu irmão Tiago Bezerra, pelas angústias e alegrias divididas, pelo companheirismo, amizade, amor manifestado e compreensão das minhas muitas ausências em família. Ao meu cunhado Ronaldo Santiago pela amizade e pelos brindes ao longo dos quase 10 anos de convivência e à Larissa Rocha, pelo companheirismo e pela educação-maternidade dedicada aos meus dois sobrinhos: Jasmim Rocha e Davi Rocha. Apesar das minhas ausências, esses dois pequenos- grandes resignificam o meu olhar e me enchem de esperanças, me desburocratizam e alimentam a vontade de amar.

Agradeço à Helio Monteiro, meu amigo, companheiro na vida acadêmica e no amor cotidiano. Obrigada pelas dores divididas – fica menos doído assim, por semear e regar a vida juntos (das nossas plantinhas e agora, dessa pequenina que trago no ventre), por brindar com ou sem motivo, por planejar comigo os nossos castelos de areia que podemos destruir e reconstruir quando quisermos e da forma que quisermos. Obrigada pela companhia na BR, por mostrar sentido na velocidade e na des-aceleração. Obrigada ainda pelas leituras cuidadosas ao texto que segue e pelas caronas na forma de insights.

Agradeço a tod(@)s da minha família extensa que é tão “nuclear” e que viam sentido nessa vida acadêmica incompreendida por muit(@)s. Avó, tios, tias, primos, primas e demais agregados, muito obrigada!Agradeço ainda à família que foi dada pelo convívio com Hélio Monteiro: Ana, pelas acolhidas cheias de sabores e dona Deusa, por me afastar dos momentos solitários com horas de conversa. Muito obrigada!

Agradeço às minhas amigas e amigos, esses que são a família que escolhi e fui escolhida para viver, esses que me levam perceber que “não precisa ter conta sanguínea, é preciso ter um pouco mais de sintonia”. Ana Argentina, Valfrido, Cassiana, Delano Pessoa, Joyce, Márcio, Vaneza, Lara, Aline, Ronaldo, Simone Passos, Léo, Robson, Alencar Mota, Herbert, João Sérgio Beserra, Letícia, Larissa, Marília, toda a turma do mestrado da UFC de 2011. Muito obrigada pelo tempo despendido a rir, chorar, levantar copos, teorizar, abraçar, comer.

Agradeço à Ana Argentina, essa amiga irmã com quem venho dividindo dores e sabores. Obrigada por tantas horas de escuta, por enxugar tantas lágrimas choradas juntas nesse percurso não tão longo, mas tão intenso em acontecimentos. Obrigada pelos sorrisos felizes e pelos abraços sinceros.

Agradeço aos jovens e às jovens araquienses por toda disponibilidade e ajuda no trabalho de campo, pelo imenso interesse em fazer essa pesquisa acontecer. Vivenciar a opção de cada um em trocar a enxada pela caneta, a opção de construir uma resistência que segue na contramão da migração do campo para a cidade, foi engrandecedor. Queria eu ter essa vontade/ação de mudança!

Agradeço a todos os professores e professoras do curso de Ciências Sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú, local onde concluí minha graduação. A vocês, manifesto admiração. Agradeço também, aos professores e professoras do programa de pós graduação em Sociologia da UFC.

Agradeço à professora Regina Bruno, pelas grandiosas contribuições na banca de qualificação. À professora Isaurora Martins que, além de me iniciar como viajante-pesquisadora, vem construindo e partilhando seu saber enquanto especialista na temática da mobilidade universitária no Ceará. Além das suas frutíferas colocações na banca de qualificação, agradeço por aceitar o convite de estar como examinadora na banca de defesa da dissertação. Agradeço ao professor George Paulino que, durante a graduação, me ensinou através de teorias, como se olha para o “diferente”. Muito obrigada por aceitar participar da banca de defesa desta dissertação.

Agradeço à professora Jania Perla Aquino por aceitar esse trajeto de orientação e viajar comigo nesse percurso, compreendendo as minhas freadas bruscas, os pregos ao longo do caminho, as paradas para as despedidas e para os encontros. Obrigada por tudo!

Agradeço ao apoio financeiro do CNPq que durante vinte e quatro meses financiou a minha vida de estudante-pesquisadora e sem o qual, seria difícil realizar a pesquisa. E por fim, agradeço a Deus que é toda essa FORÇA que ultrapassa as minhas fraquezas.

RESUMO

Esse trabalho tem como proposta pensar a juventude rural a partir da mobilidade de um universo de indivíduos que diariamente transitam entre o campo e a cidade para frequentar Instituições de Ensino Superior - IES, mantendo residência na localidade rural da qual são originários. Os interlocutores da pesquisa são cearenses que percorrem a distância de 160 km diariamente: partem de Araquém, distrito de Coreaú-CE, com destino a Sobral-CE, cidade mais próxima a ofertar cursos de graduação em IES públicas e privadas e retornam daí para a cidade de origem. O objetivo principal da pesquisa é analisar a relação entre as trajetórias de jovens universitários rurais na busca pelo acesso ao ensino superior e a mobilidade enquanto um campo de possibilidade existente na configuração social analisada, considerando que o trânsito entre o campo e a cidade reconfigura as subjetividades juvenis. O texto é fruto do material produzido durante um ano e meio de observações efetivadas através do acompanhamento das vivências dos estudantes em três espaços principais: A Universidade que, situada em Sobral, representa também o espaço urbano e tanto é o lugar de destino como de onde retornam com um aprendizado institucionalizado, levando para o campo o grande troféu: o diploma de graduação; o transporte que é o meio que possibilita a mobilidade espacial, sendo o lócus em que os estudantes forjam diversas formas de sociabilidades durante os anos da graduação (em média 04 anos); e, por fim, Araquém, distrito rural do município Coreaú, local de origem e moradia dos sujeitos da pesquisa, significando também o local das relações de parentesco, de amizade e relações de trabalho.

Palavras-chave: Juventude rural. Trajetórias. Mobilidade. Educação.

ABSTRACT

This research conveys a proposal to think about rural youth through mobility, considering a universe of individuals making the daily movement from rural to urban areas in order to pursue their studies in Higher Education Institutions, while keeping their residence in the rural areas of origin. The research features interlocutors from the state of Ceará, Brazil, who run the distance of 160 km on a daily basis: they start off in the district of Araquém, in the municipality of Coreaú, with destination to Sobral, the nearest city with the offer of undergraduate courses in public and private Higher Education Institutions. After their classes, they return to their places of residence. The main goal of this research is to analyze the relation among the trajectories of rural youth in university, seeking access to higher education, with mobility as a field of possibility that exists within the analyzed social configuration, considering that the movement between rural and urban areas reconfigures youth subjectivities. The text is crafted with the material produced during one year and a half of observations conducted alongside with the students' lives in three main spaces: the university, located in Sobral, which represents the urban space as well as where they return from with institutionalized knowledge, taking the magnificent trophy of the undergraduate diploma to the rural areas; the transportation, which enables spatial mobility, and it's the locus where students forge several kinds of sociability throughout the years of undergraduate studies (04 years in general); and, lastly, the rural district of Araquém in the municipality of Coreaú, place of origin and residence of the research subjects, which stands as well as a place of kinship, friendship and work relations.

Keywords: Rural youth. Trajectories. Education. Mobility.

SUMÁRIO

PROLOGO	10
1. INTRODUÇÃO	19
1.1– Pontos de partida e de chegada	25
1.2 - Escolhas técnico-metodológicas	32
2. CAMINHOS QUE SE FAZEM NA ESTRADA: ESCOLHAS TEÓRICAS, METODOLÓGICAS E TRABALHO DE CAMPO	35
2.1-A juventude abordada pelas grafias sociológicas	35
2.2- Campo x cidade para pensar o ideal “urbano”	43
2.3- Movimento(s), deslocamento(s), mobilidade(s)?	48
2.4 - Expandindo a noção clássica: o trabalho de campo como prática de viagem	53
2.5 - Mudando de lugar: de expectadora à pesquisadora/viajante	55
2.6 - (Re) comendo as imagens sobre o rural para adentrar em suas veredas	57
2.7 -Táticas de pesquisa: a construção de relações de reciprocidade no campo	63
3. O QUE É SER JOVEM EM ARAQUÉM	69
3.1- “Eu era preguiçoso pra roça”: trocando a enxada pela caneta Trajetória de Renato Chaves	70
3.1 – “Ficar ou Sair”: uma escolha guiada pelo amor. Trajetória de Fabiano	79
3.3- O que caracteriza a juventude em Araquém	87
3.3.1 - Juventude: Família, trabalho e tradição	87
3.3.2 – Juventude: Educação.....	96
4. APRODUÇÃO DA MOBILIDADE	107
4.1- “Contexto e -acesso”: O ônibus como elemento central da mobilidade	109
4.2 – “Apropriação”: Experiências de mobilidade	127
4.3 - Vidas em trânsito: construções de subjetividades.....	138
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	144
BIBLIOGRAFIA	146

PRÓLOGO

18h e 40 min em Sobral, a noite assiste a um fluxo no trânsito que obedece ao ritmo dos dias letivos nas Instituições de Ensino Superior. A cidade se reconfigura em trechos “engarrafados” por motocicletas e carros dos habitantes locais (Ver figura 01). Nota-se ainda, um número expressivo de ônibus e micro-ônibus com placas de diversos municípios. Aos desavisados, causa espanto tamanho fluxo, uma vez que a cidade não dispõe de transporte público coletivo.

FIGURA 01: Trânsito de Sobral às 18h e 40min na Rua Dr. Guarany



Fonte: Arquivo pessoal de Talita Bezerra

Invadindo o interior dos ônibus e micro-ônibus com o olhar curioso de quem está em um ponto fixo de uma avenida sobralense, no local de maior fluxo dos transportes, por trás das janelas transparentes avistam-se várias situações: pessoas em pé nos corredores, sentadas em poltronas, algumas alocadas no painel dos veículos – ao lado do motorista ou sentadas nos degraus das portas; suas expressões corporais esbanjam sorrisos, enquanto outros se mantêm sérios ou indiferentes à alegria alheia; pessoas com mochilas nas costas ou livros nas mãos; cabeças para fora da janela olhando a paisagem em movimento; alguns transitam de um lado para outro executando movimentos no interior do veículo; vestem

bermudas e camisetas, ou vestem casacos e calças jeans. As meninas usam vestidos, saias, mini-shorts ou preferem o jeans comprido com as calças tradicionais. Palavras estampam o peito de alguns, demarcando nas camisas o pertencimento ao curso de Letras ou Filosofia, Pedagogia ou Química. Em cada ônibus/micro-ônibus que passa, observa-se práticas que se assemelham e se diferenciam dos já observados.

Mas, de onde vem e para onde vão esses ônibus ou micro-ônibus que, de segunda à sexta, exceto em feriados, movimentam o trânsito de Sobral em horários bem pontuais^{1?} Na maior parte dos veículos observados, as placas no canto superior direito dos para-brisas que geralmente são utilizadas para indicar o destino dos transportes coletivos nos centros urbanos, só trazem uma palavra: “universitários”. Então, à primeira vista, parece não ser prioridade informar ao observador de onde vem e para onde vai, mas sim, quem vem-vai.

Alguns trazem grafados em sua lataria, na parte lateral, os nomes da cidade de origem – como é o caso dos ônibus de Tianguá, Cariré e Camocim (ver figura 01) – outros são pintados somente com o nome “escolar”. O de Araquém traz sua identificação em uma folha A4 afixada no para-brisa, onde estão listadas as instituições por onde passa em seu trajeto. Há ainda os que se diferenciando em cores e modelos, não carregam identificação alguma em sua funilaria, como o ônibus de Pires Ferreira. Há aqueles que são aparentemente novos, bem conservados, com janelas fechadas para não escapar a ventilação do ar-condicionado, outros são completamente deteriorados, fecham as suas portas com cadeados de portão (ver figura 02), faltam vidros nas janelas, têm a lataria amassada ou mesmo esburacada.

¹Os horários específicos da intensidade no fluxo noturno do trânsito em Sobral são: das 18h 30min às 18h 50min – horário de chegada dos veículos e das 21h 45min às 22h 20min – horário de partida dos veículos que ficam estacionados nos diversos campi de IES públicas ou privadas. Já o horário diurno de maior movimentação é das 7h às 7h 30min e de 11h 30min às 12h.

FIGURA 02: Ônibus de Tianguá, Cariré e Camocim.



FONTE: Acervo da Pesquisa Interação e movimento: práticas e sociabilidades juvenis nos transportes universitários da região norte do Ceará.

FIGURA 03: Porta do ônibus de Pacujá travada por um cadeado.



FONTE: Acervo da Pesquisa Interação e movimento: práticas e sociabilidades juvenis nos transportes universitários da região norte do Ceará.

Bem conservados ou em péssimas condições, são eles que possibilitam a centenas de jovens da Região Norte do Ceará, através de um trânsito diário que movimenta

rodovias estaduais, federais e municipais, o acesso ao ensino superior sem a obrigação de migrarem para locais que ofereçam este serviço. Vão e voltam todos os dias letivos, por exemplo, da serra mais próxima – Alcântaras, Meruoca; da serra mais distante que forma a chapada da Ibiapaba – Ipú, Viçosa, São Benedito, Ibiapina, Tianguá, Ubajara; do litoral – Camocim, Itarema, Acaraú; e ainda da sede ou zona rural de cidades como Coreaú, Hidrolândia, entre outras.

Ao todo, são mais de 100 veículos transportando universitários-viajantes de cerca de 60 localidades² classificadas como sede ou distrito, de maneira ora paga, ora gratuita, a depender da contribuição política da cidade. Em Santana do Acaraú, por exemplo, existe a União dos Universitários de Santana do Acaraú (UNISA), e cada passageiro contribui mensalmente com um valor para custear parte da despesa com o transporte, sendo a outra parte custeada pelo poder público municipal. Já em Coreaú, o poder público municipal disponibiliza gratuitamente o meio de transporte para universitários da sede e de dois distritos: Ubaúna e Araquém.

Vistos de fora, esses veículos médios e grandes não dizem muita coisa. Parecem apenas mais um meio de transporte utilizado para facilitar o deslocamento de pessoas de um ponto a outro do território geográfico. Em seu interior, revela personagens, traz à tona algumas rotinas, surpreende. Há a comercialização de alimento – venda e compra; há vendedoras de roupas e bijuterias; aqueles que fazem questão de viajar ao lado do motorista como copilotos; os que namoram durante as viagens; os que dormem; os que rezam.

Viajam filhos de prefeitos, freiras, agricultores, funcionários públicos, comerciantes, desempregados, professores. O momento das viagens de ida e volta de casa para a universidade é o momento em que as diferenças são reduzidas a um cenário comum: o ônibus.

² Não existe um dado oficializado que tenha mapeado os municípios de origem dos ônibus universitários que trafegam por Sobral diariamente. No contexto da pesquisa de Iniciação Científica, realizada através do projeto “Interação em Movimento: Práticas e Sociabilidades Juvenis nos Transportes Universitários da Região Norte do Ceará” de autoria da professora Dra. Isaurora Freitas, eu e um conjunto de pesquisadores, demos início a um mapeamento que foi feito com base na contagem dos veículos e averiguação do local de origem dos mesmos. Esse trabalho não foi concluído em decorrência da dificuldade de acessar todos os veículos, pois a cada dia, podem estar estacionados em locais diferentes. Até o momento em que fizemos o levantamento (ano de 2011), contabilizamos 58 localidades que dispõem de ônibus diariamente, sendo que algumas delas dispõem de mais de um veículo em decorrência do elevado número de universitários, como é o caso de Tianguá que atualmente disponibiliza quatro ônibus para universitários.

Dez ou quinze minutos antes do início das aulas, os universitários-viajantes descem dos veículos nos arredores de suas instituições de ensino e como geralmente os intervalos entre aulas nas IES são muito curtos e a saída ao término do expediente letivo é apressada em decorrência do horário de partida dos ônibus, os estudantes costumam, no pouco tempo que lhes resta antes da aula, fazer um lanche ou aproveitar para resolver os pormenores da vida discente, como problemas burocráticos nas coordenações, retirada de textos nos pontos de Xerox, entrega e empréstimo de livros na biblioteca. Esse é o momento em que conversam com alguns colegas, costumando entrar em sala de aula passados alguns minutos do horário previsto.

Após as 19 horas, quando deixam os alunos nas suas respectivas instituições e centros universitários, os motoristas estacionam os ônibus em pontos diversos. A maioria fica no pátio do campus Betânia da Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA, pois lá é o maior espaço e tem local reservado para os veículos (ver figura 03). Alguns estacionam em frente a este mesmo campus, às margens da Lagoa da Fazenda, outros nas proximidades do campus CIDAO da UVA, que também é campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE. Muitos ficam em frente ao Centro de Ciências Humanas da UVA, margeando a única rua de acesso ao campus (ver figura 04 e 05). Há ainda os que estacionam nas proximidades do Instituto de Teologia Aplicada – INTA.

Figura 03: Estacionamento destinado aos ônibus no campus Betânia



FONTE: Acervo da Pesquisa Interação e movimento: práticas e sociabilidades juvenis nos transportes

Figura 05: Rua de acesso ao CCH



Figura 06: Rua de acesso ao CCH



FONTE: Acervo da Pesquisa Interação em Movimento: práticas e sociabilidades juvenis nos transportes universitários da Região Norte do Ceará

O momento em que os veículos estão estacionados esperando o término da jornada de aulas dos alunos é também o momento em que os motoristas se reúnem em rodas de conversas, de jogos de dama, de baralho, ou mesmo na mesa de estabelecimentos comerciais onde jantam custeados pela cota arrecadada semanalmente. Alguns optam por armar redes sob a copa das árvores dos locais onde estacionam, dentro dos ônibus ou entre um ônibus e outro (ver figura 07) e tiram um cochilo ao som dos seus companheiros rádios de pilha.

FIGURA 07: Motoristas descansando entre ônibus estacionados no CCH

Às 21h 40min, as rodas de conversas e de jogos começam a se desfazer, as redes são desarmadas e cada motorista tende a se direcionar aos seus respectivos veículos para colocar o motor para funcionar, é preciso “esquentá-lo”. Ascendem-se os faróis e o ronco dos motores parece até ser escutado das salas de aulas, pois os universitários-viajantes antecipam o término do expediente letivo, que deveria prosseguir até às 22h e aos poucos vão saindo.

No Centro de Ciências Humanas da UVA, dá-se início a um reconhecimento mútuo e formam-se, nos pátios, agrupamentos por cidades podendo existir o grupo daqueles da sede ou do distrito: ali é o grupo dos estudantes de Itarema, acolá é o dos estudantes de Hidrolândia e em meio a tantos grupos, está o grupo de estudantes de Araquém, distrito do município Coreaú localizado a 80 km de Sobral. É a este grupo que me uno para pegar uma carona que foi previamente negociada entre eu, alguns universitários-viajantes e o motorista, pois em decorrência da superlotação do veículo, é proibido o trânsito de “caronistas”. Enquadra-se nesta categoria toda pessoa que não tem residência fixa em Araquém e/ou que não seja universitário (a). Então, por exemplo, os universitários de Araquém que por motivos variados migraram para Sobral, são considerados caronistas de terça a quinta-feira e têm o trânsito liberado de Sobral à Araquém na sexta – dia em que sempre viajam para passar o fim de semana com a família e de Araquém à Sobral na segunda-feira – dia em que retornam da casa dos familiares. Outro exemplo de caronista é o do morador de Araquém que, não sendo estudante de instituições de ensino superior, faz uso do ônibus universitário para se deslocar até Sobral com a finalidade de resolver assuntos particulares. Eu, enquanto pesquisadora, fui considerada caronista nos primeiros momentos da pesquisa, mas depois de duas semanas de viagem, passei simplesmente a ser a pesquisadora que tinha um lugar reservado, mas sobre isso discorrerei posteriormente.

Ao todo, 08 universitários de Araquém que viajam diariamente no ônibus universitário estudam no CCH. Agrupados, conferem se todos aqueles que vieram no dia estão presentes e em seguida se encaminham para o micro-ônibus que fica estacionado neste campus durante o momento das aulas. Eudes, o motorista que conduz o veículo há três anos⁴, faz uma última vistoria, porque como ele afirma: —se deixar alguém, a confusão está feita, pois eles ficam aí sem ter como voltar pra casa e estando todos presentes, o ônibus segue até o campus Betânia onde apanha 27 estudantes, em seguida passa pelo campus CIDAIO onde embarcam 21 estudantes e por último, passa pelo campus da UFC localizado na antiga

Fábrica de Tecidos de Sobral, para apanhar um único estudante da instituição federal que cursa música. Às 22h e 15 min seguem pela BR 222 por uma hora e meia e chegam em Araquém quando o relógio está quase marcando o dia seguinte. Nesse horário, poucas luzes iluminam apenas a avenida principal do distrito e as ruas escuras que entrecruzam a localidade, só têm como passantes os universitários e as universitárias que estão chegando de Sobral e se dirigem às suas casas para dar fechamento ao expediente noturno.

Ali a viagem não finda, diversos mundos são acessados para além dos territórios geográficos que se traduzem, de um lado, no mundo universitário vivenciado na cidade de porte médio e, de outro, na vida tecida na localidade rural onde residem. Junto ao corpo cansado, esses jovens levam para casa perspectivas e percepções do mundo acadêmico, da vida na cidade de Sobral, do contato com outros colegas de cidades diferentes, do trânsito. Elaboram projeções para o futuro, transformando a si próprios e ao local onde habitam.

Este texto constitui uma análise sobre as experiências de mobilidade vivenciadas nas trajetórias desses jovens que diariamente transitam entre o campo e a cidade com a finalidade de cursar o Ensino Superior. Buscou-se entender a vida vivida *lá*, onde cursam o ensino superior, *na viagem - entre lugares e aqui*, no lugar onde moram⁵.

⁴O motorista foi substituído por outro em novembro de 2012, após o período eleitoral. Discorrerei sobre essa substituição em momento posterior.

⁵Os termos em itálico são advérbios de lugar utilizados pelos interlocutores da pesquisa para designar a posição em que se situam e de onde falam. Difere da posição da pesquisadora para a qual a expressão —*lá* designa a localidade rural estudada e a expressão —*aquí*, designa o local presente da escrita, ou seja, a minha residência em Fortaleza

1. INTRODUÇÃO

Cada pessoa então deveria falar de suas estradas, de seus entroncamentos, de seus bancos. Cada pessoa deveria preparar o cadastro de seus campos perdidos. Cobrimos assim o universo de nossos desenhos vividos. Esses desenhos não precisam ser exatos. Apenas é preciso que sejam tonalizados pelo modo de ser do nosso espaço interno. Mas que livro seria necessário escrever para esclarecer todos esses problemas!

(Gaston Bachelard, *A Poética do espaço*)

As pesquisas que tomam os jovens como objeto de investigação, evidenciam que existem múltiplas formas de vivenciar a juventude. O —ser jovem‖ não constitui uma essência em si mesmo, varia de acordo com a classe social, o gênero, o local de moradia, por exemplo. A juventude, enquanto construção histórica, recebe significados diversos a depender da sociedade na qual está inserida, no tempo e no espaço, não podendo, desta forma, serem estabelecidos limites etários fixos para demarcar esse período da vida. Isto nos leva a afirmar que —somos sempre o jovem ou o velho de alguém‖ (BOURDIEU, 1983, p. 113), assim como o fato de que “jovens da mesma idade vão sempre viver juventudes diferentes” (NOVAES, 2003, p.122).

Enquanto categoria analítica, a juventude passou por várias definições ao longo da história, ora focando elementos fisiológicos e psicológicos, ora focando a faixa etária, delimitando construções que associam os jovens a “problemas sociais” (delinquência juvenil) ou os colocando no papel de agentes de transformação. Porém, as análises focadas em tais aspectos, geralmente privilegiam o estudo de jovens no espaço urbano. Os jovens que vivem em áreas rurais, frequentemente não são reconhecidos em sua multiplicidade de trajetórias, projetos e inserções sociais. O mais comum é reconhecer as juventudes urbanas lançando mão de múltiplas categorias para analisá-la, mas enquadrar em “juventude rural” todos os jovens que moram no campo, não considerando as situações sociais em que vivem.

O aumento dos estudos sobre juventude rural (Weisheimer, 2005; Carneiro & Castro, 2007; Castro *et al*, 2009) tem evidenciado algumas demandas desse segmento que busca cada vez mais ampliar seu acesso à educação, à cultura, às formas de lazer e à renda, por exemplo, sem perder seu vínculo com a família e os valores de seu grupo de origem. O dilema que tem acompanhado a vida de uma grande parcela dos jovens rurais é forjado a partir da construção de suas trajetórias profissionais, pois na maioria das vezes, isso implica em “ficar ou sair” da localidade de origem (Castro, 2005).

Na elaboração dessa análise, considero a contribuição de Castro que afirma:

Ser jovem no campo está marcado por tensões entre o sonho e a luta pela terra, mas também pelas relações de hierarquia e os conflitos com a autoridade paterna. Pensar a inserção desse jovem no meio rural hoje implica enfrentar o esforço de analisar a reprodução de relações de hierarquia em que o jovem ocupa um papel privilegiado no discurso, mas não na prática (CASTRO, 2007, p. 62).

De acordo com a autora supracitada, a categoria juventude pode ser tratada como categoria social, uma vez que a partir dela evidenciam-se relações de hierarquia na sociedade, o que em outros termos significa dizer que, associada à condição juvenil, encontram-se também posições de subalternidade. Para a autora, essa relação de poder atravessa tanto o rural quanto o urbano, embora questões específicas apresentem-se em ambos os contextos. Por exemplo, quando nos referimos à juventude rural, a questão da terra ganha importância, o que não se coloca para juventude urbana. Outro aspecto a ser analisado diz respeito à mobilidade espacial. Para os jovens que vivem nos grandes centros, poder circular pela cidade é um direito a ser conquistado, mas há um certo estranhamento quando se fala em mobilidade da população jovem rural.

É a partir dessas reflexões que esse trabalho tem como proposta pensar a juventude rural a partir da mobilidade de um universo de indivíduos que diariamente transitam entre o campo e a cidade para frequentar Instituições de Ensino Superior - IES, mantendo residência na localidade rural da qual são originários. Os interlocutores da pesquisa são cearenses que percorrem a distância de 160 km diariamente⁶: partem de Araquém (distrito de Coreaú-CE), com destino a Sobral-CE, cidade mais próxima a ofertar cursos de graduação em IES públicas e privadas e retornam daí para a cidade de origem.

O objetivo principal da pesquisa é analisar a relação entre as trajetórias de jovens universitários rurais na busca pelo acesso ao ensino superior e a mobilidade enquanto um campo de possibilidade existente na configuração social analisada, considerando que o trânsito entre o campo e a cidade reconfigura as subjetividades juvenis. Para tanto, fez-se necessário dar encaminhamento analítico a um conjunto de perguntas: Quem são e como vivem os jovens universitários em Araquém? O que fazem para dar continuidade aos estudos? Como são vivenciadas as práticas de mobilidade entre o campo e a cidade? O que motiva os jovens de Araquém a almejar pela incursão no ensino superior? As respostas emergirão junto as vozes que aqui aparecerão.

⁶80 km por trecho.

Frente à Jintensificação dos intercâmbios materiais e simbólicos entre a cidade e o campo e a especificidade desse processo nas trajetórias de vida desses jovens, o estudo visa identificar as alternativas/campos de possibilidades que tais jovens encontram nesses diferentes espaços no caminho de definição de suas trajetórias pessoais. Os jovens aqui estudados negociam com as expectativas dos pais em relação ao seu futuro (quase sempre uma expectativa de prosperidade na escolarização) e com os recursos que herdam das gerações anteriores (a terra, a tradição), construindo nesse diálogo geracional suas trajetórias de vida.

As incertezas quanto ao próprio futuro se fazem presentes quando confrontam as diversas alternativas de vida que se apresentam a partir das experiências de mobilidade, com a precariedade das oportunidades de trabalho no seu local de origem. Pretendeu-se então, identificar os fatores estruturais, objetivos e subjetivos que contribuem para a possibilidade de deslocamentos dos sujeitos pesquisados.

Essa pesquisa lida com o desafio de operacionalizar a categoria rural considerando o intenso fluxo material e simbólico entre o campo e a cidade, o que torna a conceituação do que é juventude rural um tanto flexível. Pretendo abordar o tema a partir da significação nativa da categoria jovem ou juventude, considerando jovem quem se auto identifica ou é identificado como tal, ou seja, como uma identidade atribuída.

Para Carneiro (2005), hoje, o que move a questão social no meio rural é a dificuldade que os pais encontram em manter seus filhos como agricultores, ao mesmo tempo em que desejam que os filhos busquem aquilo que chamam de —vida melhorl - nem que para isso, tenham que migrar. Em sua tese, a autora define essa oposição como “dualidade entre ficar e sair” e esta dualidade, também verificada na pesquisa que vos apresento, perpassa tanto os desejos dos jovens, quanto o de seus pais.

O centro das análises desse estudo são os jovens universitários imersos em experiências cotidianas de deslocamento entre o campo e a cidade. Optei por focar uma dimensão específica de suas vidas, qual seja a inserção no ensino superior atrelada a vivência do movimento de “ir e vir” para a universidade. Denominamos esse processo de deslocamento como “movimento pendular”⁷ e considero que ele constitui um dos elementos de um processo de mobilidade mais amplo que será discutido aqui ao longo dos capítulos.

⁷ No âmbito dos estudos sobre mobilidade humana, pode-se encontrar a utilização dos termos mobilidade pendular, migração pendular ou deslocamento pendular. Entre os geógrafos, sociólogos, demógrafos e demais estudiosos da mobilidade, a utilização de qualquer desses termos não é consensual. Aqui, adoto o termo utilizado pelo IBGE: —**movimento pendular** – deslocamentos diários de casa para o trabalho ou local de estudo (IBGE, 2004, p. 43).

Segui a pista dos estudos biográficos por entender que essa perspectiva ajuda na interpretação das orientações entranhadas nas vidas dos jovens em uma sociedade dinâmica. Tentei seguir a proposta de Wright Mills (1969) de uma sociologia artesanal para tratar de “problemas de biografia, de história e de seus contatos dentro das estruturas sociais”, fazendo um entrelaçamento entre os eventos da vida dos agentes individuais e as condições do contexto em que vivem. Em diálogo com Gilberto Velho (1999), entendo que o melhor caminho para entender a base dos comportamentos, preferências e aspirações dos universitários-viajantes de Araquém é entender suas trajetórias.

Me apropriei do estudo das trajetórias proposto por Bourdieu e cuidadosamente, busquei não tomar a “história de vida” dos indivíduos como algo dotado de sentido. O autor adverte que, uma história de vida assim considerada, assimila as distorções que estão presentes no “modelo oficial de apresentação de si” – carteira de identidade, atestado de estado civil, *curriculum vitae*, biografia oficial – e da filosofia da identidade subjacente a elel (BOURDIEU, 2004, p. 80). A relação entrevistador-entrevistado, quando não tomada de uma perspectiva mais crítica, tende a tomar a apresentação de si como uma história linear, dotada de sentido que é influenciada por múltiplas representações do senso comum. Sobre isso, o autor comenta:

Tentar compreender uma vida como uma série única e, por si só, suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outra ligação que a vinculação a um sujeito cuja única constância é a do nome próprio, é quase tão absurdo como explicar um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diversas estações (BOURDIEU, 2004, p. 81).

Há um alerta sobre o perigo de transpor para o trabalho científico os sentidos que a história de vida traz do senso comum: uma vida cujo desenrolar obedece a uma lógica cronológica, em etapas sucessivas, com um percurso que vai de um ponto de origem a um ponto final e que explica o sentido da vida do indivíduo. Para afastar-se desse perigo, o autor propõe uma intervenção sobre as condições da pesquisa, diminuindo ao máximo a dominação simbólica entre pesquisador e pesquisado. É possível alcançar isso atuando no nível da linguagem, da escolha dos pares entrevistador-entrevistado, conhecendo a temática, respeitando e demonstrando interesse em relação ao discurso do outros (sem que isso implique que o entrevistador tenha que aderir ao ponto de vista do entrevistado).

Para realizar tal empreendimento, Bourdieu propõe considerar os acontecimentos biográficos como “alocações e deslocamentos no espaço social”, como jogo em que os movimentos do jogador são decididos em função da sua posição, interesses, recursos e da avaliação da posição, interesses e recursos dos outros jogadores. Isso exige do pesquisador

um conhecimento prévio do “campus” no qual o entrevistado se move e das condições do entrevistado nesse campus a partir da análise e da “estrutura da distribuição dos diferentes tipos de capital que estão em jogo no campo considerado”. Desta forma, o autor toma uma perspectiva de trajetória como o “conjunto das relações objetivas que vinculam o agente considerado ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo espaço de possíveis” (BOURDIEU, 2004, p. 81-82). Trata, portanto, a trajetória de um indivíduo sempre como relativa às condições objetivas de existência de um grupo social do qual o indivíduo faz parte. Isso permite examinar a relação entre contextos objetivos e significados subjetivos, entre as escolhas, os projetos individuais e os campos de possibilidades.

Seguindo as pistas de Gilberto Velho, penso que “é importante não só estar atento para o sentido da trajetória, seu ritmo, direção e daí extrair consequências, mas também procurar perceber a própria trajetória enquanto expressão de um projeto”. Ainda de acordo com o autor, “a trajetória tem um poder explicativo mas deve ser dimensionada e relativizada com a tentativa de perceber o que possibilitou essa trajetória particular e não outra. É aí que a noção de projeto pode ser útil” (VELHO, 1999, p. 106).

Nesse ponto, ressalto que na pesquisa aqui apresentada estou partindo de uma noção de “projeto” como uma conduta organizada para atingir finalidades específicas (SCHULTZ, 1979 apud VELHO, 1999), considerando a sua associação a um campo de possibilidades implicando na sua formulação e implementação, sendo que os projetos individuais podem ser entendidos como expressão de um quadro sócio-histórico e sua realização depende da sua interação com outros projetos de ordem coletiva ou individual. O autor dispõe que:

O que a noção de projeto procura é dar conta da margem relativa de escolha que indivíduos e grupos têm em determinado momento histórico de uma sociedade. Por outro lado, procura ver a escolha individual não apenas como uma categoria residual da explicação sociológica, mas sim como elemento decisivo para a compreensão de processos globais de transformação da sociedade. (VELHO, 1999, p. 107)

Ao apreender as trajetórias individuais, considero que elas estão relacionadas às trajetórias sociais da coletividade a qual o indivíduo está ligado. Isso relaciona-se com a concepção de Elias (1994) sobre a relação indivíduo/sociedade. Para o autor,

A imagem do homem como personalidade fechada é substituída aqui pela personalidade aberta, que possui um maior ou menor grau, (mas nunca absoluto ou total) de autonomia face a de outras pessoas e que, na realidade, durante toda a vida, é orientada para outras pessoas e depende delas. A rede de interdependência entre os homens é o que os liga. Elas formam o nexos do que aqui é chamado configuração, ou seja, uma estrutura de pessoas mutuamente orientadas e

dependentes. Uma vez que as pessoas são mais ou menos dependentes entre si, inicialmente por ação da natureza, mais tarde através da aprendizagem social, da educação, socialização e necessidades recíprocas socialmente geradas, elas existem, poderíamos nos arriscar a dizer, apenas como pluralidades, apenas como configurações (ELIAS, 1994, p. 249).

Nessa perspectiva, Elias aponta para a interdependência entre indivíduo e sociedade, de forma que tanto um como o outro podem ser tomados como configuração. Esse conceito diz respeito às relações entre as pessoas e aos efeitos da multiplicidade de relações entrelaçadas sobre as orientações individuais e coletivas em um processo que nem pode ser planejado, nem orientado totalmente por nenhuma das partes isoladas, isso porque não podem controlar os efeitos gerados por múltiplas relações entrelaçadas.

Portanto, dado o caráter qualitativo dessa pesquisa, o estudo de trajetórias que proponho fazer se dedica à tarefa de problematizar a diversidade de experiências da juventude rural, trabalhando os entrelaçamentos entre os acontecimentos da vida dos sujeitos e os acontecimentos sociais, entre estes, os acontecimentos e as significações que os indivíduos constroem sobre eles, bem como entre estes significados e as visões de mundo presentes na sociedade.

Marcada inicialmente por observações na cidade de Sobral, local onde ficam sediadas as Instituições de Ensino Superior em que estão matriculados os jovens aqui retratados, a pesquisa ganhou uma pluralidade de experiências, espaços geográficos e situações, pois, estudar jovens inseridos na mobilidade espacial requer a ampliação de fronteiras que não estão circunscritas exclusivamente ao espaço da cidade ou da instituição de estudos, foi preciso mover-me.

O texto é fruto do material produzido durante um ano e meio de observações efetivadas através do acompanhamento das vivências dos estudantes em três espaços principais: A Universidade que, situada em Sobral, representa também o espaço urbano e tanto é o lugar de destino como de onde retornam com um aprendizado institucionalizado, levando para o campo o grande troféu: o diploma de graduação; o transporte que é o meio que possibilita a mobilidade espacial, sendo o lócus em que os estudantes forjam diversas formas de sociabilidades durante os anos da graduação (em média 04 anos); e, por fim, Araquém, distrito rural do município Coreaú, local de origem e moradia dos sujeitos da pesquisa, significando também o local das relações de parentesco, de amizade e relações de trabalho. Em primeiro lugar, vamos entender a configuração das localidades estudadas para em seguida entender as escolhas conceituais que nortearam esse trabalho.

1.1 – Pontos de partida e de chegada

Com uma população de aproximadamente 181 mil habitantes, Sobral está localizada no semiárido cearense⁹, distante 235 quilômetros da capital Fortaleza. A cidade de porte médio¹⁰, nos últimos anos vem apresentando um dinamismo impulsionado tanto pela implantação de indústrias, como pela expansão das atividades comerciais e crescente implementação de serviços mais especializados, principalmente no setor educacional, que é o que nos interessa.

Dentre as atividades educacionais, a ampliação dos serviços de educação superior se destaca no município como um dos principais atributos que intensifica as relações interurbanas e dinamiza a economia local. Atualmente, estão sediadas em Sobral a Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), com uma média de onze mil alunos matriculados; um campus da Universidade Federal do Ceará (UFC) com aproximadamente mil e trezentos alunos; um campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE); a Faculdade Luciano Feijão (FLF), com mil duzentos e quarenta graduandos; o Instituto de Teologia Aplicada, com aproximadamente cinco mil alunos e vários institutos educacionais que oferecem cursos presenciais e à distância. Tais números me foram fornecidos pelas próprias instituições e contabilizam um total que ultrapassa 20 mil estudantes universitários, sendo que estes são oriundos de vários municípios. Portanto, entende-se que Sobral é um polo para onde convergem muitas pessoas em busca de oportunidades de estudo e de trabalho. Além do processo migratório ocasionado por estas buscas, destaca-se um contexto de mobilidade de “idas e vindas” semanais e até mesmo diárias. Como exemplo do “ir e vir” semanal, podemos citar a grande quantidade de docentes do ensino superior que residem em Fortaleza e passam a semana letiva em Sobral e retornam para suas residências na capital, geralmente utilizando as linhas de transporte coletivo. Já o exemplo de mobilidade cotidiana mais intensa pode ser retratado na experiência vivenciada por estudantes de cerca de setenta municípios que viajam para frequentar as IES instaladas em Sobral.

⁹O semiárido brasileiro corresponde a quase 70% do Nordeste, abrangendo os sertões da Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí e o sudeste do Maranhão, bem como o norte dos Estados de Minas Gerais e Espírito Santo. Vivem nesta região 26.423.362 habitantes – 15,56% da população brasileira. No total, o semiárido concentra 1.400 municípios. O Ceará é, dentre os Estados citados acima, aquele com a maior parte de seu território inserido no semiárido, aproximadamente 92%.

¹⁰De acordo com o IBGE, cidade média é aquela que possui entre 100 mil e 500 mil habitantes. De acordo com o censo de 2010, Sobral apresenta uma população superior a 181 mil habitantes. Para além de considerar a demografia, partilho da perspectiva de Spósito (2007) que indica que a importância da cidade média se dá principalmente pela relação direta com a área sobre a qual ela é capaz de exercer influência ou a área a partir da qual alguém está disposto a se deslocar até ela para consumir bens e serviços.

Um dos municípios que se insere no raio de abrangência das IES instaladas em Sobral é Coreaú, distante 60 km de Sobral. Com aproximadamente 22 mil habitantes, o poder público municipal de Coreaú, através da Secretaria de Educação, atualmente custeia um total de quatro veículos por turno (quatro no período da manhã e quatro no período da noite) para que os universitários possam se deslocar diariamente até as IES sediadas em Sobral¹¹. Destes, dois atendem somente aos universitários da sede municipal, um atende aos universitários do distrito Ubaúna e o outro atende aos universitários do distrito Araquém, isso em cada turno. Araquém – localizado a 20 km da sede de Coreaú, portanto a 80 km de Sobral – é local onde moram os jovens aqui retratados, sendo assim o lócus empírico onde faço as observações referentes ao espaço rural (Ver figuras 06).

FIGURA 06: Imagem da Rua Principal do distrito Araquém



Fonte: Hélio Costa (Universitário-viajante de Araquém)

¹¹ Até o ano de 2012, só existia ônibus para universitários dos distritos no turno da noite. Somente o ônibus da sede fazia o trânsito dos alunos no turno da manhã. Em outubro de 2012, após o período de eleições municipais em que o prefeito da situação não foi reeleito, acompanhei o “corte” do veículo da manhã e do veículo do distrito Ubaúna. No ano de 2013, após assumir o cargo, a prefeita eleita ampliou o número de veículos atendendo a demanda dos alunos que estudam pela manhã, tanto na sede municipal como nos distritos de Ubaúna e Araquém. Isso trouxe consequências relevantes que serão discutidas posteriormente.

Com uma população de aproximadamente 04 mil habitantes¹², o distrito tem a forma de um vilarejo médio, dispendo de uma Escola Estadual, uma Escola Municipal, uma Igreja, duas praças, um Posto de Saúde, e poucos serviços comerciais. Existem três pequenos estabelecimentos denominados como “bodegas”¹³ que vendem uma variedade mínima de produtos alimentícios, de limpeza e higiene pessoal, alguns bares e um espaço cuja estrutura é dividida entre uma farmácia e uma loja de confecções. A principal fonte de renda do distrito nos últimos dez anos decorre dos benefícios governamentais concedidos principalmente através do programa Bolsa Família e das aposentadorias especiais concedidas à agricultores, bem como o pertencimento ao funcionalismo público através de empregos municipais ou estaduais nas escolas sediadas na localidade.

Diariamente, 63 estudantes¹⁴ partem do distrito em um ônibus com 40 assentos (ver figura 08) que, como já foi colocado, é custeado pelo poder público municipal. Desse número total, 37 são mulheres e 26 são homens. 57 são estudantes de IES públicas, sendo que 47 estudam na UVA, 09 estudam no IFCE e um estuda na UFC. Três pessoas estudam na FLF e duas estudam no INTA – ambas instituições privadas. Esses estudantes que se deslocam diariamente estarão referidos ao longo do texto como “**universitários-viajantes**”, pois os próprios fazem questão de se diferenciar de um grupo maior de estudantes composto por sujeitos que cursam o ensino fundamental e médio, bem como dos grupos dos universitários “sobralenses” e dos “moradores de repúblicas”¹⁵. Classificam o deslocamento enquanto uma viagem pela significação que dão ao par tempo- espaço, como veremos ao longo do texto. Se reconhecem como universitários-viajantes, isso faz deles um grupo diferenciado em termos de vivências juvenis numa realidade mais ampla que é a das formas de acesso ao ensino superior em localidades rurais. O termo viagem é acionado para enfatizar diferenças, como veremos.

¹²Dado do Censo de 2012 obtido na agência do IBGE localizada em Sobral.

¹³Bodega é um termo bastante utilizado no Ceará para designar armazém ou pequenas vendas com produtos variados.

¹⁴ Esse é o número contabilizado em 2013.1 a partir do cadastro dos universitários de Araquém que se associaram à Associação dos Universitários de Coreaú e da previsão do número de pessoas que não se cadastraram. Esse número pode variar de semestre para semestre, pois tanto ingressam novas pessoas no ensino superior, quanto concluem a graduação.

¹⁵Para entender melhor essa diferenciação, Cf. O trabalho monográfico de Nayana Albuquerque (2012). A partir de três categorias específicas: —viajantes!, —moradores de repúblicas! e —sobralenses!, a autora estuda os significados que os estudantes da UVA atribuem ao ser universitário.

FIGURA 08: Ônibus que transporta os universitários de Araquém estacionado no distrito



Fonte: Arquivo pessoal

Para além desse contingente que se desloca diariamente para frequentar a universidade, 33 jovens de Araquém migraram para Sobral com finalidade de concluir a graduação e moram distribuídos em 06 repúblicas estudantis, que na sua maioria são constituídas por pessoas da mesma localidade de origem, havendo apenas uma divisão entre sexo – 03 repúblicas são formadas apenas por meninas, 01 república é formada apenas por meninos e 02 repúblicas são “mistas”, ou seja, formada por homens e mulheres que geralmente, têm algum grau de parentesco (Ver tabela 01).

As repúblicas ficam todas no Alto da Brasília, bairro localizado ao lado do campus Betânia da UVA que é considerado um bairro periférico em Sobral. A “opção” por esse local de moradia decorre dos seguintes motivos: 1) o baixo custo dos aluguéis, se comparado a outros bairros de Sobral que ficam próximos a campus universitários; 2) a proximidade do campus Betânia, que é onde ficam localizadas a maior parte das instâncias administrativas da UVA e por ser um local que facilita o deslocamento dos estudantes, pois ônibus de quase todas as cidades passam pelo campus Betânia e se dirigem a outros campus da UVA e de outras IES dando “carona” aos estudantes que solicitam. Assim, evitam o gasto com pagamento de mototáxi em que a “corrida” para qualquer lugar da cidade de Sobral

custa dois reais e cinquenta centavos, ou táxi, em que a corrida não é contabilizada por meio de taxímetro, mas estabelecida por um preço afixado em tabela. Na cidade só há uma linha de ônibus que faz uma rota muito específica e não passa pela maioria dos bairros, portanto, táxi ou mototáxi são as duas formas automotivas de locomover-se em Sobral¹⁶.

Tabela 01: Relação das repúblicas formadas por universitários de Araquém em Sobral

REPÚBLICAS	REPÚBLICA	REPÚBLICA
República da Tati: - 5 meninas - 3 são universitárias e 02 trabalham na Grendene;	Janio: - 6 meninos - 1 trabalha e os demais são	República do Gleiciane: - 4 meninas e 03 meninos - odos são universitários
República da Daline: - 5 meninas -	_____	República do Ademir: - 4 meninas e 04 meninos -
República da Verônica: - 7 meninas	_____	

Fonte: Talita Bezerra – tabela construída com base na pesquisa de campo, com a informação de alguns moradores das repúblicas.

Somando os universitários-viajantes aos universitários migrantes, no período da pesquisa, havia 96 universitários originários de Araquém, todos com idade entre 18 e 27 anos. Esse número é relativamente alto se considerarmos que estamos retratando a realidade de um distrito pequeno que dispõe apenas de uma escola de ensino fundamental e uma escola de ensino médio, as quais são, respectivamente, da rede municipal e estadual de ensino. Nenhum distrito rural que está inserido no raio de influência da UVA tem tantos jovens matriculados no ensino superior quanto Araquém e há uma comparação frequente entre a sede do município de Coreaú e o distrito de Araquém pelo fato deste último vir, por três semestres consecutivos, aprovando no vestibular um número maior de pessoas do que a sede municipal, a qual tem uma quantidade bem maior de habitantes. Essas peculiaridades justificam a escolha de Araquém como lócus de pesquisa.

¹⁶Estou elencando aspectos gerais das repúblicas de estudantes de Araquém para que o leitor tome conhecimento de que, além da realidade dos universitários-viajantes, há a realidade dos que migraram. Porém, esse trabalho pretende retratar somente os que transitam diariamente entre o campo e a cidade. Sobre a vivência em repúblicas na cidade de Sobral, Cf.(Menezes e Freitas, 2007 e Menezes, 2009).

1.2 - Escolhas técnico-metodológicas

Várias vozes aparecerão no texto como resultado de conversas registradas no diário de campo mas, formalmente, foram entrevistadas sete pessoas. Todas as entrevistas foram realizadas após o primeiro contato com os estudantes, depois de momentos de conversas informais que me deram elementos para elaborar um esquema semi-estruturado de perguntas. Esse esquema não pretendeu “fechar” questões, mas assegurar elementos comuns em todas as entrevistas, pois no contato prévio com os entrevistados, percebi que estes vivenciam muitas questões parecidas. Entrevistei jovens de ambos os sexos; estudantes de IES públicas e privadas, que cursam graduações diferenciadas. Todos são filhos de agricultores porque essa característica diz respeito a grande maioria dos universitários de Araquém.

A escolha dos entrevistados se deu pelo estabelecimento de redes de contato onde, a partir de uma interlocutora-chave, com a qual eu mantinha uma relação de amizade antes da pesquisa, cheguei aos demais. Portanto, achei desnecessário adotar critérios específicos para “escolher” os interlocutores da pesquisa. As entrevistas foram realizadas em locais sugeridos pelos próprios pesquisados, pois eu tinha que obedecer ao tempo que esses disponibilizavam. A maioria foi feita no Centro de Ciências Humanas da UVA, no horário de intervalo que se estendia pelo segundo tempo das aulas (alguns faltaram aulas nos momentos de entrevistas). Uma foi feita no campus Betânia, pois era o local mais próximo à casa de Renato, um jovem que migrou para Sobral. Uma foi feita no ônibus universitário de Araquém, pois a entrevistada não se dispôs a faltar aula e como trabalhava o dia inteiro, era inviável a realização da entrevista. E uma outra foi feita na Faculdade Luciano Feijão, pois sou professora na mesma e o interlocutor foi meu aluno, portanto, foi o local mais viável.

Apesar de ter carta de cessão de direitos de todas as entrevistas realizadas, os nomes dos interlocutores foram trocados. Isso foi um compromisso que firmei com os mesmos, pois achamos mais pertinente resguardar as identidades pelo conteúdo “pessoal” das entrevistas. Como estou lidando com pessoas que partilham do mundo acadêmico – uns são inclusive meus pares pela área de formação, há uma grande possibilidade desse trabalho ser lido por eles e poderia haver alguma implicação no reconhecimento de uns por outros.

O quadro a seguir, apresenta os jovens entrevistados a partir de informações básicas que revelam um pouco do perfil de cada um:

Tabela 02: Perfil dos entrevistados – os nomes seguidos de asterisco e em negrito são daqueles cujas trajetórias serão reconstruídas

Nome	Idade	Graduação	IES	Profissão Atual	Irmãos universitários
Conceição	1	C. Sociais	UVA	Funcionária da Prefeitura de Sobral	1
Fabiano*	0	Direito	FLF	Técnico de informática em Araquém	0
Gabriela	6	C. Sociais	UVA	Professora da Escola Estadual em Araquém	2
Lia	3	C. Sociais	UVA	Secretaria no Hospital Municipal de Coreaú	0
Márcia	4	História	UVA	Coordenadora da Escola municipal de Araquém	1
Renato Chaves*	9	C. Sociais	UVA	Secretário da 2ª Vara civil no Fórum de Sobral	1
Zilma Frota	7	C. Sociais	UVA	Professora do Estado em Araquém	2

Fonte: Talita Bezerra

Optei por organizar o texto da seguinte forma: No capítulo um apresento algumas escolhas teóricas referentes à temática desse estudo, bem como as discussões referentes ao processo metodológico de pesquisa, indicando as escolhas de perspectivas e o que motivou estas escolhas e como foram tecidas as relações para que a pesquisa pudesse ser realizada. No capítulo dois reconstruo a trajetória de dois dos entrevistados no processo de pesquisa. Em seguida, analiso tais trajetórias identificando a juventude a partir dos seguintes reconhecimentos: Família, trabalho e tradição, como um conjunto específico e em outro momento, a educação. No capítulo três, levo em consideração o fato de que o objetivo desse trabalho é entender as trajetórias dos jovens de Araquém em consonância com suas experiências de deslocamento, discuti nesse capítulo mais detalhadamente a mobilidade espacial, esse fator que condiciona a forma como os indivíduos elaboram seus projetos, significam e re-significam suas vidas.

2.CAMINHOS QUE SE FAZEM NA ESTRADA: ESCOLHAS TEÓRICAS, METODOLÓGICAS E TRABALHO DE CAMPO

Caminhos percorridos são caminhos escolhidos. Escolher um caminho: Quais são as possibilidades? Por onde ir? Fazer de que maneira? Os jovens rurais cearenses, ao longo de suas vidas se deparam com múltiplos caminhos. Alguns desses guardam relação com as trilhas de terra seca dos roçados; outros com estradas e tempos longos: são os que resolvem migrar; com estradas e tempos relativamente curtos: são os que se inserem no movimento pendular a fim de trabalhar ou estudar. Há muitos caminhos a escolher e se não houver, ainda que com dificuldades, há instrumentos para que sejam abertos. Tudo vai depender da escolha e do campo de possibilidades de cada um. Optar por um caminho na cartografia das diferentes realidades é o resultado de um posicionamento, de busca e sobretudo de escolha. Assim como os sujeitos da pesquisa constroem seus itinerários, nesse estudo, eu, enquanto pesquisadora, tive que construir o meu e é aqui que vos apresento. Levando em consideração a perspectiva multidisciplinar desse trabalho, inicio discutindo as escolhas teóricas.

2.1-A juventude abordada pelas grafias sociológicas

Optei por tematizar o objeto de estudos dessa pesquisa na vertente da sociologia da juventude olhando os sujeitos da pesquisa a partir de duas perspectivas: 1º) sua aparente unidade; 2º) sua diversidade. A primeira perspectiva leva em consideração um grupo etário, pois todos os moradores de Araquém matriculados no Ensino Superior no período da pesquisa estão em uma faixa etária que varia entre 18 e 27 anos, dado que os inserem na perspectiva de juventude adotada pelo “Estatuto da Juventude” que, aprovado em abril de 2013, “dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude (Sinajuve)” e considera jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade. Apesar de considerar importante essa disposição que classifica o jovem a partir de um limite mínimo e máximo de idade, acredito que “o recorte etário permite pesquisas quantitativas em larga escala e a definição de públicos-alvo de políticas públicas. No entanto, deve-se observar os limites destas definições e questionar a naturalização da associação entre juventude e uma faixa etária específica” (Castro, 2005). A segunda perspectiva leva em consideração o fato dos sujeitos pesquisados se auto-reconhecerem como jovens e acionarem com frequência a palavra juventude para justificarem suas escolhas, seus desejos, seus planos, suas ações. Assim como se reconhecem enquanto jovens, também são reconhecidos pelos seus pais, pela população

da localidade de origem, por professores das IES em que estudam. Mostrarei a diversidade de suas representações sobre juventude e de suas experiências a partir da re-construção de trajetórias individuais.

Para falar em juventude nos dias atuais, é preciso considerar a heterogeneidade característica da sociedade contemporânea. Uma das marcas dessa heterogeneidade é a própria imprecisão sobre o que é ser jovem, uma vez que, não havendo “nenhum limite fisiológico para identificar analiticamente uma fase da vida”, ela pode ser melhor explicada pela “determinação cultural das sociedades humanas” (LEVI e SCHIMITT (1996, p. 08). Portanto, a demarcação de um conceito fixo recai em uma fragilidade epistemológica.

Como apontam Levi e Schimitt (*op. cit*), não há um marco biológico/fisiológico para determinar a juventude, porém, a noção mais geral sobre a mesma nas sociedades ocidentais refere-se a uma faixa etária, um período da vida em que se completa o desenvolvimento físico de uma pessoa e uma série de mudanças psicológicas e sociais ocorrem. Groppo (2000), Margulis (2001) e Dayrell (2007), ao discutirem a juventude, entendem-na como produto de construções históricas, sociais e culturais, marcada pela diferença social – de classe ou estratificação social, pelo gênero, etnia, lugar em que vivem, grupo religioso e pela geração à qual pertencem. Os autores rompem ainda com a preponderância da dimensão etária, abordagem que vai de encontro com a minha perspectiva nesse trabalho quando considero que sujeitos com a mesma idade vivenciam várias dimensões da vida social de maneira diferenciada. Porém, apesar de não tomar a faixa etária dos sujeitos pesquisados como um fator **preponderante** para classificá-los como jovens, enfatizo que, a idade em que se encontram (entre 18 e 27 anos, como colocado em momento anterior), fazem deles sujeitos com direitos específicos que devem ser atendidos pelas políticas públicas de juventude estabelecidas no Brasil e resguardados tanto pelo Estatuto da Criança e do Adolescente – para jovens até 18 anos – quanto pelo Estatuto da Juventude.

De acordo com Bourdieu (1983), a fronteira entre a juventude e a velhice é um objeto de disputas em todas as sociedades, mas, os limites variam no tempo, em diferentes culturas e classes sociais. As pesquisas antropológicas, principalmente através dos estudos sobre família e parentesco nas sociedades indígenas, constituem uma fonte rica em exemplos para demonstrar que as etapas biológicas da vida são elaboradas simbolicamente, com rituais que definem fronteiras entre idades que são específicas de cada grupo social. Rangel (1999), elenca como se dá o processo de socialização em algumas comunidades indígenas, exemplificando ciclos rituais que demarcam a transição de papéis na vida dos indivíduos. De

acordo com a autora,

Na sociedade Xavante, por exemplo, existe a casa dos solteiros para onde se dirigem os meninos em processo iniciático. Essa casa pode estar localizada no pátio da aldeia, a vista e ao alcance de todos, mas está proibida a entrada de mulheres que só vão lá para levar alimentos. Durante a iniciação, os meninos podem frequentar a casa de suas mães, mas do ponto de vista simbólico, a permanência na casa dos solteiros representa a separação entre o filho e a mãe e portanto, o preparo para o relacionamento com outra mulher com quem terá filhos e partilhará responsabilidades familiares. A formação do homem adulto e sua incorporação no universo masculino exige diversos testes de virilidade, força física, domínio das emoções – em particular do medo – e constante aprimoramento de atividades básicas que o trabalho requer, assim como a assimilação das regras e valores culturais. Desse modo, os meninos passam por uma série de provações, tais como: passar uma ou mais noites sozinhos na mata, levar muitas picadas de formigas, pisar em brasas, inscrever tatuagens, e furar partes do corpo (...) Os rituais de iniciação relativos à mudança de estado da infância para a maturidade, praticamente encerram o processo de educação básica. O adulto não está pronto e acabado nesse momento, seu processo de socialização é contínuo, até a morte: é preciso saber viver e morrer, saber envelhecer e assumir papéis e funções diferenciadas ao longo da vida. (RANGEL, 1999. p. 150-151)

O exemplo nos mostra que não há exatamente uma passagem para a etapa demarcada como juventude, mas sim uma atribuição de papéis que marcam a transição na vida de indivíduos do sexo masculino. Em relação as meninas, Rangel (*op. cit*) também mostra que na maioria das vezes, um fator fisiológico marca o momento em que os rituais de iniciação/passagem devem acontecer: a menstruação e as transformações no corpo (surgimento dos pelos, aumento dos seios). Os rituais femininos implicam em um longo período de reclusão – podendo variar entre seis meses e dois anos – ao fim do qual têm de mostrar que estão familiarizadas com os segredos da vida reprodutiva, com os tabus alimentares, com a confecção de alguns objetos etc. É a partir dessas provas que muda-se de status, são considerados homens ou mulheres e passam a ser reconhecidos como membros pertencentes ao grupo.

Ariès (1981), a partir de levantamento de fontes históricas europeias – como manuscritos e pinturas – aponta que no século XVI, por exemplo, a juventude iniciava a partir do momento em que o indivíduo passava a ter força física para trabalhar, de modo que assim pudesse gerir a sua vida ou, pelo menos, suas necessidades básicas. Entre os séculos XVI e XVIII, os indivíduos entre 10 e 25 anos de idade frequentavam a mesma —classe escolar, pois o nível do conhecimento de latim era o critério utilizado para formar grupos de alunos e as diferenças etárias não eram sequer levadas em consideração. Partindo de análises de escritos da Idade Média, Ariès (*op. cit*) indica sete etapas diferentes da vida: a primeira idade, que é a infância, constitui o período que durava até os 07 anos de idade; daí até os 14 anos, a *pueritia*;

dos 14 aos 35 era a etapa da adolescência, caracterizada principalmente pela capacidade de procriar; em seguida vinha a juventude, que podia durar até os 45 ou 50 anos, de acordo com a capacidade para o trabalho; e por último, a velhice. Deve-se ressaltar que essas divisões, além de serem colocadas pelo autor de forma muito genérica, não eram comuns a todas as classes sociais, muito de suas caracterizações eram marcadas pelas capacidades físicas e disposições corporais, o que variava entre a nobreza e o povo.

Como mostram os exemplos, a classificação de juventude com base em critérios etários é limitada porque, dependendo do período histórico, do contexto de socialização, dos indicadores econômicos, do grupo cultural, as formas de classificar se modificam. Dialogando com a realidade estudada nessa pesquisa, que diz respeito às vivências de jovens do meio rural, os estudos sobre campesinato ilustram que, no campo/meio rural, se pode ser “menino de mais de 45 anos”, pois em alguns contextos, só se tornam adultos, e por tanto respeitados, aqueles indivíduos que assumem a pequena propriedade da família (Castro, 2005) ou, como no caso pesquisado, os indivíduos que terminam o ensino superior e optam por encerrar a vida acadêmica para se estabelecerem em um emprego e formarem uma família¹⁷.

Machado Pais (1990), discorrendo sobre as generalizações arbitrárias relacionadas ao conceito de juventude, indica que estas podem ser agrupadas em duas correntes principais: a corrente geracional e a corrente classista. Ambas associam o conceito de cultura juvenil ao de cultura dominante e tanto em uma quanto em outra, —as culturas aparecem subordinadas a uma rede de determinismos que estruturalmente, se veiculariam entre cultura dominante e subcultura (PAIS, 1990 p. 160). Para levar a discussão à cabo, é necessário esclarecer que o conceito de cultura juvenil é operacionalizado,

Com o propósito de discernir os diferentes significados e valores de determinados comportamentos juvenis, sendo as culturas juvenis predominantemente vistas — tanto pela corrente geracional como pela corrente classista — como processos de internalização de normas, como processos de socialização. É, por conseguinte, ao nível representações sociais dominantes (das culturas dominantes) que a culturas juvenis se têm analisado. (PAIS, 1990, p. 163)

¹⁷Optar por encerrar a vida acadêmica significa abrir mão da etapa de pós-graduação. Muitos dos jovens pesquisados já são empregados, mas consideram o emprego algo provisório, pois esperam o diploma de graduação para mudar de atividade. Alguns são casados e têm filhos, mas na condição de universitários, se consideram jovens, situação que muda após concluírem o ensino superior, como veremos adiante

Na corrente geracional, a juventude é tomada como uma fase da vida e o caráter singular desse segmento é enfatizado. Trata-se do momento de transição no ciclo de vida, da infância para a maturidade, que corresponde a um momento específico e dramático de socialização, em que os indivíduos processam a sua integração e se tornam membros da sociedade, por meio da aquisição de elementos apropriados da “cultura” e da assunção de papéis adultos. A questão essencial que esta corrente discute está relacionada à “continuidade/descontinuidade dos valores intergeracionais. O quadro teórico dominante baseia-se nas teorias da socialização desenvolvidas pelo funcionalismo e na teoria das gerações” (*op.cit*, p. 152).

Os conflitos, ou descontinuidades intergeracionais, são vistos, na maior parte dos casos, como disfunções nos processos de socialização referentes à juventude, tomada no sentido de fase de vida. Definida nestes termos, a juventude passa a ser um momento crucial, onde o “indivíduo se prepara para se constituir plenamente como sujeito social, livre, integrando-se à sociedade e podendo desempenhar os papéis para os quais se tornou apto pela interiorização dos seus valores, normas e comportamentos” (ABRAMO, 1997, p.29). É justamente por isso que se trata de um momento dramático para a continuidade social, no qual a integração do indivíduo se efetiva ou não, trazendo consequências para ele próprio e para a manutenção da coesão social.

Admite-se a existência de uma cultura juvenil que, de certa forma, se oporia à cultura de outras gerações. Tal oposição pode assumir diferentes tipos de descontinuidades intergeracionais, falando-se ora de socialização contínua, ora de rupturas. Quando os jovens são socializados de acordo com as normas e os valores predominantes entre as gerações mais velhas, fala-se de socialização contínua; quando as descontinuidades se traduzem em tensões ou confrontação, fala-se em rupturas, conflitos ou crises intergeracionais. Para ambos os casos, “a renovação e a continuidade da sociedade dependeria da relação entre as gerações, dialeticamente submetidas a uma ou outra forma de tensão” (Pais, 1990, p. 152-153).

Nessa acepção, os indivíduos experimentam o seu mundo, as suas circunstâncias e os seus problemas, como membros de uma geração, vivenciando circunstâncias e problemas semelhantes. No que se refere ao relacionamento entre jovens e adultos, esta corrente assinala os relacionamentos aproblemáticos e os relacionamentos problemáticos: o primeiro expressaria uma pauta onde “se admite a existência de culturas juvenis, mas esta estaria integrada no tecido social compartilhado pela cultura adulta”. A segunda “expressaria a existência de pautas incompatíveis, ou, de algum modo, divergente, ou só muito relativamente articuláveis, sob o mesmo teto social” (Pais, *op. cit*, p.153).

Machado Pais critica a corrente geracional por sua forte tendência a olhar a juventude como uma entidade homogênea, o que para o autor poderá ocasionar consequências conceituais desastrosas. A complexidade das novas situações têm levado alguns pesquisadores a estabelecer um amplo leque de modelos de transição para a vida adulta. No Brasil, o Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas – IPEA, desenvolveu uma pesquisa baseada em análise da Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar – PNAD de 1982 e 2002, “para explorar as variadas formas de transição para a vida adulta entre jovens que se tornaram independentes, saindo da casa dos pais na condição de chefes e cônjuges, e entre os que nela permanecem na condição de filhos e outros parentes” (CAMARANO *et. al.*, 2004). Essa multiplicidade de situações levou a equipe a estabelecer cinco modelos de transição somente para classificar os jovens que continuavam na condição de filhos, nomeados como: a) transição tradicional; b) escolarização prolongada; c) transição parcial; d) transição indefinida; e) transição precoce. Desta forma, fica ainda mais difícil definir quando efetivamente ocorre a transição para vida adulta. Na conclusão da pesquisa, assume-se “a multiplicidade de situações em que a transição pode ocorrer” como também se assume “que os processos são marcados por trajetórias não lineares das fases da vida, podendo, por exemplo, os filhos virem antes do casamento, o casamento antes da inserção no mercado de trabalho, e assim por diante” (CAMARANO, *et. al.*, 2004). Logo, um processo de transição assim tão estendido acaba não se aplicando à transição da juventude à vida adulta, por se referir a acontecimentos que atravessam a vida também do adulto e não apenas de um grupo “que está em transição”.

Na sociedade contemporânea existe um descompasso entre projeto de vida e condição de realização. Isso possibilitaria a compreensão do por que atualmente haver uma tendência do aumento do período da juventude. A dificuldade de inserção no mercado de trabalho vivenciado por uma grande parcela de jovens contribui para o aumento do período da escolarização. Ou seja, um alargamento da situação de transição, de relatividade de direitos e deveres (WEISHEIMER, 2005 p. 22). No entanto, maior escolaridade não é sinônimo de emprego garantido. Em 1983 Bourdieu já alertava para o descompasso entre as aspirações que o sistema escolar favorecia em termos de engajamento profissional e as reais chances de ingresso no mercado de trabalho. Na concepção do autor, o sistema escolar contribui para reproduzir os privilégios. Weisheimer (2005) acrescenta que o impedimento de acesso a uma condição profissional estável tem contribuído para o adiamento da formação de novas famílias.

Machado Pais (2001), aponta para a ambiguidade do processo de transição quando confrontada com o que ele nomeia por “princípio da reversibilidade”, que é a alternância das

condições consideradas definidoras de uma transição efetivada. O autor afirma que as distinções entre estudante/não estudante, trabalhador/não trabalhador, casado/solteiro, utilizadas como marcadores da transição para a vida adulta são hoje, permeadas por situações intermediárias e reversíveis nas trajetórias de jovens e adultos das sociedades contemporâneas, principalmente a partir dos anos 90, levando o autor a denominar as novas gerações como “geração iô-iô”. O que o autor explora é o caráter provisório das situações, por exemplo, a saída dos jovens da casa dos pais pode não ser definitiva, a profissão pode não ser definitiva, nem a autonomia financeira, nem a manutenção de um novo núcleo residencial independente da casa dos pais.

Interpretando o conjunto teórico que forma a “corrente classista”, Pais diz que esta vê as culturas juvenis como cultura de classe social, sendo sempre entendidas como produto de relações antagônicas de classe. Daí resulta o fato de as culturas juvenis serem apresentadas como culturas de resistência, ou seja, “culturas negociadas no quadro de um contexto cultural determinado por relações de classe” (PAIS, 1990, p. 158). Para essa vertente, há uma reprodução social em termos de reprodução das classes sociais, sendo assim, ela critica o conceito de juventude quando este aparece associado a uma fase da vida e acaba por também criticar qualquer conceito de juventude, uma vez que mesmo sendo entendida como categoria, acabaria por ser dominada por relações de classe.

Machado Pais critica esta corrente por ela investir mais esforços em descobrir experiências que se encaixem na forma como a corrente enxerga a realidade juvenil, o que faz com que a relação *empíria x teoria* acabe sendo uma relação de enquadramento em que procura-se um “tipo ideal”¹⁸ a partir de determinadas regularidades. Essa abordagem deixa à margem as culturas juvenis que não se manifestam como cultura de resistência.

As análises empreendidas pela corrente classista recaem num determinismo social quando enquadram de maneira homogeneizante o indivíduo em grupos sociais específicos e não consideram os seus multipertencimentos. Concordo com as críticas de Machado Pais por entender que não devem haver previsibilidades ou determinações em trajetórias sociais que se tecem no movimento cotidiano da vida, pois os imponderáveis da vida real podem mudar itinerários, abrir diversas vias como vamos ver nas trajetórias dos jovens elencados aqui posteriormente. Existem múltiplas redes de “interdependências” que ligam os indivíduos à configurações, fazendo deles seres plurais. Essa forma de pensar a pluralidade do ser tem a ver com o que Elias (1994) definiu como a interdependência entre o indivíduo e o coletivo.

¹⁹O tipo ideal é uma construção da sociologia Weberiana que transforma as estruturas e regularidades em produtos de artifícios sociológicos.

Na abordagem de Elias, o indivíduo está ligado à sociedade e a outros indivíduos a partir de interdependências de forma que, tanto a sociedade como o indivíduo podem ser tomados como “configuração”. Esse termo traduz os multipertencimentos do indivíduo, serve para designar as diferentes formas que assumem as redes de interdependências entre os homens (família, classes sociais, associações, cidades, estados nacionais, sistema capitalista etc.). Trata-se da relação entre as pessoas e os efeitos da multiplicidade de relações entrelaçadas sobre as orientações individuais e coletivas. Esse processo nem pode ser planejado e nem orientado completamente por nenhuma das partes isoladas por não ser possível controlar os efeitos gerados por múltiplas relações entrelaçadas. Portanto, sustento a minha discordância em relação à “corrente classista” a partir da concepção de interdependência e figuração de Elias.

Para pensar a juventude, Machado Pais propõe um conhecimento dos modos de vida dos jovens, das suas estratégias e táticas cotidianas. No meio rural há uma diversidade de maneiras de viver a juventude, de acordo com Wanderley, —não podemos tomar a juventude rural de forma isolada, como se ela pertencesse a um mundo à parte, não integrado à sociedade em geral, mas também não podemos diluí-la, como se ela fosse homogênea. (2007, p.31). Foi na tentativa de evitar homogeneizar a juventude rural que optei por reconstruir as trajetórias de três jovens sujeitos da pesquisa. É preciso considerar que o local de moradia influi na conformação do campo de possibilidades para os seus moradores. Dependendo do lugar, as oportunidades de trocas materiais e simbólicas aumentam ou diminuem, ampliam ou restringem acessos. Como assinala Novaes, “hoje, o endereço é mais do que um marcador de estratificação social” (2006, p. 106), portanto, vamos entender a diferenciação entre campo e cidade, tratados aqui respectivamente como local de moradia e de estudos.

2.2- Campo x cidade para pensar o ideal “rurbano”

No Brasil, há uma definição administrativa do rural que incorpora tudo aquilo que não é uma aglomeração dotada de alguns serviços. Para essa classificação, independente do tamanho, todos os municípios brasileiros compõem-se de uma parte considerada urbana, mesmo se ela tiver uma população bastante reduzida, e de uma área definida como rural, caracterizada por habitações dispersas. Então, por exemplo, se uma localidade muito pequena é promovida à categoria de município, ela se tornará uma aglomeração com estatuto urbano, ainda que possua apenas mil habitantes. Um pequeno vilarejo é considerado espaço urbano ainda que, do ponto de vista sociológico, não ofereça nenhuma experiência urbana aos

seus habitantes. Veiga (2002) e Wanderley (1997, 1999, 2001) discordam de tal definição por esta adotar um procedimento que faz com que o Brasil seja visto muito mais “urbanizado, com mais de 80% da população vivendo em cidades”.

De acordo com esses parâmetros, os dados do censo 2012 realizado pelo IBGE apontam que, além da classificação geral referente ao número de habitantes em zonas rurais e urbanas do município de Coreaú, há uma divisão entre a população rural e urbana do distrito Araquém. Aproximadamente 1.117 pessoas vivem na zona urbana de Araquém, enquanto uma média de 2.966 pessoas vivem na zona rural do distrito. Não é essa divisão administrativa que adoto nesse trabalho. O principal critério trabalhado é o auto-reconhecimento dos sujeitos da pesquisa ao espaço rural, o que me leva a analisar o distrito de Araquém como um todo enquanto espaço rural. Para pensar essa realidade, optei por reconstruir sociologicamente as concepções de campo x cidade ou rural x urbano. Esses dois pares de nomenclaturas, aparecerão para referir-se respectivamente à Sobral e Araquém.

O meio rural brasileiro é um espaço heterogêneo e diversificado, onde são tecidas relações sócio-culturais singulares, ao mesmo tempo em que se mantêm vínculos com os centros urbanos. Há uma influência histórica que demarca a relação campo-cidade e em termos de análises sociológicas, essa relação foi fundada por um dualismo conceitual e analítico pautado pelo desenvolvimento da industrialização. Elaborou-se um esquema de raciocínio binário que definiu cada uma dessas realidades em oposição à outra.

Uma das abordagens mais clássicas do pensamento sociológico sobre o par rural-urbano está nas elaborações teóricas de Ferdinand Tönnies (1989) com a distinção que o autor faz entre *comunidade* e *sociedade*. Para Tönnies, a *comunidade* se caracteriza por uma harmonia social na qual se sobressaem as relações de afetividade e intimidade que confluem para o interesse e permanência da coletividade. Esta, por sua vez, se reproduz através da conjunção entre tradição e natureza – na comunidade, o homem preza os critérios básicos de socialização tradicional e estabelece uma relação diferenciada com a natureza. Em oposição, a *sociedade* fomenta o individualismo e o conflito social, através de relações utilitárias e superficiais que impossibilitam qualquer noção coletiva de bem comum. Esse binarismo estabelece uma correspondência respectiva entre meio rural e comunidade, por um lado, e entre meio urbano e sociedade por outro, inaugurando uma matriz sociológica que analisa questões rurais e urbanas.

Louis Wirth (1987), um dos representantes da Escola de Chicago que se debruça sobre as questões urbanas, elabora um ensaio a partir do qual pretende caracterizar a cidade e o modo de vida urbano, apontando que dois dos componentes essenciais do espaço urbano

são: a dimensão e a densidade. A extensão urbana, bem como a densidade populacional são responsáveis pela diferenciação entre os homens e suas atividades, provocando a compartimentalização e especialização do espaço da cidade que passa a ser organizado de forma em que, o local de trabalho tende a dissociar-se do local de residência, pois a proximidade dos estabelecimentos industriais e comerciais torna a mesma área indesejável para fins habitacionais. Há uma heterogeneidade que caracteriza o modo de vida urbano a qual se dá pelo aumento da mobilidade espacial e social que faz com que o indivíduo possa integrar diversos grupos. Em pleno contexto urbano, o indivíduo pode mudar facilmente de bairro, local de trabalho, de partido etc. Essa situação contribui para a diversificação das relações e papéis sociais.

Wirth (*op.cit*) analisa um conjunto de alterações que se desenrolam na estrutura espacial das cidades urbanizadas e por oposição aos critérios que utiliza para definir o espaço e o modo de vida urbanos, é possível caracterizar o rural. Este é considerado pouco denso e pouco volumoso, havendo uma relação de proximidade entre a residência e o local de trabalho, de forma que a mobilidade espacial é consideravelmente menor, existindo uma maior relação de proximidade física e afetiva.

Até as primeiras décadas do século XX, as representações sobre o rural e o urbano na sociologia recaem em uma visão dualista que associa o meio urbano a uma ideia de modernização e portanto, o centro da sociedade, por oposição ao rural que representa a ideia de tradição, sendo considerado periférico em relação ao urbano. Enquanto Wirth se dedicava aos estudos das questões urbanas, Redfield foi um dos primeiros autores a sistematizar as características que compõem as sociedades camponesas, definindo a vida campesina como uma boa vida por se assentar numa relativa harmonia social identificada numa pertença a um “nós” integrador, na pessoalização das relações de sociabilidade em face da preponderância das relações distantes e impessoais que se estabeleciam nas cidades.

A partir da representação desses dois polos, elaborou-se uma concepção gradualista para mediar a localização geográfica do rural periférico face ao centro urbano, utilizado a noção de “continuum”. R. Redfield (1989) operacionaliza a noção de continuum para identificar realidades sociais relativamente estanques e territorialmente delimitadas. Assim, o autor elabora três tipos ideais de sociedade: as *pequenas comunidades* (ou primitivas), as *sociedades camponesas* e as *sociedades urbanas*. As primeiras são auto-suficientes e estão isentas de qualquer tipo de ligação a territórios mais urbanizados; as segundas não são completamente autônomas e estabelecem algumas ligações com os meios urbanos (sobretudo ligações com fins comerciais), as últimas representam as cidades mais

desenvolvidas. A noção de *continuum* espacial diz respeito ao que liga o urbano e o tradicional rural, é a área intermediária entre esses dois polos que se apresenta como um espaço de transição. Segundo essa concepção, o processo de urbanização expande-se de forma contínua por zonas rurais tradicionais, o que significa que as áreas rurais mais próximas aos centros urbanos, tendem a se urbanizar mais rapidamente.

De acordo com Moreira, “o rural subalterno que emerge dessa assimetria tem como polo hegemônico e referencial o poder emissor de sentido da indústria e da cidade” (MOREIRA, 2005, p. 19). Isso retrata bem a concepção do rural que predominou no Brasil durante muitos anos, a qual concebia o espaço rural como eminentemente agrícola e o espaço urbano como sendo industrializado.

Para Lefebvre (2006), só é possível o reconhecimento da diferença e o exercício da reflexão sobre o rural e o urbano, o campo e a cidade em decorrência da divisão biológica e técnica do trabalho. Tal oposição corresponde à diferença entre o trabalho manual que utiliza a força física, como sendo próprio ao espaço do campo e o trabalho intelectual próprio à cidade. A esta cabem funções de organização, direção, atividades políticas e elaboração do conhecimento. O pensamento de Lefebvre sobre as representações da dicotomia campo/cidade não contradiz o que o senso comum geralmente elabora em relação ao contexto brasileiro em que o rural é pensado como eminentemente agrícola e as próprias políticas públicas para educação no campo se apoiam em um ensino profissionalizante que leve em consideração o trato com o meio agrícola.

A literatura nacional também representa o sertanejo, o homem do campo como um sofredor que precisa trabalhar, “pegar no pesado”, lidar com a terra para sobreviver. Temos, por exemplo a imagem de personagens que retratam o saber enquanto “coisa da cidade”, como é o caso de Riobaldo, personagem de Guimarães Rosa e Fabiano, personagem de Graciliano Ramos. Essas representações estão em consonância com um realidade que perdurou por muitos anos no Brasil e que apesar de ter sofrido muitas modificações, ainda condiz com a situação de muitos espaços rurais relegados ao esquecimento, carentes de bens e serviços fundamentais para a manutenção da vida contemporânea e que leva seus habitantes a terem uma relação sofrida com a terra.

A reestruturação do capitalismo ocidental tem ocasionado mutações nas formas de produção, nas representações de tempo e espaço, de forma que, atualmente, não se relegam ao campo somente as atividades primárias e tradicionais de outros tempos. A concepção relativamente linear, essa que aborda a ideia de um *continuum*, vai perdendo a sua eficácia explicativa pois, se a urbanização do rural é vista como um processo de transição contínuo,

não estaria o rural fadado ao fim em decorrência da urbanização do mundo?¹⁹.

Esta pergunta já foi feita por muitos estudiosos e aqui, tomo a perspectiva daqueles que ao invés de preconizar o fim do rural, acreditam que os fenômenos contemporâneos instauram a redefinição de um quadro teórico e analítico para pensá-lo²⁰. A proposta da existência de dois espaços diferenciados, “empírica e analiticamente”, - o rural e o urbano, permanece, mas recolocada de forma diversa. Como bem define Wanderley, “privilegiam como objeto de estudo, os espaços rurais em sua multiplicidade de formas e a própria diversidade das relações dialéticas, que eles estabelecem com o mundo urbano e o conjunto da sociedade” (Wanderley, 2000, p. 130). Não se trata de focar as sociedades rurais a partir de uma perspectiva totalizante, bem como, não se trata de pensar a autonomia do rural em relação ao urbano: o modelo analítico propõe a interdependência, a comunicação, a complementaridade.

Caminhando para uma redefinição da relação campo-cidade/rural-urbano, Wanderley contesta o desaparecimento das diferenças espaciais e sociais entre o rural e o urbano e afirma a necessidade de uma nova abordagem que consiga “recompor o objeto e repensar a realidade rural em seus modos contemporâneos de recomposição ou reestruturação” (Wanderley, 2000). A autora acredita que o mundo rural é um segmento da sociedade mais ampla que o domina, e propõe uma nova maneira de construir o objeto dos estudos rurais que considere a substituição do enfoque clássico, centrado nas sociedades rurais tradicionais, e conceba o espaço rural como um —espaço singular. Wanderley acredita que, mesmo quando se atinge uma relativa igualdade social (ou homogeneidade no acesso aos recursos materiais), as representações sociais dos espaços rurais e urbanos reiteram as diferenças significativas, que têm repercussão direta sobre as identidades sociais, sobre os direitos e sobre as posições sociais de indivíduos e grupos, tanto no campo quanto na cidade.

Nesse trabalho, o rural araqueniense passa a ser compreendido enquanto localidade geográfica que guarda a peculiaridade de restrição a determinados bens e serviços (indústrias, instituições de ensino, serviços bancários, hospitalares) e que é composto por uma baixa densidade populacional, mas também é abordado como uma categoria analítica, uma categoria política e uma categoria social. Categoria que carrega em si a diversidade das relações entre espaços sociais, atores sociais e suas dinâmicas, inscritas no tempo e no espaço. Categoria que agencia formas de estar e de identificar-se no mundo.

¹⁹ Para entender como esse questionamento foi feito no Brasil e como foi respondido, Cf. Ferreira (2002)

²⁰ Carneiro, 1998; Ferreira, 2002; Wanderley, 2000 e 2001; Veiga, 2002; Moreira, 2005.

Adoto o termo “novas ruralidades” para pensar o modo de vida dos jovens de Araquém, ou seja, dinâmicas contemporâneas que redesenham a dicotomia campo-cidade. As identidades rurais, ou —novas ruralidades‖ são socialmente construídas no interior de processos sociais, em contextos específicos e expressam as novas relações entre campo e cidade (Carneiro,1998). A mobilidade é o elemento estruturante dessas relações, portanto, vamos passar ao entendimento da mesma.

2.3- Movimento(s), deslocamento(s), mobilidade(s)?

No âmbito dos estudos sobre mobilidade humana (espacial), pode-se encontrar a utilização dos termos mobilidade pendular, migração pendular ou deslocamento pendular. Entre os geógrafos, sociólogos, demógrafos e demais estudiosos da mobilidade, a utilização de qualquer desses termos não é consensual. Aqui, adoto o termo utilizado pelo IBGE: “**movimento pendular** – deslocamentos diários de casa para o trabalho ou local de estudo” (IBGE, 2004, p. 43) e trabalho com um referencial teórico que lida com essa abordagem.

Os autores Moura e Firkowski (2005), discorrem sobre o termo entendendo-o como a dinâmica que envolve um deslocamento diário, portanto, não implica na “transferência para” ou fixação definitiva em outro lugar. O termo pendular foi elaborado numa alusão ao ir e vir que se assemelha ao movimento de um pêndulo. No conceito estão implícitos, na sua forma mais simples, dois deslocamentos de uma pessoa entre dois pontos do espaço geográfico: um de ida para o local de estudo ou trabalho e outro de retorno ao local de residência. Ou seja, não se permanece na cidade de destino (Sobral), pois esta é apenas lugar de exercer atividades, nesse caso, de estudos.

Embora impliquem fluxos de pessoas no território, a natureza do movimento pendular difere substancialmente dos fluxos migratórios, pois, enquanto a definição mais usual de migração pressupõe a mudança permanente de domicílio, a mobilidade pendular pressupõe um deslocamento funcional, não residencial. Na migração, o destino é diferente da origem do deslocamento, já na mobilidade pendular, a origem é também destino.

De acordo com Moura e Firkowski (*op.cit*), a pesquisa sobre movimento pendular foi inserida no Censo Demográfico na década de 70 com o objetivo de obter informações sobre a proporção de população residente que estudava ou trabalhava fora do município, porém, só recentemente ela vem adquirindo maior importância por desempenhar um papel central na configuração das aglomerações urbanas. Os estudos iniciais caracterizavam-no como fenômeno próprio das metrópoles, onde as pessoas transitavam diariamente da região

metropolitana para a cidade polo com o objetivo de trabalhar, no entanto, observa-se que em decorrência da discrepância entre a procura e a oferta de bens e serviços em cidades interioranas, pessoas são levadas a cruzar diariamente o território do local onde residem. É o que acontece com os jovens sujeitos da pesquisa. Como não dispõem de IES no local onde moram²¹, se quiserem acessar uma formação de nível superior, precisam buscá-la na cidade mais próxima, no caso, Sobral²².

Considero que o movimento pendular é apenas um dos elementos constituintes de uma categoria mais ampla que é a mobilidade. Cabe pensar o conceito de mobilidade como um fenômeno que ultrapassa o ato abstrato de deslocamento entre pontos A e B, é algo que “ultrapassa as dimensões físicas, corporais e econômicas, envolvendo também, as dimensões cultural, afetiva, imaginária, espacial e individual” (MANDAROLA Jr., 2009, p. 01). Portanto, a “mobilidade é um emaranhado de movimento físico, de significado e prática” (CRESSWELL, 2009, p. 25), sendo que cada um destes elementos que se encontram ligados entre si é político, isto é, integra em si relações de poder e contradições. Por um lado, a mobilidade surge como corolário do fim das distâncias, da eliminação de barreiras, de velocidade, de liberdade, de eficiência e, por outro lado, como direito de alguns, associada aos riscos ecológicos, à destruição do sentido comunitário, aos processos de exclusão social.

Cresswell (2009, p. 36), ao tratar das relações de poder que atravessam as mobilidades e as imobilidades, se utiliza de uma construção teórica que nomeia como “políticas da mobilidade” e afirma que “estas se prestam a pensar as mobilidades em termos de constelações de movimentos, significados e práticas”. A “política do significado” trata da discursividade, da forma como se representa a mobilidade através de narrativas; a “política da prática móvel” refere-se à experiência vivida e a “política do movimento material” aborda os percursos, os tempos e ritmos. O trio compõe as “políticas da mobilidade” que abordo aqui. Para o autor, a mobilidade “é um dos recursos principais da vida no século XXI e é a distribuição diferencial entre esses recursos que produz uma das diferenças mais marcantes da atualidade” (Cresswell *op.cit*, p. 27).

²¹ Araquém não dispõe de IES, mas a cidade/sede Coreau sim. Contudo, é oferecida por institutos particulares, com poucas opções de cursos ou com a modalidade de ensino à distância, características que levam os estudantes a procurarem as instituições em Sobral.

²² É importante salientar que essa relação entre procura e oferta deve ser pensada de forma relacional, pois no contexto ora retratado temos que Sobral, cidade considerada polo econômico, cultural e educacional da Região Norte, recebe um contingente de profissionais de outras localidades. Por exemplo, a maior parte dos professores que compõem os quadros docentes das IES é oriunda da capital Fortaleza. Ao mesmo tempo, em relação às cidades circunvizinhas, Sobral oferece uma série de bens e serviços, como é o caso das universidades e faculdades.

Sabe-se que o acesso diferenciado aos diversos níveis de estudo é produto e condição das desigualdades sociais. Na realidade brasileira, a inserção na universidade é para poucos e entre essa pequena parcela, ainda menor é o número de pessoas provenientes de camadas populares. Como esse trabalho aborda a trajetória de jovens desfavorecidos em termos econômicos e territoriais, a mobilidade é tomada aqui como um campo de possibilidades em tais trajetórias. De acordo com o Relatório de Desenvolvimento Humano de 2009, “a distribuição de oportunidades no mundo é muito desigual. Esta desigualdade é um factor determinante no desenvolvimento humano e, por isso, implica que as deslocações tenham um enorme potencial no sentido de melhorar o desenvolvimento humano” (PNDU, 2009, p. 08). Portanto, a mobilidade deve ser vista como “algo de vital para o desenvolvimento humano e os deslocamentos como expressão natural do desejo das pessoas de poderem escolher como e onde viver suas vidas”. (PNDU, *op.cit.*, p.31).

Compreender os complexos processos de mobilidade passa necessariamente pela análise do movimento em si, das representações sociais concernentes aos diversos sistemas de mobilidade e das condições em que o deslocamento ocorre, pois duas pessoas que se deslocam entre A e B utilizando o mesmo meio de transporte ou um meio de transporte diferenciado, uma com o objetivo de estudar e a outra como lazer, por exemplo, terão uma experiência diferenciada do deslocamento, conferindo-lhes diferentes significados. Dessa maneira é que tomo a perspectiva de Cresswell (2009) e ao analisar a mobilidade como um campo de possibilidades na vida dos jovens aqui retratados, procuro perceber os elementos políticos que envolvem os deslocamentos, os sentidos e significações desses deslocamentos no espaço.

Aqui, o espaço toma duas conotações: uma é o espaço geográfico e a outra, é o espaço social, de forma que o segundo, está contido no primeiro. O espaço geográfico é entendido aqui a partir de um diálogo com Milton Santos, para quem o espaço não é apenas um palco de ações nem constitui somente um cenário sobre os qual os indivíduos atuam, ele é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistemas de **objetos** e sistemas de **ações** que não devem ser considerados isoladamente, mas, como quadro único onde a história se dá (SANTOS, 2002, p. 63). Pensar essa noção de espaço geográfico a partir de Milton Santos é importante para pensarmos a produção do espaço geográfico pesquisado. Essa dialética faz com que percebamos que, ao alterar o espaço, a sociedade altera a si mesma e vice-versa, contruindo assim um espaço social no interior de um espaço geográfico.

Por espaço social, entendo um elemento construído e elaborado pelos grupos

sociais, uma construção identitária que tanto se mostra em termos materiais como exprime visões de mundo, é ao mesmo tempo coletivo e individualizado, transitório e eternizado. Para esse entendimento, dialogo com Certeau (2007) que apreende o espaço como um lugar animado por um deslocamento: ele é um “cruzamento de móveis”, “um lugar praticado”. Nessa acepção,

o lugar é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência (...) um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade (...). Existe espaço sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis. É, de certo modo, animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. (CERTEAU, 2007, p. 201-202)

Temos uma concepção de espaço intimamente relacionada à mobilidade, pois sem essa, haveria apenas lugares fixos e imutáveis. Certeau valoriza a figura do andarilho, um agente de mobilidade que transforma em espaço a rua geometricamente definida como um lugar para o urbanismo. A definição de Certeau (*op. Cit*) vai na contramão das formulações de Augé (2003) que entende a mobilidade enquanto um elemento que cria o que ele denominou de —não-lugares, uma vez que transforma os lugares em locais de passagem, efêmeros, transitórios, em relação aos quais os indivíduos não se identificam. Para Augé (*op. Cit*), os “não-lugares” se tornaram a —medida de nosso tempo, eles governam as maneiras de apreender a realidade contemporânea e podem ser exemplificados a partir dos transportes, as autoestradas, as redes ferroviárias, as habitações móveis e todos os lugares que permitem passar de um lugar para outro. O “não-lugar” quer dizer um lugar nenhum, um lugar desenraizado que não cria nem identidade singular, nem relação, mas sim solidão. O espaço operacionalizado por Certeau é fruto da interação do lugar com o indivíduo em mobilidade e é produzido a partir de reconhecimentos, estranhamentos. Essa concepção que mistura materialidade e significações pessoais é a que partilho aqui.

O primeiro pressuposto de uma investigação científica, para Max Weber (2001), é o afastamento básico dos juízos de valores na análise da vida social. Nesta acepção, juízos de valores constituem opiniões pessoais, por vezes muito simples, por vezes muito bem elaboradas, todavia, são apenas impressões individuais sobre a realidade as quais derivam do imediatismo. Em contraposição ao uso científico dos juízos de valores, Weber propõe a objetividade científica, esta —objetividade, que de acordo com Gabriel Cohn (1979), deve

sempre ser colocada entre aspas, uma vez que difere completamente da neutralidade pretendida pela vertente positivista formadora da Sociologia

Considerando que não há como o indivíduo pesquisador se isolar do mundo no qual está imbuído – uma vez que estuda redes de significados das quais ele mesmo faz parte – devemos entender que a objetividade weberiana só pode ser atingida a partir dos esforços do pesquisador que, de um lado, deve reconhecer a impossibilidade de afastamento completo dos valores e, de outro, deve se empenhar em reconhecer esses valores e procurar ver a realidade independente deles. O pesquisador deve estar ciente de que:

Sem as suas ideias de valor, não existiria nenhum princípio de seleção, nem o conhecimento sensato do real singular, da mesma forma como sem a crença do pesquisador na significação de um conteúdo cultural qualquer, resultaria completamente desprovido de sentido todo estudo do conhecimento da realidade individual, pois também a orientação de sua convicção pessoal e a difração de valores no espelho de sua alma conferem ao seu trabalho uma direção. (WEBER, 2001, p.132).

Portanto, o autor deixa claro que são as ideias de valor que “ajudam” o pesquisador a selecionar dada dimensão da realidade como objeto científico. Deve-se atentar, porém, que diante do fato concreto da impossibilidade de afastamento total dos pressupostos subjetivos, um dos exercícios fundamentais na prática sociológica é o esclarecimento que o cientista deve dar ao leitor acerca dos caminhos pelos quais chegou a este ou àquele resultado. Nas palavras de Weber, “uma das tarefas essenciais de qualquer ciência da vida cultural dos homens é, realmente, desde o início, a apresentação clara e transparente de suas ideias, para compreendê-las e para saber o porquê de ter lutado por elas” (WEBER, 2001, p. 110). Levando em consideração tal encaminhamento, julgo necessário mostrar ao leitor a tessitura das escolhas teórico-metodológicas, o encontro e o confronto com o objeto de estudos, as redes de relações e afectos que se formaram no decorrer da pesquisa, assim como os **caminhos** percorridos para acessar mundos tão próximos e tão distantes do meu.

2.4 - Expandindo a noção clássica: o trabalho de campo como “prática de viagem”

Procurei analisar a realidade social em sua sincronia, sem perder os horizontes da interpretação diacrônica, compreendendo os fatos presentes em sua relação existencial com o passado. Acredito que a melhor forma de abordar o enunciado social da mobilidade dos universitários rurais é determinando ao máximo seu contexto de origem, os agentes que negociaram e disputaram a sua construção, as limitações e dificuldades do momento vivido.

Estudar a mobilidade dos universitários de Araquém é estudar a dimensão física, geográfica e cultural, as construções e significações que se dão entre lugar de origem, o trânsito (ou a viagem) e o lugar de destino. Essa complexidade justifica a colocação de Urry (2007 in Mandarola Jr., 2009) sobre a necessidade de encarar o paradigma das mobilidades como pós-disciplinar, o qual exige métodos, teorias, questões e soluções diferentes, diante de uma paisagem metodológica e social eivada por estas formas e estruturas sociais. De acordo com o autor (*op. cit* p. 151) “a dimensão paradigmática das mobilidades contemporâneas (sempre referidas no plural, devido a suas múltiplas naturezas, origens, periodicidades e sentidos) está na condição estruturante da própria sociedade.”

Portanto, a partir da leitura de Clifford (2000), um dos primeiros encaminhamentos metodológicos para a realização desta pesquisa se traduziu numa necessidade em expandir a noção clássica de trabalho de campo elaborada enquanto deslocamento geográfico (físico) do pesquisador de “casa” para outro lugar, estabelecendo permanência duradoura no destino, como garantia de observação e análise aprofundada das pessoas estudadas. É certo que essa noção clássica do trabalho de campo foi resignificada há décadas e como enfatiza Peirano (1998), hoje há uma prática de pesquisa que se faz perto de casa (*at home*), mas, se analisarmos as representações contemporâneas sobre esta, predomina uma territorialização, a supervalorização de um lócus demarcado como critério de um “recorte bem delimitado”, o que é positivado metodologicamente.

Clifford (*op.cit*) nos faz refletir sobre o fato de que o trabalho de campo, na prática vivida, sempre foi uma relação entre deslocamentos e presenças duradouras no local de moradia dos nossos “Outros”, basta lembrarmos da imagem formulada quando Malinowski nos incita a imaginação para que nos projetemos sozinhos, numa praia tropical, vendo o barco que levou o pesquisador à ilha partir e desaparecer no mar. Certamente, houve um momento de negociações e fluxos que antecedeu o que Geertz (1989) nomeou como “estar lá” – para falar da estadia em campo, da realização da pesquisa em um lócus específico – e um momento entre o estar lá e o que nomeou de “estar aqui” – etapa da escrita, da vivência acadêmica junto aos pares. Porém, na prática discursiva que compunha as escritas clássicas.

Aqui, pretendo igualar discursivamente, viagem e permanência(s), dando movimento a uma pesquisa multiterritorializada. Penso em termos de encontros e relatos que ultrapassam um tempo e um local (singular). É preciso considerar: as memórias narradas e vividas pela pesquisadora e pelos sujeitos pesquisados; a viagem de Fortaleza – meu lugar de moradia – à Sobral, bem como a permanência passageira nesta que é o local de estudo dos sujeitos da pesquisa; a viagem de Sobral à Araquém e a permanência passageira nesta que é

local de moradia dos universitários; as redes de relações; as negociações que resultam em negações e/ou permissões, uma vez que o percurso do pesquisador “deriva da conjunção exitosa ou atitada, pelos acordos e pelos entreveros entre a orientação que ele mesmo quer imprimir a seu itinerário e os itinerários permitidos, prescritos, previstos, aceitos pelos interlocutores/interagentes” (SILVA, 2009, p. 176). Essa mobilidade caracteriza, ao mesmo tempo, a mim, enquanto pesquisadora e aos sujeitos e contextos estudados.

Trata-se de entender o trabalho de campo como “prática de viagem” e para tanto, é necessário esclarecer como me pus em trânsito.

2.5 - Mudando de lugar: de expectadora à pesquisadora/viajante

O primeiro contato que tive com o contexto de mobilidade dos estudantes universitários da Região Norte do Ceará, foi a partir do meu ingresso na graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú, em Sobral²³. Ao ser aprovada no vestibular nesta mesma cidade, logo no primeiro dia de aula, a grande quantidade de ônibus estacionados no pátio do campus universitário que eu estudava chamou a minha atenção, já que a cidade não dispõe de transporte público coletivo.

Naquele contexto, onde eu formava uma nova rede de relações e amizades, conheci pessoas de vários municípios do estado do Ceará – desde alunos que saíram da capital Fortaleza para estudar em Sobral e ali fixaram residência, alunos de municípios que até então eu desconhecia e que moravam nas famosas repúblicas em Sobral, até alunos que viajavam diariamente de seus municípios para frequentar a universidade e retornavam ao fim do expediente de aulas. A convivência, principalmente com esses últimos, levou-me a conhecer a peculiaridade de ser universitário em Sobral, em meio a pessoas de vários municípios, numa realidade adaptada a tal contexto²⁴.

²³Por ocasião de problemas familiares, no ano de 2003 deixei a cidade de Fortaleza para fixar residência em Sobral. No ano de 2004 ingressei na Universidade, tendo os primeiros contatos com universitários/viajantes.

²⁴Como exemplo das adaptações, podemos citar a redução informal da carga horária. O horário oficial das aulas noturnas nas Universidades e Faculdades instaladas em Sobral é das 18h30min às 22h00min, porém, em decorrência do horário de chegada e saída dos ônibus, é comum que as aulas comecem com 20 minutos de atraso e terminem com 20 minutos de antecedência. Nas reuniões de colegiado dos diversos cursos das IES instaladas em Sobral, frequentemente são discutidas questões relativas à abreviação da carga horária dos cursos e há uma crítica em relação ao autoritarismo dos motoristas que ameaçam deixar em Sobral os alunos que porventura não estiverem nos ônibus antes das 22 horas. Os motoristas com frequência são nomeados – principalmente pelos professores – de “reitoristas”, uma ironia à forma como impõem o horário para os estudantes, estes que na maioria das vezes aceitam prontamente a imposição dos motoristas.

Achava incrível a narrativa das dificuldades enfrentadas. Alguns contavam que para conseguir chegar à aula às 19 horas, tinham que sair de suas residências às 15 horas e quando chegavam em casa, na volta da universidade, o relógio já anunciava o dia seguinte, marcando “pra lá de meia noite”. Quase sempre os transportes utilizados na realização dos deslocamentos transitavam em péssimas condições, lotados e desobedecendo aos critérios mais básicos de segurança no trânsito (o uso do cinto de segurança é só um exemplo), o que além de colocar a vida dos estudantes em risco, proporcionava situações desagradáveis como as vivenciadas em um episódio onde, antes de se aproximar do posto da polícia rodoviária localizado na entrada de Sobral, o motorista de um determinado município parou o ônibus que transitava com um excedente de pessoas, pediu que alguns estudantes descessem, caminhassem até passar do posto de fiscalização para que depois embarcassem novamente, fazendo os estudantes caminharem uma distância de aproximadamente 01 km, o que foi considerado por muitos como “um ato de desrespeito”. Por vezes, abriguei estudantes/amigos em minha residência no decorrer da semana para ajudar a amenizar o “sacrifício” das viagens.

Durante quatro anos, muitas imagens e narrativas fizeram parte do meu cotidiano estudantil sem nenhum caráter científico, ouvia os relatos como quem escuta casos e fica bestificada. Mas em março de 2010, iniciei uma experiência como bolsista de Iniciação Científica na pesquisa “Interação em movimento: práticas e sociabilidades juvenis nos transportes universitários da Região Norte do Ceará”²⁵. A inserção na pesquisa levou-me à inserção no Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Culturas Juvenis – GEPECJU da Universidade Estadual Vale do Acaraú²⁶, que me deu suporte para discussões teóricas diversificadas sobre a realidade juvenil brasileira. Esse momento foi propício para romper o que Bourdieu (2004) nomeia como *opinião comum*, que é o que leva praticantes de uma ação a tomá-la por familiar e naturalizá-la. Enquanto pesquisadora, passei a considerar teoria, métodos e técnicas de pesquisa que me levaram a estranhar, pôr em relação, comparar e problematizar a realidade dos deslocamentos pendulares estudantis.

²⁵O projeto, de autoria da professora Dra. Isaurora Cláudia Martins de Freitas, foi aprovado em março de 2009 no âmbito do Programa de Iniciação Científica da Universidade Estadual Vale do Acaraú e teve vigência até o ano de 2012. Tinha por objetivo verificar sociabilidades e práticas vivenciadas nos veículos que diariamente transportam estudantes de seus municípios de origem à Sobral, bem como compreender como essas práticas e sociabilidades conferem sentido ao ser jovem universitário.

²⁶Grupo coordenado pelas professoras pesquisadoras Isaurora Martins de Freitas e Ivna Holanda

Em onze meses de investigação, realizei “viagens” nos transportes universitários de Camocim, cidade litorânea distante 129 km de Sobral e de duas cidades localizadas na Serra da Ibiapaba: Ubajara, localizada 95 km de Sobral e de São Benedito, localizada a 120 km de Sobral. Entre serra e mar, fazia o mesmo percurso que os estudantes das referidas cidades e ficava hospedada em hotel, retornando com os mesmos no dia seguinte.

Observei uma peculiaridade nas viagens que despertou o meu interesse: muitas das vidas que transcorrem naqueles veículos trazem consigo os impasses vivenciados pelos jovens do meio rural cearense, esses que saem diariamente de suas localidades e enfrentam condições adversas para acessar geograficamente o ensino superior. Observei que alguns estudantes faziam um duplo deslocamento. Iam de suas casas, na zona rural, para a sede municipal e dali para Sobral. Em meio a essa coletividade, existiam alguns que, chegando à cidade/sede, dormiam em pousadas e só iam para casa no dia seguinte, quando transportes do tipo *pau de arara*²⁷ possibilitavam a travessia. Outros, desembarcavam à beira de uma Estrada escura, em linhas demarcadas com placas do tipo “zona rural” e de lá seguiam até suas afastadas casas, geralmente usando motos ou bicicletas – pedalando até 05 km por trecho. Diante dessa realidade, houve interesse em desenvolver uma pesquisa a nível de pós graduação, já que eu estava às vésperas de concluir a graduação, para saber quem são esses jovens, o que os motiva a fazer esse deslocamento diariamente e como eles vivenciam a mobilidade pendular. Certa de que essa era uma realidade de várias localidades rurais dos municípios inseridos no raio de influência das IES de Sobral, fazia-se necessário optar pelo lócus que seria destino da pesquisadora e origem dos universitários. Abaixo, apresento o que motivou a escolha.

2.6 - (Re) compondo as imagens sobre o rural para adentrar em suas veredas

Filha de um sertanejo proveniente de Lavras da Mangabeira²⁸, o qual guardava um prazer pelo trato com a terra e com os animais, meu lazer na infância foi vivenciado no Sertão. Às vésperas dos sábados, sabíamos que era chegada a hora de arrumar as malas e ir para uma casa que tínhamos num distrito do município de Horizonte-Ce.

²⁷Expressão cunhada no Brasil do século XX para designar o “caminhão em que os nordestinos fugiam das inclemências do Sertão, em busca de uma vida melhor no sul do país. Iam precariamente quarenta, cinquenta e até sessenta deles equilibrados em carrocerias, como araras no pau, em viagens de uma semana ou mais.” Atualmente, é muito comum ser usado em distritos, localidades rurais ou pequenos municípios cearenses para fazer o transporte de pessoas em pequenas distâncias.

²⁸Município localizado no sertão central cearense.

Envolta por muitos hectares de terra, lá, eu e minha família passávamos a noite iluminados por um lampião aceso com querosene, cozinávamos em fogão de lenha, tomávamos banho em açude, andávamos a cavalo, criávamos galinha, ovelhas, porcos, cultivávamos árvores frutíferas e hortaliças, bebíamos leite tirado da vaca na hora, acompanhávamos as atividades de duas famílias de moradores/agricultores do espaço e convivíamos com os filhos destes que desde cedo demonstravam habilidade para o trato com terra, o que levava meu pai a dizer: “observem o que eles fazem para vocês aprenderem”. Aquilo que chamávamos de Sertão, porém, constituía apenas um lazer para mim e para minha família, o que fazia com que eu desconhecesse o modo de vida peculiar dos habitantes daquele local.

Mais tarde, através da literatura, conheci “Os Sertões” de Euclides da Cunha (2000), a luta e o homem sertanejo imerso nas famosas expedições narradas pelo autor; conheci as “Vidas secas” de Graciliano Ramos (2006) condicionadas à fome, à seca, à pobreza e à ignorância. Fabiano, personagem de Graciliano, via os estudos como algo muito distante de si e embora achando que o “saber” inspirava respeito ao homem, desejava que seus filhos reproduzissem a sua condição de vaqueiro. Na sua opinião, “dos homens do Sertão, o mais arrasado era seu Tomás da Bolandeira. Por quê? Só se era porque lia demais (...) Para quê tanto papel? Quando a desgraça chegar, seu Tomás se estrepa igualzinho aos outros” (RAMOS, 2006, p. 22), já sua esposa Sinhá Vitória, enaltece seu Tomás da Bolandeira “um homem que sabia ler”; Conheci a seca d’O quinze narrada por Rachel de Queiroz; a seca e a vingança narrada por Manuel de Oliveira Paiva em “Dona Guidinha do Poço”, além da linguagem sertaneja apresentada na obra; por Clarice Lispector (1998), conheci as aspirações de uma moça Macabéa do sertão de Alagoas que vai para a cidade grande na tentativa de mudar de vida; e através de Guimarães Rosa, conheci o “Grande Sertão: Veredas” e as travessias de Riobaldo confrontando as forças do bem e do mal, desbravando o sertão e mostrando a vida e os pensamentos do sertanejo. Riobaldo acredita que o saber guarda uma relação com a cidade e no decorrer de sua narrativa, exclama: “Ah, eu só queria ter nascido em cidades, feito o senhor, para poder ser instruído e inteligente”. (ROSA, 2006, p. 407).

Essas imagens, ficaram guardadas no meu imaginário e acabaram constituindo outras imagens. Penso que a admiração e questionamentos sobre os universitários da zona rural emergiram da representação inconsciente que eu tinha sobre o homem do sertão, este “guerreiro”, por vezes sofredor, que me foi apresentado como um ser tão distante do saber científico, do saber instituído. Encontrar uma realidade que, ainda que repleta de dificuldades

e carências desconstruía essa distância, despertou o meu interesse e então me desloquei do mundo da literatura em busca do mundo empírico rural, aquele que constituía os tantos sertões da literatura.

Diante da realização de pesquisa prévia, cheguei à conclusão de que seria inviável ter como destino as localidades rurais das cidades já visitadas no período da pesquisa de IC, uma vez que os ônibus universitários não iam até a zona rural para buscar ou deixar alunos. Eu teria que fazer o mesmo percurso que eles fazem pedalando alguns quilômetros ou teria que dormir em pousadas, como fiz na época da pesquisa de IC, e no dia seguinte ir para zona rural nos paus-de-arara. À primeira vista, essas possibilidades são “diferentes” e interessantes, mas no dia-a-dia da pesquisa, seria um impasse, pois se o transporte já constitui uma disputa dos moradores locais para ter acesso à universidade, uma “intrusa” a mais geraria desconforto (as vezes utilizavam motos e não tinha como transportar mais ninguém). Portanto, o **primeiro critério de escolha da localidade que seria meu destino e lócus de pesquisa, foi a disposição de ônibus universitário no qual eu pudesse fazer o deslocamento sem maiores dificuldades.**

Naquele momento inicial, desconhecendo empírica e teoricamente o que representa o universo rural contemporâneo, **coloquei como segundo critério de escolha a identificação de estudantes que trabalhassem na atividade agrícola**, isto porque guardara comigo um conjunto de imagens forjadas historicamente, que consolidavam a imagem do espaço rural associado diretamente à agricultura. À época, para mim, era fundamental encontrar a junção entre prática agrícola e vivência universitária, pois que seria uma realidade pouco recorrente no Brasil. Resolvi fazer a pesquisa exploratória no Centro de Ciências Humanas da UVA por ser o local onde concluí minha graduação e conseqüentemente o local onde seria mais fácil estabelecer uma rede de relações que me dariam acesso as informações que eu desejava. Conversei com amigos próximos que indicaram que eu procurasse os universitários de Araquém, distrito do município de Coreaú e a minha memória sobre as representações de professores e alunos acerca dos universitários do referido distrito foi acionada.

Lembrei que, frequentemente os professores chamavam atenção ao grande número de universitários provenientes de Araquém, enfatizando que estes se destacavam no mundo universitário como “bons alunos”. Os professores comentavam que era um pequeno distrito e que não sabiam a origem da formação ampla de uma população universitária. Alguns, como professor Nilson Almino, a professora Isaurora Martins e o professor Alencar Mota, colocavam em tom de brincadeira que Araquém era um fenômeno a ser estudado.

Unindo a memória com a experiência contemporânea àquele momento, estabeleci contato com Conceição, uma colega oriunda de Araquém que cursava Ciências Sociais e ela me informou que havia ônibus para universitários saindo diariamente do distrito para Sobral, o que se enquadrava no meu primeiro critério de escolha. Além disso, me deu uma estimativa que apesar de não condizer exatamente com o meu segundo critério de escolha, estava próxima à minha projeção. Ela afirmou que “em Araquém, quase todos os universitários são filhos de agricultores. Muitos desses universitários já trabalharam na agricultura com os pais e hoje em dia, alguns poucos ainda trabalham” (Fala de Conceição registrada em diário de campo no ano de 2011). Pelos critérios pontuados, escolhi os universitários de Araquém como sujeitos da pesquisa, sendo imprescindível ter o distrito como destino, pois estudar a mobilidade é desconstruir completamente a ideia de estudar *um lugar* ou *no lugar*, como supôs Geertz. Com a perspectiva de um lócus em movimento, minhas escolhas apontaram para um trabalho de campo em Sobral, no ônibus universitário de Araquém e no distrito de Araquém. Era preciso construir um conhecimento *de* e *com* viajantes e assim, me pus em trânsito.

Esse trânsito teve início a partir do primeiro semestre do mestrado, em 2011.1, o qual foi marcado pela minha mudança da cidade de Sobral, onde residia com a minha família, para Fortaleza – lugar mais próximo a oferecer mestrado na área de Sociologia. A necessidade de concluir os créditos da grade curricular na pós-graduação implicou na necessidade de migrar e isso provocou um deslocamento da minha identidade estudantil, pois tive que sair da casa dos pais e morar só, adaptar-me à instituição de ensino, arcar com as despesas da minha escolha estudantil (pagar aluguel, alimentação, material de estudos, financiar a pesquisa pagando passagens) e me readaptar aos modos de vida de uma cidade grande cuja diferença mais perceptível da cidade média onde eu morava era o tempo levado para deslocar-me de alguns pontos da cidade a outros (como, por exemplo, da minha casa ao centro comercial da cidade) e a forma como esses deslocamentos eram feitos – em Sobral, geralmente de mototáxi que é o meio de transporte mais acessível e em Fortaleza, de transporte público coletivo (ônibus ou *topics*).

Foi a partir das minhas vivências pessoais que me pus no lugar dos jovens que são analisados como sendo os meus “Outros” e entendi que “a alteridade se traduz em diferenças relativas e não necessariamente exóticas. Juntas ou separadas, essas diferenças podem ser culturais, sociais, econômicas, políticas, religiosas e até territoriais” (PEIRANO, 2006, p. 53). Assim como os sujeitos desta pesquisa, reconheço-me estudante que compõe a parcela mínima do quadro de pessoas inseridas no ensino superior brasileiro²⁹, porém, duas das

diferenças mais básicas entre eu e os meus interlocutores consistem na nossa origem geográfica e na forma material em que acessamos a universidade.

Durante a graduação, morava na mesma cidade em que estudava e só soube o que era ser universitária-viajante a partir da minha incursão neste universo como pesquisadora – é importante ressaltar que passei a entender o que é ser universitário-viajante, mas nunca fui um(a) deles(as). Me classifico como pesquisadora-viajante, pois apesar de vivenciar as experiências que os “nativos” vivenciaram através da observação participante, entendo que o pesquisador “não pode se transformar em nativo(a), submergindo aos seu *ethos* e visão de mundo, tanto quanto não pode aderir irrestritamente aos valores de sua própria cultura para interpretar e descrever uma cultura diferente da sua própria (o que consiste no etnocentrismo)” (ROCHA & ECKERT, 2008, p. 03). Já no mestrado, entendi a experiência de migrar por não ter como efetivar os planos acadêmicos na cidade em que residia e, instalada em Fortaleza, realizava um deslocamento mínimo, ia caminhando até Universidade, pois morava a menos de um quilômetro da instituição.

Inicialmente, pareceu paradoxal escrever um projeto de mestrado e ter que me distanciar do meu objeto de estudos para efetivá-lo. A universidade da qual sou discente está localizada a pelo menos 300 km do meu local de pesquisa. Com isso, eu passei a vivenciar de forma intensa a mobilidade, viajando semanalmente para Sobral, no primeiro e segundo semestre do mestrado e viajando Fortaleza/Sobral/Araquém a partir do terceiro semestre, momento em que estava com as disciplinas concluídas.

Portanto, elaborei um cronograma com duas etapas: a primeira seria a realização da pesquisa em Sobral durante o primeiro ano do mestrado, onde entraria em contato com os estudantes e suas vivências universitárias; e a segunda, dividida em dois momentos que se complementavam, seria a pesquisa através das minhas viagens no ônibus dos estudantes de Araquém e a estadia no distrito. Como ofício da pesquisa, eu emergia no universo das mobilidades movendo-me – primeiro entre os 235 km que separam a capital e Sobral; depois (no segundo ano), complementando o deslocamento até Araquém e retornando diariamente, passando a fazer parte do movimento pendular que analiso.

²⁹Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios- PNAD do IBGE, em 2012 essa parcela universitária constitui apenas 21% da população com faixa etária entre 18 e 24 anos. Essa faixa etária é tomada como referência aqui por perfazer o contingente populacional considerado em âmbito internacional como demanda adequada para o ensino superior. Porém, reconheço que no Brasil, as faixas etárias mais elevadas têm maior representação entre os que frequentam o ensino superior e que em abril de 2013, o Senado instituiu o Estatuto da Juventude que toma como jovens os indivíduos que tenham entre 15 e 29 anos.

Como em toda pesquisa, havia uma dimensão temporal a ser considerada: eu tinha que acompanhar os dias letivos dos estudantes pesquisados (pois somente nesses dias transitavam os transportes universitários³⁰) que muitas vezes se chocavam com os meus dias letivos. Para realizar a primeira etapa, geralmente eu viajava às quintas-feiras pela manhã para Sobral e retornava na sexta-feira após o turno noturno de aulas, sendo que cada trajeto Fortaleza/Sobral/Fortaleza, durava em torno de cinco horas de viagem. As muitas horas em trânsito e poucas horas em relação com os sujeitos pesquisados se pôs como obstáculo que só foi superado pela disponibilidade de colaboração apresentada pelos universitários de Araquém que muitas vezes perderam aulas para conversar comigo no único horário que eu tinha na semana ao longo do semestre 2011.1: às sextas de 19 às 22 horas. No semestre 2012.1, com as disciplinas do mestrado concluídas, iniciei as viagens à Araquém.

Era meia noite quando cheguei ao distrito pela primeira vez e o estranhamento tomou formas de várias maneiras: o cheiro forte de terra, a escuridão da localidade, o silêncio que julguei excessivo, as ruas desabitadas. Chegando na casa que fiquei hospedada, Conceição pediu a benção da mãe e fomos dormir. Acordei às cinco horas da manhã com um sol forte entrando pela janela transparente de acrílico, sentindo cheiro forte que eu identificava como sendo de terra molhada e ouvindo muitos sons de bicho. Senti que estava num lugar totalmente diferente do que eu morava quando coloquei a cabeça na janela do quarto que ficava no 1º andar da casa e avistei “quintais” que eram campos cultivados.

Aquilo era o que os meus interlocutores chamavam de “roça”. Faixas de terra de tamanho intermediários separadas por fileiras de terras cultivadas. Havia espaços próprios para galinhas, bois, porcos e demais animais que formavam a orquestra daquela manhã. Após a primeira semana em campo, o lugar não me parecia tão estranho e fui vivenciando o rural e tecendo redes de relações com as pessoas que ali moram. Veremos então, como se deu essa tecelagem.

De acordo com Oliveira (1998), três atos cognitivos são fundamentais para entender o —Outrol no processo de investigação empírica: o olhar, o ouvir e para dar forma a estes, o escrever. Considero que a observação e a escuta são fundamentais no ato da pesquisa qualitativa, porém, acredito que sentidos como o olfato e o paladar também nos levam a entender contextos culturais diferenciados nos que nos são habituais. Estes também foram considerados no meu processo de pesquisa aqui materializado na escrita.

³⁰ Tentei ir para Araquém de topic, mas não existe transporte direto para o distrito. Deve-se ir para Coreaú e de lá, fazer o trajeto para Araquém em mototáxi ou carros de horário que só transitam pela manhã.

2.7 -Táticas de pesquisa: a construção de relações de reciprocidade no campo de pesquisa

Existem múltiplas maneiras do pesquisador se inserir em campo, mas o momento de sua “estréia” se dá através de um processo de negociação com os sujeitos que se pretende estudar, transformando-os em “parceiros” da investigação. No meu caso, fui iniciada no trabalho de campo por Conceição, que mediou as redes de relacionamentos com os interlocutores da pesquisa ainda em Sobral, estendeu essas redes de relacionamento ao trânsito Sobral-Araquém e principalmente ao distrito de Araquém, onde não há hotel, pousada ou qualquer tipo de hospedaria, bem como não havia nenhum estabelecimento comercial onde eu pudesse realizar as minhas refeições.

Conceição me apresentou universitários de Araquém, me acompanhou nas primeiras viagens ao distrito e me ofereceu hospedagem e alimentação em Araquém durante o período da pesquisa. Seu pai havia feito uma reforma na casa que, construída em térreo mais um andar em cima, tinha somente o térreo habitado pelos moradores. O andar de cima foi disponibilizado a mim durante o tempo que eu precisasse e dali, eu desceria as escadas nos horários de refeição para alimentar-me junto a sua família. Fiquei num ambiente separado porque me sentia mais a vontade e tinha a impressão de estar invadindo um pouco menos a privacidade da família de Conceição.

Esse personagem que nos apoia nos primeiros passos do contexto da pesquisa, geralmente é denominado interlocutor principal ou informante chave. William Foote Whyte (2005) fazendo sua —entrada em campo‖ pelas ruas da cidade, buscava se aproximar dos moradores de Corneville, um bairro de Boston. Essa aproximação foi mediada por Doc, chefe de um grupo de jovens que lhe colocou em contato com seus companheiros, através dos quais conheceu uma rede densa de relações no bairro. A partir da narrativa da relação entre Foot Whyte e Doc, podemos refletir sobre o que significa realmente —entrar em campo‖ e qual o lugar do informante-chave nesse processo. Entrar em campo significa ser aceito pelo grupo e para isso, a relação estabelecida com “um deles” é fundamental. Sem a mediação de Conceição, o processo de pesquisa seria bem mais difícil.

O consentimento para entrar no grupo dos universitários-viajantes e na casa de Conceição em sua companhia, implicou em saber quando, como e onde ir, com que e o que se pode ou não falar, como agir diante de determinadas situações – como por exemplo, nas vezes em que o ônibus transitava superlotado e eu ficava com uma sensação terrível por ir sentada em um local que me foi cedido por algum estudante, enquanto muitos viajavam em pé (só esclarecendo que recusar o lugar cedido era uma ofensa muito maior do que não ceder lugar

aos que transitavam em pé). Após ser aceita no grupo dos universitários de Araquém, a interação com várias pessoas foi condição da pesquisa. Não se tratou de um encontro fortuito, mas de relações que se prolongaram ao longo do tempo e na pluralidade dos espaços sociais e virtuais – além dos encontros face a face, foram muitos os encontros virtuais através do facebook. Estabelecer essas relações foi uma prática processual, que se deu aos poucos.

Nas primeiras viagens que fiz, ficava angustiada, querendo me apresentar aos universitários viajantes de uma só vez porque a pesquisa tinha um tempo a obedecer e eu precisava de um número máximo de pessoas dispostas a colaborar. Como o ônibus estava sempre superlotado, estudava estratégias para ter acesso ao maior número de pessoas e pensei até em me apresentar a todos de uma só vez, mas logo me veio a imagem de um personagem típico dos centros urbanos que é aquele que entra nos ônibus coletivos e, entoando ao máximo a voz, pede a atenção de todos os passageiros, seja para vender algum produto ou pedir alguma ajuda financeira: me imaginar nesse lugar, falando alto para ser reconhecida como pesquisadora, causou um extremo desconforto e assim, entendi que era necessário uma integração mais lenta. Usei de todos os artifícios que estavam ao meu alcance para facilitar o processo de pesquisa e os processos de trocas simbólicas foram muito importantes.

Estou falando de um contexto permeado pela lógica da reciprocidade: o trabalho de campo nos endivida. Recebi permissões para usar o meio de transporte tão disputado que possibilita a mobilidade dos estudantes. Mais que uma permissão, a mim foi cedido um lugar para viajar sentada e isso consiste numa doação valiosa perante as condições da viagem. Recebi também hospedagem, alimentação, além de afeto e uma série de informações valiosas.

Dona Lucy, mãe de Conceição, me acolhia em sua casa ao mesmo tempo em que construía uma relação de confiança referente a mim, pois receber uma —estranhal no espaço íntimo do lar – para dormir, fazer as refeições e conviver com os membros da família durante alguns meses – não é tarefa que se efetiva a partir de uma empatia imediata. Eu tive que construir essa relação de confiança. Para isso, ser mulher foi fundamental, pois na casa em que eu ficava hospedada, os homens passavam a maior parte do dia fora e as mulheres passavam a maior parte do dia em casa. Naquele meio com valores conservadores, “não pegava bem” um homem “desconhecido” ficar numa casa só com mulheres.

No primeiro dia, passei horas falando sobre a minha vida, de onde eu vinha, o que fazia, quais eram meus objetivos com essa pesquisa. A condição de estar realizando a pesquisa enquanto estudante que concluiu a mesma graduação cursada pela sua filha, ajudou bastante. Dona Lucy fazia muitas perguntas sobre o que é um mestrado, como é a vida de quem está no mestrado e como é a vida de estudante em Fortaleza, pois sua filha dizia que após concluir a

graduação, queria “seguir esse mesmo rumo” e teria que passar um tempo morando na capital. Após responder aos questionamentos, dona Lucy prontamente comentou:

É bom que quando a Conceição for pra Fortaleza, ela vai ter uma conhecida lá. A gente tem família lá, mas como vocês fazem o mesmo curso, podem ficar mais próximas e se você mora só, podem até morar juntas. Eu não queria que ela fosse porque me preocupo, mas se for bom pra ela, né? (...) Também, ela pode até pegar assim umas dicas de como você fez pra passar, né? Se ela passar, vai fazer assim que nem você, é? Vai fazer pesquisa em outro lugar? (Fala de Dona Lucy registrada em diário de campo)

Essa colocação foi feita pela anfitriã que me recepcionava em Araquém após quatro dias de estadia em sua casa. Identificando semelhanças entre eu e Conceição, dona Lucy já havia caracterizado como eu poderia “ajudar” sua filha de alguma forma. Ela formulou uma projeção do futuro da filha que foi benéfica à minha acolhida, pois acreditava que “é dando que se recebe” e da mesma forma como me ofereceram acolhida em Araquém, eu poderia oferecer à sua filha em Fortaleza. Nesse pouco tempo de estadia eu já considerava que tinha uma dívida imensa para com a família de Conceição, pois meu trabalho de pesquisa só estava sendo viável em decorrência do acolhimento que recebi e estava sendo facilitado pela disponibilidade com a qual se colocavam para me acompanhar a lugares desconhecidos e me apresentarem interlocutores que consideravam interessantes para o contexto de minha pesquisa.

O irmão de Conceição me levou de carro algumas vezes à sede municipal para que eu colhesse dados na prefeitura e na secretaria de educação, bem como se disponibilizou a me acompanhar até os povoados localizados nas proximidades do local onde eu estava hospedada. Diante de tantos favores que me foram oferecidos, me prontifiquei em fazer o possível para ajudar Conceição no processo seletivo da pós-graduação, programamos a elaboração de um grupo de estudos, bem como me prontifiquei em acolhê-la em Fortaleza quando a sua projeção fosse realizada, porém, não fazíamos ideia de quando isso ocorreria, pois a mesma sequer havia concluído graduação.

Mauss (2003), sugere que a dádiva traz em si uma dupla verdade: de um lado temos transações voluntárias e, de outro, movimentos obrigatórios de caráter coercitivo. Para o autor, presentear alguma coisa a alguém seria como presentear algo a si. Da mesma forma, atribuir favores alguém, é atribuir favores a si. A troca seria composta de uma tripla obrigação: dar, receber, retribuir. Pierre Bourdieu (1996), analisando a reflexão de Mauss e discutindo sobre a tomada ou não de consciência da ação interessada, introduz a ideia de dimensão temporal, ou seja, o tempo decorrido entre a dádiva e a contradádiva, que é o que faz a ação passar como desinteressada.

Precisamos retribuir a dádiva e não somos exatamente nós que detemos o controle de sua temporalidade. Há dúvidas sobre a temporalidade da contra-dádiva, não há uma temporalidade prevista ou explícita, ela se insinua na relação e, por sabermos de nossa dívida, nos sentimos obrigados a retribuí-la em dia e hora imprevistos. Na situação elencada a partir da fala de dona Lucy, há uma possibilidade da efetivação da contra-dádiva, porém, é algo por vir. Essa ação interessada foi racionalizada por mim a partir do aporte teórico que estudei, mas o —*interessel* que reconheço em dona Lucy toma formas mais ou menos espontâneas. Nessa ocasião, eu fui a agente que recebe e media a retribuição, enquanto dona Lucy iniciou o processo de trocas com a sua doação simbólica através da confiança e da hospedagem que a mim foram cedidas.

No contexto da lógica de reciprocidade vivenciada no trabalho de campo, percebi que o afastamento temporário de Araquém, que se deu primeiro em decorrência do falecimento de meu pai no decorrer da pesquisa, e, depois, por conta do “refúgio” necessário ao momento da escrita, não rompeu com o circuito da dádiva. No primeiro momento, que foi o da morte de meu pai, recebi muitas tentativas de conforto por parte da família de Conceição que sempre mandava palavras de apoio pela mesma e muitas mensagens eletrônicas das demais pessoas. Neste mesmo período, também fui convidada por Conceição para fazer parte da Associação para Educação e Desenvolvimento Integrado de Araquém – AEDI Araquém, de forma que passei a acompanhar as discussões realizadas no espaço virtual – através do facebook e a me envolver com as ações previstas para o semestre, dentre elas, realizei uma campanha para arrecadar livros e montar a biblioteca da Associação. Esse envolvimento resultou em uma maior abertura para que eu ficasse mais inteirada das ações pensadas para o local, ao mesmo tempo que demandou um envolvimento maior com o campo que não dizia respeito somente a minha prática de pesquisa. Fui chamada a elaborar editais para captação de recursos, a ministrar palestras, o que não foi possível em decorrência de choques de horários.

Nem mesmo a clausura, exigida pelo momento da escrita, rompe com este circuito: nossos “nativos”, nossos temas, nossas questões seguem vivendo, mandam mensagens eletrônicas, telefonam, deixam recados, convidam para reuniões, batem à nossa porta. Fui convidada (um convite com ares de convocação) a participar de reuniões para a formação da nova Associação dos Universitários de Coreaú e nos últimos momentos de escrita da qualificação, recebi um telefonema, junto a e-mails com o pedido de comparecimento à Araquém para acompanhar dilemas referentes ao corte do transporte universitário. Na escrita da dissertação, quando já havia colocado um fim ao trabalho de campo, pediram que eu acompanhasse a formação de um grupo cuja finalidade era a formação

política da juventude em Araquém e diante de tudo que recebi no processo de pesquisa empírica, fiquei com essa dívida a ser paga em momento posterior.

3. O QUE É SER JOVEM EM ARAQUÉM

Para compreender os indivíduos em sua singularidade relativa, é necessário se aproximar deles e parar de considerá-los unicamente como representantes de grupos ou de categorias. É preciso reconstruir os elementos de um percurso individual e compreender o tecido social desse indivíduo singular. (LAHIRE, 2012)

A epígrafe acima transposta traduz bem o que fundamenta esse capítulo. Aqui, são apresentadas trajetórias individuais, construídas sobre as narrativas de dois jovens entrevistados na pesquisa. Entre os sete jovens entrevistados, essas duas narrativas representam uma seleção feita no intuito de apresentar a diversidade de situações vividas pelos jovens em Araquém. A seleção foi necessária porque, se não o fizesse, a apresentação de todas as trajetórias aumentaria sobremaneira o tamanho deste texto. Escolhi os dois indivíduos por entender que as narrativas destes apresentam um conjunto de semelhanças e diferenças que se põem de maneira significativa.

Considerando a epígrafe que abre o capítulo, a pluralidade de vivências encontradas nas duas trajetórias individuais, não devem ser tomadas apenas como um par de casos. Em consonância com a sociologia configuracional de Elias (1994), essas trajetórias buscam mostrar os efeitos das configurações sociais nos indivíduos, pois entende-se que o campo de possibilidades ou oportunidades que se abre para os sujeitos pesquisados, é determinado por múltiplos fatores e será sempre um campo relacional.

Aqui, pretendo compreender como os jovens de Araquém atribuem significados a esse período da vida denominado juventude, apreendendo em suas narrativas como se autodefinem, como significam as suas experiências. Não é possível, ao meu ver, analisar suas trajetórias rumo ao ensino superior, sem conhecer a maneira como estes vivem e estão pensando esta “fase” que é, de certa maneira, vivenciada no meio rural. Acredito que por estecaminho é possível apresentar suas particularidades – enquanto jovens rurais – as “semelhanças” e as “diferenças” em relação aos jovens que vivem no espaço urbano sobralense e em outras localidades da região.

As trajetórias serão reconstruídas e num tópico específico serão analisadas juntamente. Os elementos das narrativas serão analisados ainda ao longo dos demais capítulos. Escolhi seguir esse caminho por entender que há aspectos na vida dos jovens que mostram semelhanças entre os mesmos e a análise recairia em repetições. Estructurei a análise das narrativas em tópicos que sugerem os principais elementos que caracterizam os

jovens universitários de Araquém. Estou ciente de que, mesmo diante dos recortes analíticos, as narrativas apresentadas se compõem por uma realidade muito mais ampla do que a que foi analisada nos tópicos elaborados para mostrar a ideia de juventude rural para os sujeitos pesquisados. Porém, considerando o espaço limitado para a apresentação da pesquisa em forma de texto - o qual não pode exceder um número específico de páginas, e considerando o tempo em que transcorre a pós graduação em nível de mestrado, foi fundamental focar em elementos que considere mais relevantes.

3.1 - “Eu era preguiçoso pra roça”: trocando a enxada pela caneta Trajetória de Renato Chaves

Renato tinha 18 anos quando fiz a primeira entrevista com ele (em 2011.1). À época, cursava o primeiro semestre do curso de Ciências Sociais – licenciatura, na UVA. Solteiro e sem filhos, morava em Araquém junto aos pais, ao irmão mais novo de 17 anos e à irmã de 14 anos. Filho de agricultores, Renato morava em um “sítio”, como ele designara, que faz parte da propriedade de seu avô paterno chamado Raimundo e trabalhava na agricultura junto aos pais, cultivando a propriedade familiar ou “fazendo diárias em propriedades nas redondezas”. A propriedade do avô mede aproximadamente 150 x 800 “braças” - Renato explica que,

Braça é o padrão que utilizamos para medir a terra. Cada braça equivale a 2,25 metros. A terra do meu avô, no total, mede mais ou menos 150 x 800 braças. Isso em metros é mais ou menos 340 x 1.800 metros. Somos vinte e cinco pessoas distribuídas em quatro casas e são tudo família. Meu avô é dono da terra, os filhos foram casando e construindo casa ali, ao lado da do meu avô. Cada um tem a sua casa, mas tudo é do meu avô. (Renato Chaves – Entrevista 2011.1).

Uma das casas é a do senhor Raimundo, uma é a dos pais de Renato e as outras duas são de um tio e uma tia. Esses três filhos do senhor Raimundo são os que optaram por permanecer em Araquém, pois mais dois homens migraram para Brasília na década de 80. Cada uma das quatro casas distribuídas no terreno do senhor Raimundo é composta por um núcleo familiar com a mulher-esposa, o homem-marido e os filhos.

No caso da divisão da propriedade em família, não existe uma contrapartida previamente acertada com proprietário (o avô) em termos financeiros, mas há um compromisso moral em assistir o casal de patriarcas que se encontra em idade avançada. A assistência se dá pela visita diária dos filhos e netos aos mesmos e a casa do casal é o ponto de

encontro das famílias em rodas de conversas diárias. O terreno é cultivado pelas quatro famílias que tiram da terra o seu sustento, plantando e criando animais de pequeno porte (galinha, porco, cabra).

De acordo com Renato, “a gente planta para alimentar a família, o princípio é esse. Aí, se pegar um inverno bom e que tenha condições de sobrar o que é produzido, o excedente é que é vendido. Isso é até para custear coisas que não podemos produzir, como outros alimentos e roupas, por exemplo”. Para Garcia Jr. (1983, p.16), esse tipo de produção faz parte da organização camponesa e pode ser denominada produção de subsistência, isto é, “aquilo que é socialmente necessário para a reprodução física e social do trabalhador e de sua família”. Para esse tipo de produção, os camponeses cultivam alguns produtos no roçado, hortas e mantêm a produção de animais domésticos. Uma parte dos alimentos é destinada ao autoconsumo e outra é destinada às relações de troca onde se adquire outros bens necessários. Assim, a subsistência se diferencia do autoconsumo, pois este é o ato de produzir somente para alimentar a família e em alguns casos, tem como prioridade o controle de qualidade na alimentação. Garcia Jr. (*op. Cit*) atenta para o fato de que o autoconsumo pode ser uma prática encontrada inclusive em centros urbanos, quando famílias produzem seus alimentos com o objetivo de manter uma alimentação saudável.

No início da pesquisa, a única renda fixa da casa de Renato eram 120 reais que sua mãe recebia do Programa Bolsa Família – PBF e a família se sustentava com essa quantia mais a renda decorrente da venda do excedente da produção, quando era possível e, quando não havia excedente, todos os membros trabalhavam como diaristas em propriedades maiores – geralmente irrigadas³¹. Em abril de 2013, o pai de Renato passou a receber um valor de 678 reais (um salário mínimo) referente ao “auxílio-doença”³² que lhe foi concedido pelo INSS por conta de um problema na coluna resultante da atividade de esforço físico na agricultura. A família espera ficar renovando o benefício, pois a renda possibilitou a diminuição do trabalho agrícola³³.

³¹ Programa de transferência direta de renda que beneficia famílias em situação de pobreza e extrema pobreza em todo Brasil. Integra o Plano Brasil sem Miséria, que tem como foco de atuação os 16 milhões de brasileiros com renda familiar per capita inferior a 70 reais mensais. www.mds.gov.br/bolsafamilia.

³² O auxílio-doença é um benefício concedido para a pessoa que contribui com o Instituto Nacional do Seguro Social - INSS e que estiver impossibilitada de trabalhar por motivo de doença ou acidente num período superior a 15 dias. Esse benefício é pago desde o início da incapacidade, até quando ela perdurar. Para querer o benefício, a pessoa deve requerer junto ao INSS e comprovar que está incapacitada em exame realizado pela perícia médica do INSS. Caso o beneficiário comprove que não há condições para retornar ao trabalho, o auxílio-doença poderá ser renovado através da realização de novas perícias.

³³ Fiquei sabendo desta informação quando já havia finalizado o trabalho de campo, portanto, não houve condições para que eu analisasse as consequências da renda —fixal na vida da família.

Não há uma distribuição fixa de parcelas da propriedade, as casas são construídas próximas umas das outras e cada família planta em um “pedaço” que escolhe. “A família escolhe o terreno para cultivar e depois que alguém planta no terreno, outra família não intervém, a não ser para ajudar. Quando alguém planta no terreno uma vez, logo ele tem preferência de uso daquele determinado terreno”. De acordo com Renato, esse acordo simbólico é cumprido por todas as famílias sem a emergência de conflitos e quando é necessário, uma família troca produtos da colheita com a outra. Nessa dinâmica, estão inseridas três gerações no trabalho agrícola familiar: o pai – Sr. Raimundo, os filhos e os netos.

“Não sei contabilizar em idade, mas desde que me entendo por gente, eu trabalho na roça”, declara Renato para enfatizar que sua infância e parte da juventude foi marcada pela atividade agrícola. É interessante perceber que as atividades na roça não são vistas pelos pais e filhos como exploração do trabalho infantil o que, apesar de não ser algo que tenho a intenção de discutir aqui, me levou a pensar em uma tensão existente entre a tradição local e o que o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil – PETI, designa como “illegal”.

O trabalho, nesse contexto, não diz respeito necessariamente a uma atividade remunerada, pois somente a partir dos 16 anos é que o jovem passou a receber uma quantia do pai como pagamento pela atividade exercida na roça. O pagamento, que podia ser contabilizado em um valor mínimo não rememorado pelo entrevistado, era um incentivo para que os filhos continuassem “ajudando” na atividade agrícola e aprendessem a lidar com o dinheiro, a “ter responsabilidade”.

Com essa mesma idade – 16 anos – Renato passou a trabalhar ocasionalmente como diarista em propriedades da redondeza, recebendo 15 reais por dia trabalhado (atualmente a diária varia entre 20 e 25 reais), pois haviam momentos de dificuldades financeiras em que seus pais não podiam pagar aos filhos e estes desejavam comprar roupas e acessórios pessoais com renda própria. Os momentos de dificuldades financeiras equivaliam aos períodos em que “a colheita não vingava”, seja em decorrência das condições climáticas provenientes da seca, que é constante no município de Coreaú, seja em decorrência do pouco valor atribuído pelos compradores aos produtos cultivados, que consistem basicamente no milho, feijão e arroz.

Na casa de Renato, ele, o irmão, o pai e a mãe dividiam a responsabilidade de cultivar a terra, sendo que a única pessoa da família isenta da atividade era a irmã. A justificativa dada a esta exceção foi a de que além de ser mulher, os pais poupavam-na por ela ser a mais nova. A palavra poupar está intimamente relacionada à representação que Renato

faz da agricultura como algo penoso e cansativo e considerando a irmã como um membro diferenciado na família, em decorrência de sua fragilidade física, atribuíam a ela as atividades domésticas, como a limpeza da casa e o preparo da alimentação.

Apesar de vivenciar a infância imerso em relações de trabalho, Renato conta com orgulho que os pais, mesmo tendo pouca escolaridade – o pai concluiu a 4ª série, atual 5º ano e a mãe concluiu a 1ª série, atual 2º ano – sempre priorizaram os estudos dos filhos: “Eles faziam de tudo para a gente estudar. Eles diziam bem assim: 'eu quero que vocês tenham o que eu não tive, eu quero dar a vocês o que meus pais não me deram'. Com todas as dificuldades, foram eles que mais incentivaram a gente a estudar” (Renato, 2011.1). Durante quase todo o percurso escolar de Renato e seus irmãos, o dia era dividido no turno do trabalho (manhã), o turno dos estudos (tarde) e o turno do descanso (noite). Após ser aprovado no vestibular, durante os dois primeiros anos de faculdade, houve apenas uma inversão: o turno dos estudos passou para a noite e o turno da tarde foi dividido entre descanso, atividades de estudos em casa e o deslocamento para a universidade.

Sua trajetória escolar é narrada com orgulho. Estudou nas duas únicas escolas situadas em Araquém: a Escola de Ensino Fundamental Santo Antônio (municipal) e na Escola de Ensino Fundamental e Médio Flora Teles – Anexo Araquém (estadual) e nunca repetiu o ano, “só tirava boas notas”. A escola não era um fim em si mesmo, mas sim um meio necessário às conquistas desejadas, ou seja, ela faz parte de um projeto elaborado por esse sujeito social. Esse desejo, mesmo sendo pessoal, é também um desejo coletivo que envolve a família e representa um sentido para a vida, tornando-se para ele e seus pais um diferencial entre uma geração e outra e uma forma de mudar de vida.

Seu percurso escolar é visto por ele como sendo atravessado por muitas dificuldades, pois em tempos secos ia pedalando ou caminhando de casa para a escola e não considerava muito longe (2km), mas, em tempos chuvosos, muitas vezes se deparou com o riacho cheio e teve que “atravessar em cima de galhos das árvores ou improvisar alguma outra forma, arriscando a própria vida. Eu ficava furioso, mas ou atravessa de qualquer jeito, ou ficava sem estudar. Tinha que ter força de vontade, senão, abandonava os estudos” (Renato 2011.2).

A narrativa enfatiza que muitas vezes, a travessia da estrada que ligava sua casa à escola foi vivenciada como uma aventura que findava na casa de uma tia, onde tinha que parar para trocar a roupa molhada e seguir para a escola. Assim, com base numa narrativa de superação, o interlocutor considera que ele e o irmão aproveitaram bem o incentivo dos pais aos estudos e sempre foram reconhecidos na escola como bons alunos. Nas entrevistas, por

mais de uma vez, Renato fez questão de contar que foi campeão em uma olimpíada de matemática quando cursava o segundo ano do ensino médio e recebeu um computador como recompensa.

O “sucesso” escolar é relacionado a constituição de uma juventude transformadora. Renato diz que “ter conseguido vencer muitas etapas nos estudos me dá forças pra tentar mudar a minha condição e se Deus quiser, sei que vou conseguir, porque já consegui muita coisa. A gente, jovem, a gente tem fôlego e esse fôlego tem que vir de nós mesmo, porque nossos pais estão cansados. Somos nós que temos que mudar as coisas”. Portanto, se identificando como jovem, Renato demonstra que reconhece uma diferenciação entre sua capacidade transformadora e a capacidade transformadora de seus pais. Enquanto jovem, é um agente privilegiado de transformação.

Não acha que a irmã de 14 anos tem o mesmo interesse que ele e o irmão, a menina é representada por ele como sendo desinteressada pelos estudos. De acordo com Renato, esse desinteresse decorre dela não ter “dado duro”, não saber a dificuldade do trabalho na roça. Ele afirma que,

Se ela tivesse trabalhado na roça, ela ia ver que estudar é bem melhor, porque eu nunca gostei de trabalhar na roça, mas que foi importante pra mim, isso foi. Meus pais diziam e me incentivavam a estudar pra eu ter uma profissão e sobreviver dela, né. Porque tem aquela história: **eu era preguiçoso pra roça**. Nunca gostei porque achava que além de ser um serviço muito pesado, serviço braçal, era um serviço que ao mesmo tempo em que me desestimulava a estudar, porque é muito cansativo, tanto no sentido físico como mental, ao mesmo tempo me estimulava a estudar para sair dele. É muito trabalho para pouca renda. (RENATO, 2011.2)

Para Renato, as atividades na roça constituem uma etapa importante de aprendizado, elas não são tomadas como profissão, mas como um momento que consiste em uma forma de enfrentar as adversidades da vida e ser, no futuro, um homem honesto que ultrapassou as dificuldades com decência e trabalho. Os estudos aparecem como alternativa principal para ultrapassar essa etapa e vêm sendo elemento constituinte dos caminhos do jovem.

No ensino médio, Renato foi aluno de Gabriela, uma professora de Sociologia que segundo ele, incentivava os alunos a darem continuidade aos estudos a partir da inserção na Universidade. Ele admirava muito essa professora e “adorava as suas aulas”. Após concluir o ensino médio, Renato optou por tentar o vestibular e a escolha do curso se deu por um conjunto que uniu a admiração que tinha pela matéria de Sociologia e pela professora, bem como a vontade de ser professor graduado na escola estadual do distrito, pois como ele fala: “eu acredito na educação”. Prestou vestibular para Ciências Sociais - Licenciatura na UVA e

foi aprovado na primeira tentativa. Esse foi um passo que mudou consideravelmente a sua vida.

A primeira vez que Renato se deslocou de seu município de origem a outro, foi aos 18 anos, no dia em que foi se inscrever no vestibular na cidade de Sobral. Até então, a distância máxima em que se movera eram os quase 20 quilômetros que liga o distrito de Araquém à sede do município de Coreaú. A experiência foi tomada como “uma aventura”, pois viu paisagens diferentes e uma cidade “muito bonita”, “muito mais movimentada que Coreaú”. Conhecer Sobral encheu Renato de planos e na inscrição do vestibular, “já sonhava estudando em Sobral, me imaginava viajando todo dia, conhecendo um monte de gente diferente. Passar no vestibular foi um sonho” (RENATO, 2011.2).

Viajar todo dia para frequentar a universidade era, ao mesmo tempo, um sonho e um motivo de temor, pois Renato conhecia os dilemas que os universitários do distrito vivenciavam para frequentar a universidade. Não tinham dinheiro para custear um transporte e dependiam da disponibilidade do ônibus universitário por parte da prefeitura, além do que, o transporte que era disponibilizado um semestre antes do seu ingresso na faculdade era um micro-ônibus e, se já estava superlotado, iria ficar insuportável quando recebesse o número de alunos aprovados no mesmo vestibular que Renato foi aprovado. O jovem fala:

A importância do transporte é muito grande, porque o que possibilita, antes de mais nada, você frequentar a universidade, talvez não seja só o interesse em cursar o ensino superior, talvez seja o transporte. Como a nossa situação econômica é bem precária, então, a gente se planeja pensando naquilo. Isso é provado se olharmos que quando não tinha esse transporte, o número de estudantes era bem menor. Não tinha condições de pagar transporte além de outras coisas como o material de estudos. O ônibus é fundamental para nós frequentarmos a universidade, é um serviço que se fosse tirado, muitas vezes não teria como a gente continuar. Se eu não tivesse transporte, a chance de estar na universidade seria em torno de uns 40 ou 50 por cento, isso pra mim né que, querendo tanto, ia buscar outras formas de acesso, mas para outros, seria ainda mais difícil. (RENATO, 2011.1)

Portanto, o transporte para universitários constitui um elemento fundamental no campo de possibilidades da trajetória de Renato e de muitos outros jovens araquienses rumo ao ensino superior.

Os três primeiros semestres na universidade foram marcados por **cansaço**. Essa palavra se repetiu por diversas vezes, principalmente nas duas primeiras entrevistas que fiz com Renato, as quais compreenderam o período em que ele era universitário-viajante. De seis horas da manhã até onze horas, vivenciava o trabalho na roça seguido de uma pausa para banho, almoço e um breve descanso. De duas horas da tarde até umas quatro horas da tarde,

era o tempo de revisar o conteúdo estudado na faculdade. Em seguida, era preciso se preparar para ir para a aula porque tinha que levar em consideração o tempo de deslocamento entre o local de moradia e o ponto de onde saia o ônibus universitário. A distância entre um ponto e outro é de três quilômetros e Renato a percorria de bicicleta, tendo que estar na parada do ônibus faltando dez minutos para as cinco horas da tarde – horário da partida. De cinco da tarde às seis e meia da noite, o tempo de Renato era vivenciado no transporte universitário (nas mais diversas práticas) e chegando na universidade às seis e meia da noite, jantava um caldo antes de iniciar as aulas e permanecia em aula até nove e quarenta e cinco.

No percurso da universidade para casa, já cansado, Renato vivenciava momentos de lazer no ônibus “tem dias que tem música, tem dias que tem piada, tem dias que a gente brinca seja lá por qual motivo. Eu achava cansativo e todo mundo acha, mas a gente sempre dá um jeito de tirar aquela monotonia” (RENATO, 2012.2). Chegando em Araquém, Renato descia na praça central, pegava a sua bicicleta que ficava guardada na casa da tia e percorria os três quilômetros de volta até sua casa, onde pedia a benção da mãe que o esperava acordada e se preparava para dormir.

No terceiro semestre da graduação, cansado das viagens de ônibus complementadas por pedaladas no escuro, Renato tentou uma seleção do Programa Bolsa Universidade da UVA³⁵ e foi selecionado. Recebia um valor mensal de trezentos reais. O estágio representava a opção de migrar, pois exigia um expediente de seis horas a serem cumpridas no local em que seria lotado e com uma renda própria, havia a possibilidade de custear a moradia em Sobral. O que o motivou foi o cansaço em relação às viagens e ao trabalho agrícola, que segundo ele, não era uma obrigação formalizada, mas um compromisso moral:

Depois que eu entrei na Universidade, meu pai nem me obrigava a trabalhar na roça não, mas eu morando em casa, era inevitável porque eu via meus pais pegando pesado e ficava com peso na consciência de não ajudar. Era um compromisso moral mesmo, eu não ia ficar em casa enquanto meu pai ia pra roça. Morando em Sobral é diferente. Além de não ver, porque tem aquele ditado: 'o que os olhos não veem, o coração não sente', eu ainda trabalho. É como se eu dissesse pra mim mesmo: eu não estou ajudando lá, mas estou fazendo outra coisa da vida e pra melhorar a vida (RENATO, 2011.2).

⁴²O Programa consiste em uma política de assistência estudantil da instituição que se dá através da oferta de estágios remunerados para alunos regularmente matriculados. Os estágios podem ser na própria instituição de ensino ou em instituições parceiras, como é o caso da prefeitura Municipal de Sobral.

Migrar representou não só uma alternativa para o cansaço físico decorrente da viagem e do trabalho, mas a fuga para com um compromisso moral agenciado por um sentimento de dever. Mesmo liberado do trabalho na roça pelos pais, Renato não se liberava e a única opção que encontrou para negar essa realidade foi a de vivenciá-la de longe. Assim, optou por migrar para Sobral e se estabeleceu em uma república estudantil, morando com mais cinco meninos de Araquém com os quais dividia as despesas de aluguel, água, luz e internet que somavam aproximadamente 420 reais e correspondia a um valor de 70 reais por pessoa.

A alimentação, cada um provia o que podia, pois como eram todos filhos de agricultores de Araquém, cada um levava alimentos básicos provenientes das colheitas e da criação de alguns animais (arroz, feijão, mandioca, frutas, verduras, ovos), “um comprava um macarrão para complementar e dividia com todos, o outro comprava uma mistura de vez em quando e quando dava, alguém trazia um frango de casa, uma carne de porco ou comprava e dividia a despesa e o alimento entre todos” (RENATO, 2012.2).

Renato considera importante a escolha que fez, pois a percebe como um caminho de aprendizado singular. Considera que pela sua educação, já era uma pessoa muito responsável, mas que saindo de casa, “as responsabilidades aumentaram”. Tinha que aprender a conviver com pessoas diferentes, aprender a administrar o dinheiro e as contas a pagar, a limpeza da casa, o preparo da alimentação e dividir bem os horários para trabalhar, estudar, cuidar das atividades domésticas e se divertir, pois, “Sobral tem algumas opções de lazer que eu não tinha antes”, declara ele.

Enfatizou com orgulho que a sua criação o ensinou a ser “um homem de verdade” e que isso foi muito importante para ele vivenciar com responsabilidade essa experiência de morar longe da família. Nos momentos em que ficava responsável por administrar a república,³⁶ era reconhecido por sua disciplina e rigor, o que levou seus companheiros a nomearem tais períodos como “renatocracia”. Vivenciar o regime “renatocrático”, era vivenciar um período de disciplina e rigor.

Morar em Sobral foi uma experiência de alteridade que levou Renato a comparar o modo de vida em Araquém com o modo de vida em Sobral. “Ser jovem na roça é muito diferente de ser jovem numa cidade” e complementa Renato:

³⁶Para organizar as atividades na república, escolhe-se por eleição, um líder que vai designar tarefas e estabelecer regras de convivência. Aqui, não pretendo abordar a realidade vivenciada nas repúblicas estudantis, mas acho importante citar esse caso porque faz parte da trajetória de Renato.

Você vem de um local onde praticamente todo mundo é de uma mesma família e todo mundo se conhecendo, não tem violência. Aí, você vem para Sobral que além de ser extremamente maior em questões físicas e geográficas e que tem mais gente, é extremamente maior no sentido de economia, de violência, de acesso a outros recursos de educação e lazer. Em Araquém você tá perto da família e a família é muito importante pra tudo, mas a economia é muito atrasada e não tem muito emprego. Em Sobral, você não tem família, mas é bom pelo acesso as coisas. Aqui, você tem muita coisa que no interior não tem, tipo teatro, cinema, supermercado, mais oferta de trabalho – embora nem sempre tenha dinheiro para frequentar todas elas. Essas são as coisas boas, mas também tem as ruins, tipo, poluição sonora, ambiental, violência, a distância da família e as coisas são muito mais caras do que no interior. (RENATO, 2013.1)

O estranhamento foi fundamental para que Renato construísse um paralelo entre as diferenças e elaborasse formas de pertencimentos. A dimensão de viver em uma cidade média foi sentida no cotidiano de Renato pelos movimentos no trânsito, pela agitação das pessoas, pelo discurso da violência e também pela contradição entre as ofertas de lazer e os limites financeiros nem sempre possíveis de transpor para acessar bens e serviços na cidade. Para ele há aspectos positivos e negativos em ambos os locais, mas o mais relevante é que o jovem reconhece uma diferença entre as condições de vida na roça e as condições de vida no espaço urbano. Portanto, não há como igualar aqui o campo e a cidade.

Renato passou dois semestres como estagiário na 2ª vara civil do Fórum Dr. José Sabóia Albuquerque, em Sobral e no início de 2013, foi contratado. A contratação, além de significar um aumento no valor que ganhava (passou de trezentos reais para seiscentos e setenta e oito), foi um motor para a elaboração de novos projetos, pois o estágio era temporário e a contratação, atemporal. Seus projetos para o futuro eram de concluir a graduação e em seguida, tentar uma pós-graduação em Fortaleza ou em outra cidade que oferecesse cursos de mestrado. Sendo mestre, retornaria para Araquém e trabalharia como sociólogo no ensino médio.

Notei que o projeto anunciado após a migração, se diferenciou do projeto anunciado quando ainda era universitário-viajante. Enquanto nesta última condição seus planos eram concluir a graduação e permanecer em Araquém, após a migração, planeja ir para um centro ainda maior que Sobral. Na última entrevista realizada, esse declarou que:

Agora, eu não faço muita ideia do que vai ser e do que eu quero para minha vida. Só sei uma coisa: voltar para roça eu espero não voltar mais, né? A universidade é uma das melhores fugas para as pessoas vencerem as dificuldades, fugir daquela vida cansativa da roça. Eu passei a ver as coisas de forma diferente, o Renato antes da faculdade era mais alienado e tinha dificuldades para ver as coisas e analisá-las como elas são, se eu posso dizer assim. Eu não posso dizer mais nada do que eu quero com certeza, porque tudo vai depender da minha formação e do que a vida vai me oferecer. (Renato, 2013.1)

Nota-se que os projetos para o futuro, que um dia apareceram pré-estabelecidos, passam a ser tomados como projetos móveis, abertos ao que “a vida vai oferecer”. Certamente, a trajetória de Renato vem sendo influenciada pelos modos de viver na cidade e pela percepção de sua vivência anterior no campo. Novas possibilidades estão em construção.

3.2- “Ficar ou Sair”: uma escolha guiada pelo amor. Trajetória de Fabiano

Fabiano tinha 20 anos quando o entrevistei (2012.2), época em que cursava o primeiro semestre do curso de Direito na Faculdade Luciano Feijão. Casado com Gabriela, uma jovem de 27 anos que é professora de Sociologia na escola de ensino médio de Araquém, o casal tem um filho de dois anos e os três moram em casa própria localizada na Avenida principal de Araquém. Fabiano é filho de um casal de agricultores que também moram em Araquém, mas, em uma localidade distante 10 quilômetros da sua casa atual. Morou com os pais até os 17 anos e nessa idade, saiu de casa para morar com Gabriela.

Fabiano tem uma irmã de 15 anos, um irmão de 21 anos e um irmão de 19 anos. A irmã mora com os pais, o irmão mais velho migrou para o Rio de Janeiro quando tinha 19 anos e o irmão mais novo migrou para Brasília quando tinha 18 anos. O pai “ganha a vida” como agricultor cultivando a terra de sua propriedade e a mãe, além de ajudar nas atividades agrícolas aos fins de semana, atualmente trabalha como funcionária da escola municipal de Araquém, exercendo um cargo designado como “serviços gerais” e ganha um salário mínimo (R\$ 678,00). Foi admitida na escola há três anos, antes trabalhava diariamente na roça e nas atividades domésticas. Além do salário, a mãe de Fabiano recebe oitenta reais do Programa Bolsa Família.

Os pais de Fabiano plantam milho, arroz, feijão, fava e criam galinhas, porcos, cabras e umas poucas cabeças de gado. A atividade na agricultura tem sido de subsistência, pois sem a ajuda dos filhos, o trabalho do pai de Fabiano só é suficiente para cultivar pequenos roçados e somando a falta de mão de obra às adversidades climáticas do município, raras vezes há excedente para comercializar, seja vendendo ou trocando. A irmã de 15 anos ajuda nos serviços domésticos, mas “nunca foi colocada pra pegar pesado no plantio”.

Fabiano iniciou sua experiência na agricultura quando era criança e trabalhou com o pai até os 17 anos. Não lembra ao certo a idade em que iniciou, mas diz que —foi muito cedo, pois os pais levavam os filhos para a roça logo que estes aprendiam a andar. Fabiano

conta que:

No início, era como se fosse brincadeira para criança porque a gente acompanhava mas não pegava muito no pesado, só que a gente já ia aprendendo a lidar com a terra. Depois, virou compromisso e, querendo ou não, tínhamos que ajudar o pai. Eu odiava! É um trabalho árduo e penoso, onde se trabalha muito, independente de estar chovendo ou fazendo sol. Além de tudo, nesse ramo a pessoa não tem perspectiva de mudar de vida. (FABIANO, 2012.2)

O jovem rememora a infância como um período onde aprendeu as artes do ofício de ser agricultor e tem uma visão negativa sobre as experiências. Ele e seus irmãos conciliavam o trabalho, que era exercido na roça de sete até onze horas da manhã, com os estudos, que era no período da tarde. Nunca receberam renda pelo trabalho e não trabalhavam em outras propriedades porque o pai se mantém na tradição de agricultores mais velhos, como seu avô, que preza pela autonomia do trabalho na agricultura, preza pelo valor da família, da propriedade e considera que “não compensa trabalhar para os outros”.

Vivenciando o mundo da sala de aula e o mundo da roça, Fabiano diz que estar na escola se “transformava num paraíso”, pois “era melhor estudar um turno do que passar o dia inteiro trabalhando”. Os pais eram contra a reprodução de um modo de vida camponês, centrado na agricultura e desejavam que seus filhos fossem escolarizados. Assim, designavam a estes apenas um turno de trabalho, o que não deixava de ser cansativo, pois depois de uma média de quatro horas “levantando enxada, foice, pá, levando carrinho de mão, o corpo ficava esgotado e isso afetava a mente”. Fabiano explica que os pais sempre quiseram o melhor para os filhos e não os obrigavam a trabalhar por mal, mas sim porque era a única possibilidade de sustento da família. A escola e a roça constituem dois espaços de aprendizado na vida desse sujeito. Ele diz que:

Na roça, a gente aprende muita coisa. Não é o chão que fala, não é a enxada que fala, mas é como se fosse. A gente está ali trabalhando e mil coisas passam pela nossa mente. A gente pensa: aí se eu conseguisse sair dessa vida, pensa que enquanto a gente tá trabalhando, tanta gente tá luxando, pensa como esse mundo é desigual! A gente volta pra casa naquele sol quente e continua pensando, chega em casa, continua pensando. A gente aprende a dar valor as coisas e as pessoas. Se a gente olha pra outras formas de viver, aí é que a gente passa admirar os nossos pais, como eles batalham e como educam a gente. Você ser pobre, mas ter respeito e responsabilidade, é muito bom, mas não é fácil. A gente é jovem e só o que tem por aí, é jovem atolado nas drogas e na bebedeira, sem responsabilidade. A gente foi criado no sistema do trabalho e do respeito, somos jovens que não têm esse negócio de revolta, que sabe respeitar os pais. Eu quero criar meu filho como meus pais me criaram, com os mesmos ensinamentos, só que eu quero dar ao meu filho outra condição de vida, não a que meus pais me deram. Sou muito grato, porque foi na roça que aprendi a viver. (FABIANO, 2012.2)

O trabalho na agricultura sempre foi “odiado” pelo interlocutor, mas tem um papel

fundamental na formação moral deste. Respeito, admiração e responsabilidade são palavras que emergem para se auto-representar enquanto jovem e segundo ele, foram as relações de trabalho na e com a família que instauraram essa formação pessoal. Portanto, a sua postura juvenil foi formada pelo ensinamento que recebeu dos pais, o que o diferencia dos jovens concebidos pelas suas representações: irresponsáveis, atolados nas drogas e na bebedeira.

Movido por um sentimento de inconformidade para com a sua realidade, Fabiano diz que muitas vezes, ele e seus irmãos quiseram desistir dos estudos pelo cansaço, mas os pais insistiam que estudar era a única forma que eles podiam encontrar para sair daquela situação em que viviam. Os deslocamentos para acessar as instituições de ensino foram um dos aspectos indicados como desestimuladores da vida estudantil no período da escola, pois levam em consideração o binômio tempo-condições de transporte. Tais deslocamentos são pontuados em vários momentos da narrativa e constituem um elemento central em toda sua trajetória estudantil (inclusive na faculdade).

A maior dificuldade em termos de deslocamento foi enfrentada no ensino médio, pois enquanto a escola de ensino fundamental ficava a dois quilômetros de sua casa, a escola de ensino médio ficava a nove quilômetros e ele estudava no turno da noite. Saia de casa de bicicleta e pedalava os nove quilômetros até a escola, “aí, você imagina a pessoa passar a manhã trabalhando e depois ter que pedalar nove quilômetros para chegar à escola”, diz ele.

No início do primeiro ano do ensino médio, pedalava a mesma distância de volta para casa e quando julgou que estava ficando inviável, passou a dormir nas casas de colegas que moravam nas proximidades da escola. Foi nesse período que a vontade de desistir dos estudos se intensificou, mas por influência dos pais e alguns amigos, se matriculou no 2º ano do ensino médio.

No quadro de professores que lhe ensinavam, estava Gabriela, a professora de sociologia. Fabiano diz que ficou apaixonado por suas aulas e o incentivo que esta dava aos alunos fez com que ele resinificasse a distância percorrida para chegar à escola. “Ela fazia com que a gente não perdesse a esperança, até porque, ela também tinha passado por muitas dificuldades e tinha superado. Tinha trabalhado na agricultura e passou a ser professor. Ele foi se aproximando da professora de sociologia, estudava para participar das aulas e construiu uma relação de amizade com Gabriela pautada por muita admiração em relação a mesma. “Dessa admiração, surgiu um amor”, diz ele. Ambos se apaixonaram, mas não quiseram assumir o namoro publicamente por existir um vínculo institucional entre os dois e temerem

que isso pudesse afetar a vida profissional da professora.

Quando iniciou o relacionamento ainda às escondidas, Fabiano estava disposto a seguir o mesmo caminho do irmão mais velho: migrar para o Rio de Janeiro para trabalhar. De acordo com o jovem, ele só não o fez em decorrência dos incentivos da professora-namorada. O relacionamento é colocado na narrativa como o elemento principal que motivou a permanência do jovem na localidade de origem e a continuação dos estudos. Seus dias continuaram sendo de travessia entre sua casa e a escola. Ao fim da aula, encontrava “às escondidas” com Gabriela e depois ia dormir na casa de amigos para no outro dia, às seis horas da manhã, retornar para sua casa e reiniciar o trabalho na roça.

Concluindo o ensino médio no ano de 2010, Fabiano tentou vestibular para o curso de Letras na UVA e não foi aprovado. Em 2011, assumiu o namoro com Gabriela e poucos meses depois, resolveram morar juntos. Esse foi um ano de muitas mudanças na vida de Fabiano, pois o jovem saiu da casa dos pais e foi morar em uma casa que a família de Gabriela disponibilizou para ambos. A atitude implicou no abandono da atividade agrícola e Fabiano foi empregado como auxiliar em um curso de computação. Além desses ocorridos, o casal engravidou ainda no primeiro semestre de 2011 e a criança nasceu ao fim do ano.

Com o nascimento do filho, Fabiano adiou os planos de tentar novamente o vestibular e continuou trabalhando como auxiliar num curso de computação, ganhando 250 reais por mês. Se dedicou aos cuidados com o filho junto à esposa no primeiro semestre de 2012, mas Gabriela insistia para que o marido tentasse o vestibular e assim ele fez.

Animado com a possibilidade de conseguir um financiamento dos estudos através do FIES, tentou vestibular para Direito na UVA e na FFL. A opção pelo curso fazia parte de um sonho antigo de ser advogado, ele diz que: “se eu ia dar continuidade aos estudos para ter uma profissão no futuro, não ia escolher qualquer coisa. Escolhi Direito porque é um curso que a gente tem mais possibilidades de trabalho e com um ganho melhor”. Foi reprovado na primeira instituição e aprovado na segunda, mas aí, um outro impasse surgia: como pagar a mensalidade de 790 reais da faculdade particular até conseguir o financiamento?

Para além da mensalidade da faculdade, tem as despesas de casa e o dinheiro que Fabiano ganha não é o suficiente. Tanto os pais dele quanto os pais de Gabriela ajudam na alimentação, disponibilizando alguns produtos que cultivam, mas quem custeia a maior parte das despesas é Gabriela, com o salário que recebe pelos dois expedientes que trabalha como professora do Estado e foi ela quem se propôs a pagar a faculdade de Fabiano. Diante dessa situação, o rapaz acredita que tem uma imensa dívida para com a esposa que não pode ser paga nunca, pois a moeda não é o dinheiro. “Eu devo muito a Gabriela. Se não fosse por ela,

jamais eu teria começado a fazer faculdade, muito menos poder custear a mesma. Tenho muita gratidão e sei que nunca vou pagar o que ela fez por mim e o que é para mim”.

Além da ênfase de que só está no ensino superior por conta de Gabriela, outro fator emerge na narrativa como fundante da sua imersão na faculdade: a disponibilidade de transporte gratuito para realizar o deslocamento diário entre Araquém e Sobral. Nas palavras de Fabiano,

A possibilidade de ir e voltar todo dia foi que me animou também. Eu não tinha a menor condição de ir morar em Sobral, primeiro porque não tinha dinheiro, segundo porque não ia deixar a minha esposa e meu filho. Até antes de casar, se eu fosse sair de Araquém, era pra um lugar onde eu pudesse ganhar dinheiro e não um lugar onde eu teria que gastar dinheiro para morar lá, sem ter de onde ganhar. Acho que se não tivesse o ônibus, eu, assim como muitos dos jovens de Araquém, iam refazer nossos planos e o vestibular tava fora deles. Quando a gente tava no ensino médio e sabia que tinha ônibus pros universitários, a gente já pensava assim: agora, se quiser fazer faculdade, eu posso. (FABIANO, 2012.2)

Os projetos de dar continuidade à escolaridade através da inserção no ensino superior são pautados por uma possibilidade existente na configuração social dos jovens de Araquém, qual seja a possibilidade de deslocarem-se sem custos com o transporte. —Ficar ou sair são alternativas e não condições para que seja viável frequentar o ensino superior. Porém, a possibilidade de deslocar-se é perpassada por lutas e conquistas decorrentes das táticas e estratégias operacionalizadas pelos jovens para angariarem o direito ao transporte universitário.

No ano em que Fabiano foi aprovado, os universitários-viajantes de Araquém vivenciavam um temor em relação a garantia do ônibus cedido pela prefeitura. Era ano de eleição e ao que tudo indicava o prefeito da situação não obteria vitória. A cada gestão modificada haviam cortes na disponibilidade do veículo e isso resultava em efeitos desastrosos para os estudantes que perdiam aulas ou tinham que “arrumar dinheiro não sei de onde” para custear um veículo fretado.

Fabiano logo se envolveu nas acaloradas discussões sobre a possibilidade de corte do ônibus, pois, se não houvesse ônibus gratuito, para ele, não haveria como ir às aulas. Junto a um grupo formado por outros universitários, Fabiano, que se manifestava contra o candidato a prefeito da situação, discutia formas de garantir o ônibus após a eleição para prefeito que ocorreria no mês de outubro de 2012. O fato é que os únicos encaminhamentos que resultavam das conversas em grupo era que, caso houvesse corte de transportes, os jovens deveriam agir em grupo e pressionar o poder público municipal.

Um mês após o período eleitoral, com a derrota do candidato da situação, se

cumpriu a previsão: houve o corte de transporte para universitários com base na justificativa de que não havia verbas suficientes para manter o veículo do distrito, somente os da sede municipal. Assim, também se cumpriram as promessas de pressionar o poder público em grupo. Estudantes se reuniram, foram à prefeitura em horário que o prefeito cumpria expediente e exigiram o retorno ao transporte. Uma semana depois, o prefeito cedeu aos apelos. Segundo Fabiano, a concessão do retorno ao serviço de transporte por parte do prefeito, guarda relações com as suas futuras pretensões políticas.

Essa experiência é narrada aqui por ter sido a grande influência para que Fabiano se unisse a outros jovens e pensassem a refundação da Associação dos Universitários de Coreaú - AUC, uma entidade jurídica que seria formada com o “objetivo de defender os interesses da classe universitária coreauense, a fim de assegurar uma melhor qualidade da formação acadêmica dos jovens de nossa terra”. Pelo compromisso apresentado para com as questões referentes ao transporte universitários desde que foi aprovado no vestibular, em dezembro de 2012, no ato de re-fundação da AUC, Fabiano foi eleito presidente. Dos seis membros que compõem a diretoria da Associação, três residem em Araquém e três residem na sede municipal, o que mostra que o distrito de Araquém, diferente do distrito de Ubaúna, tem uma representação frente a esse movimento político.

Como diretor da AUC, o cotidiano do jovem é perpassado pelas responsabilidades familiares, acadêmicas e políticas. Fundou um *blog* para veicular informações sobre as deliberações da Associação e sobre tudo que diz respeito a coletividade dos universitários de Coreaú e organiza informações sobre os mesmos para tentar documentar a realidade dos universitários viajantes frente as adversidades do transporte universitário. Questionado sobre o acúmulo de tarefas, responde: “nós jovens, os universitários, é que temos que participar dessas coisas. Como jovens, nós é que temos que ter a preocupação em transformar nosso lugar num lugar melhor”. Portanto, nota-se que, atrelado a um reconhecimento da sua condição juvenil, há a atribuição de uma responsabilidade para com as atividades que dizem respeito a transformação da realidade em que vivem.

Sobre as experiências de deslocamento de Araquém para Sobral no ônibus universitário, Fabiano diz que são incomparáveis às experiências do ensino médio, pois o transporte modifica todo o desgaste de deslocamento. Segundo o interlocutor,

Ainda é cansativo, mas é outra situação. Primeiro porque geralmente, quem faz faculdade, não trabalha na roça, só tem uns poucos meninos que ainda trabalham. Comparado a esse povo aqui todinho que trabalhava, isso não é nada. Segundo porque o ônibus, apesar de não ter esse luxo todo, é um veículo em que a gente fica parado e ele se movimenta, não é preciso pedalar. A gente brinca no ônibus, se diverte e passa a ser tão divertido que quando chega as férias, a gente tem saudade.

(FABIANO, 2012.2)

Para além do fato de abandonar o trabalho agrícola, um dos distintivos de ser universitário e ser estudante de ensino médio ou fundamental é a vivência diferenciada nas formas de deslocamento. Apesar de percorrer uma distância muito maior de sua casa até a instituição de ensino, a mobilidade foi facilitada pela existência do ônibus. Na narrativa, o jovem mostra que mudou de *status*, teve uma ascensão. Na época da escola, quando passou do ensino fundamental para o médio “as coisas pioraram”, mas, do ensino médio para o ensino superior, as coisas só melhoraram.

Fabiano já conhecia Sobral antes de entrar na faculdade. Visitou a cidade quando precisou de serviços médicos ali ofertados, mas “foi muito rápido”. Ele diz que a experiência de ir e vir todo dia transforma a pessoa. Fala sobre a convivência com os colegas na Faculdade, a qual é analisada de forma dual. “Em relação aos colegas, tem uns que são bem legais e tenho bons amigos, mas na realidade, eu não me misturo muito não. Converso com poucos, até porque a maioria é muito diferente de mim, tem muita gente fresca na faculdade”. A diferença a que Fabiano se refere diz respeito a formas de conduta que apelam para ostentação de bens e a forma de vestir, pois na faculdade há um público que goza de situação financeira privilegiada e Fabiano se veste de forma simples e despojada, não tem os mesmos aparelhos eletrônicos que alguns (por exemplo, “celulares cheios de recursos”).

Para além das relações com os colegas na faculdade, a experiência de deslocamento leva o jovem a formular representações sobre a cidade de Sobral. “É muito movimentada, quente, barulhenta, a gente escuta os boatos de assalto (...) mas valeria a pena passar um dia para ir ao cinema, ao teatro, essas coisas que em Araquém não tem”. Demarquem-se assim, características negativas e positivas para analisar a cidade e as adjetivações decorrem de uma comparação com o local de moradia do sujeito.

Fabiano considera que a experiência de frequentar a universidade trouxe um maior amadurecimento. Segundo ele, isso decorre da forma como tem que lidar com os conteúdos acadêmicos, como tem que administrar o tempo, decorre do contato com outras pessoas e também da experiência que está tendo como sujeito que busca garantir a universidade através da reivindicação pela garantia de transporte gratuito. Para mover-se, é preciso reivindicar a mobilidade como um serviço a ser ofertado pela administração pública.

Atualmente, Fabiano está cursando o terceiro semestre do curso de Direito. Ainda não conseguiu o financiamento de sua faculdade pelos FIES e quem continua custeando é Gabriela. Por conta das atividades de estudos, das atividades políticas (por atividades

políticas, refiro-me à participação do sujeito na Associação dos Universitários de Coreaú) e para cuidar do filho, Fabiano saiu do emprego como auxiliar no curso de informática. Ele diz que não compensava pela baixa remuneração, pois alguém tinha que cuidar do filho e precisavam pagar uma pessoa.

Seus planos são de concorrer mais uma vez ao FIES no fim do semestre e conseguir um emprego que pague melhor, “nem que seja na sede de Coreaú”. Para ele, o ideal seria um estágio em um escritório de advocacia, mas se não conseguir, “qualquer emprego serve até concluir a faculdade, desde que pague melhor que o anterior. Depois de formado, aí as coisas mudam e eu consigo algo melhor”. A perspectiva é que o diploma de bacharel em Direito abra possibilidades para sua imersão no mercado de trabalho formal com uma melhor remuneração. Fabiano objetiva a realização do projeto profissional na sede do município de Coreaú, pois não tem planos de migrar e acredita que pode encontrar dificuldades em estabelecer seu projeto profissional no distrito, mas “trabalhando na sede, pode dar certo”.

Nessa trajetória, podemos perceber que campos de possibilidades são geradores de outros campos de possibilidades e assim, há um encadeamento nas trajetórias. O projeto de cursar o ensino superior vem se efetivando pela possibilidade de deslocar-se e com um diploma, o jovem acredita que novas possibilidades aparecerão. Portanto, assim como na trajetória de Renato, podemos identificar projetos móveis e campos de possibilidades que se constroem sobre as pilastras de outros campos de possibilidades. Estamos falando de vidas em trânsito nos mais diversos sentidos.

3.3- O que caracteriza a juventude em Araquém

3.3.1 - Juventude: Família, trabalho e tradição

Ser jovem em Araquém, como demonstrado nas narrativas acima, é, antes de tudo, pertencer a famílias que têm (ou tiveram) a agricultura como base para a sua organização social. Essa é uma característica comum à Renato, Fabiano, aos outros 05 jovens entrevistados e à 61 dos 63 universitários-viajantes de Araquém e, emerge nas falas para justificar a formação do eu em cada um. Na construção social de suas condições juvenis, os interlocutores da pesquisa forjam uma representação em que a família emerge enquanto unidade fundamental que constitui suas personalidades. A família, por sua vez, está intimamente associada à experiências de trabalho, portanto, outra característica comum a todos os interlocutores, é trazerem grafado em si experiências de trabalho desde a infância e tomarem tais experiências como um motor que impulsiona desejos de mudança. O resultado dessa engrenagem é a transformação dos sujeitos em “jovens transformadores”, ou seja, é uma

engrenagem formada por um devir ser.

Analiticamente, isso decorre de um fator já bastante debatido por autores que compõem os estudos sobre o meio rural no Brasil (Durham, 1973): a agricultura no campo, em especial essa que não é mecanizada, é um espaço familiar, portanto, espaço de socialização. Podemos caracterizar os sujeitos imersos nessa relação família-trabalho como camponeses. De acordo com Pereira de Queiroz,

O camponês é um trabalhador rural cujo produto se destina primordialmente ao sustento da própria família, podendo vender ou não o excedente da colheita, deduzida a parte de aluguel quando não é proprietário; devido ao destino da produção, ele é policultor. O caráter essencial da definição de camponês é, pois, o destino dado ao produto, pois este governa todos os outros elementos com ele correlatos. Assim, dificilmente cultivará grandes extensões de terra; por outro lado, não sendo a colheita destinada à obtenção de lucro, não deve ela ultrapassar certo nível de gastos, a fim de não onerar a disponibilidade econômica familiar (...) De forma geral, o destino da produção define a organização do trabalho no interior da família. Economicamente, define-se, pois o camponês pelo seu objetivo de plantar para consumo. (QUEIROZ, 1973, p. 29-30)

Cabe tomar emprestado de Queiroz seu conceito de camponês para caracterizar os sujeitos da pesquisa – ainda que muitos não vivenciem mais essa condição, suas famílias vivenciam. Há uma organização da família pautada na economia doméstica, porém, para além da economia, a família camponesa constitui uma ordem de valores, como veremos.

Freitas e Botelho, chamam atenção para o fato de que “todos os autores da vertente econômica européia da teoria do campesinato, consideram a família como central para a compreensão desse sistema social” (2011, p.56). De acordo com as autoras, o que mais se enfatiza nessa abordagem é a produção econômica e a capacidade produtiva da família sendo que, é desconsiderada a produção social da família como valor, ou seja, tomam a unidade familiar como unidade de produção, privilegiando as relações econômicas ali estabelecidas. Para analisar a situação investigada, devemos ir além dessa perspectiva, pois nas narrativas dos jovens de Araquém, emergem valores atribuídos às suas experiências na atividade agrícola junto à família que ultrapassam a dimensão econômica. “Respeito”, “humildade”, “responsabilidade” são termos que os entrevistados utilizam para designar o que aprenderam com os pais no trabalho agrícola e são esses valores que formam as suas personalidades juvenis, inclusive motivando-os a buscar a escolaridade.

Os estudos que associam juventude a uma faixa etária compreendem que os jovens vivenciam uma “etapa da vida” caracterizada pela falta de estabilidade e, como na contemporaneidade a estabilidade aparece como um valor muito caro, a sua falta, associa o binômio Juventude x problemas sociais. Machado Pais (1990), discorre sobre esse binômio

utilizando o termo responsabilidade para mostrar como a corrente que encara os jovens enquanto problemas sociais os diferenciam dos adultos numa relação jovem = a irresponsabilidade, adulto = a responsabilidade. De acordo com Pais (*op. Cit*),

Um adulto é responsável, diz-se, porque responde a um conjunto determinado de responsabilidades: de tipo ocupacional (trabalho fixo e remunerado); conjugal ou familiar (encargos com filhos, por exemplo) ou habitacional (despesas de habitação e aprovisionamento). A partir do momento em que vão contraindo essas responsabilidades, os jovens vão adquirindo o estatuto de adultos. **Os problemas que, contemporaneamente, mais afetam a 'juventude' – fazendo dela, por isso mesmo um problema social – são correntemente derivados da dificuldade de entrada dos jovens no mundo do trabalho.** [grifo meu] (PAIS, 1990, p. 141)

Temos nessa perspectiva uma ideia de juventude ligada ao não cumprimento de papéis sociais específicos, o que transforma essa fase da vida em um período marcado por “problemas sociais”. A análise assim empreendida não condiz com a realidade dos jovens de Araquém aqui estudados, uma vez que todos os que compuseram o universo da pesquisa entraram no mundo do trabalho ainda crianças e a maioria já recebia uma renda proveniente da agricultura familiar (geralmente a partir dos 16 anos de idade). É certo que devemos analisar esse dado de uma forma relacional, pois com a crise da agricultura familiar em Araquém, o ganho da família inteira era pouco e a parcela dada aos filhos, menor ainda. Poderíamos encarar como problema social a condição socioeconômica das famílias relacionada a renda proveniente do trabalho exercido – a agricultura familiar – mas isso não era específico ao jovem e sim à família inteira, ou seja, instabilidade não é algo que caracteriza apenas a juventude em Araquém, mas também os adultos e até os velhos.

A realidade empírica também não condiz com as classificações relacionadas a condição de jovem/irresponsável ou adulto/responsável a partir do conjunto de responsabilidades elencado pela corrente geracional analisada por Pais (*op. cit*). Alguns dos sujeitos da pesquisa, como é o caso de Fabiano e Gabriela, já contraíram todas as responsabilidades do conjunto acima designado e ainda assim se consideram jovens. Fabiano, por exemplo, utiliza com frequência a palavra responsabilidade para marcar sua condição juvenil. Como vimos, ambos trabalham (ou no caso de Fabiano, trabalhou), são casados, têm filho e moram em casa independente das casas dos pais. Essa ilustração é colocada apenas para enfatizar mais uma vez que não dá para tratar a juventude de uma forma homogênea.

Apesar de comporem um grupo classificado como menos favorecido em termos econômicos, o conjunto de problemas sociais associados à delinquência, violência e uso de drogas, aos conflitos com os pais, problemas com as instituições de ensino, à migração e ao êxodo rural não retratam a realidade dos sujeitos da pesquisa, pois a observação participante

mostrou que as representações sobre a localidade de Araquém e seus habitantes os associam a não violência, à calma, ao sucesso escolar dos jovens, ao “respeito” para com a família, à valorização do local de moradia. Do total de universitários de Araquém, uma pequena parcela migrou para a cidade de Sobral com a finalidade de concluir o ensino superior minimizando o cansaço decorrente dos deslocamentos diários e todos esses afirmam o desejo de retornar à Araquém após concluírem a graduação – o que nem sempre se realiza. O grupo dos universitários em Araquém consiste em um grupo de pessoas que construíram uma imagem pautada pela admiração da comunidade local em relação a eles. Como afirma Renato:

No Araquém, as pessoas reconhecem a gente e admiram a nossa força de vontade em continuar os estudos (...) os pais da gente, ave-maria, eles se orgulham demais! Lá em casa, somos dois na universidade e a mãe e o pai não podem conversar com ninguém que ficam elogiando a gente. Fora isso, sempre fomos bons filhos, a gente trabalhou na roça com eles desde pequenos, nunca fomos de farra, respeitamos pai e mãe e estamos tendo o que eles não tiveram quando eram novos [os estudos], para dar a eles o que eles não puderam nos dar. (RENATO, 2011.2).

A juventude pesquisada representa uma parcela daqueles que —caminham no rumo certo, que alimentam a esperança dos pais e da comunidade de origem a partir da continuação dos estudos em nível superior. Optei por não abordar a juventude rural enquanto problema (seja pela migração, êxodo rural etc.), primeiro porque os jovens se identificam com a palavra “responsabilidade” e como uma parcela responsável por uma transformação positiva do local onde moram e da condição em que vivem. Segundo, porque não quis adentrar no “discurso das ausências”, onde os espaços subalternos são vistos a partir da lógica do que não teriam. Não me interessou estudar as causas que levam os jovens a sair e sim as causas que os levam a ficar. Como ressaltou Brumer (2007), as pesquisas que buscam os motivos pelos quais as pessoas deixam o mundo rural frequentemente caem na mesmice de ressaltar os aspectos negativos do rural e valorizar a tendência dominante na sociedade industrial.

Na década de 90, Klass Woortman chama atenção para a existência de uma “ética camponesa”, na medida em que a terra é percebida pelo homem do campo não apenas como objeto de trabalho, mas como expressão de uma moral. Moral aqui pode ser pensada a partir da definição dada por Foucault (2012, p. 33), que a considera um conjunto de valores e regras de ações propostas aos indivíduos e aos grupos por meio de aparelhos prescritivos diversos, a exemplo da família, das instituições educativas, da igreja etc.

Para o autor supracitado, essas regras e valores são explicitamente formulados em uma doutrina coerente e em um ensinamento explícito, porém, elas também podem ser transmitidas de maneira difusa e assistemática. A esse conjunto “prescritivo”, o autor chama

“código moral”. Foucault (*op. cit*) esclarece ainda que a moral abarca o comportamento real dos indivíduos em relação às regras e valores que lhes são propostos, “designa-se assim a maneira pela qual eles se submetem mais ou menos completamente a um princípio de conduta; pela qual eles obedecem ou resistem a uma interdição; pela qual eles respeitam ou negligenciam um conjunto de valores” (FOUCAULT, 2012, p. 34). Desta forma, diante de sua cultura, os indivíduos, com uma consciência mais ou menos clara, manejam margens de variação ou transgressão em referência aos seus sistemas prescritivos. A esse nível de fenômenos, Foucault denomina “moralidade dos comportamentos”. É uma moral vinculada a nossa organização social, de forma que, “o código moral camponês” é uma forma peculiar de perceber as relações dos homens entre si e com as coisas, principalmente com a terra, esta que é percebida como um espaço social da família.

Para Elen Wootman (1997), a existência social do camponês vai para além do saber especializado para construir roçados. Há um saber camponês constituído num modelo mais amplo de percepção da natureza e dos homens. No processo de trabalho, estão imersas múltiplas dimensões simbólicas que, além de construir espaços agrícolas, constroem espaços sociais, de gênero, intergeracionais.

Levando em consideração as questões de gênero referentes as trajetórias narradas, podemos concluir que o trabalho da mulher é diferenciado do trabalho do homem numa relação intergeracional, ou seja, no caso das famílias de Renato e Fabiano, percebeu-se que a mãe está inserida nas atividades agrícolas ainda que tenha que dar conta das atividades domésticas, mas as filhas estão isentas de tal trabalho por serem consideradas frágeis para lidar com o esforço físico que a agricultura requer. No caso de outras entrevistadas, como Gabriela, Márcia e Zilma, não houve essa diferenciação entre elas e a mãe, pois todas trabalharam na atividade agrícola. O que pude perceber foi que estas três são as irmãs mais velhas no interior da unidade familiar e que na época em que trabalharam, não havia tantas possibilidades de mudança de vida como nos dias atuais, tanto é que, com 15 anos, Zilma tinha que ir para a roça com seus pais, mas hoje, sua irmã de 15 anos não vai. Nota-se assim que as famílias têm modificado a socialização dos filhos no que diz respeito ao trabalho agrícola.

A mãe de Fabiano é a única do grupo dos entrevistados que exerce uma atividade remunerada fora do espaço familiar, mas não é a única que recebe uma renda independente da atividade na agricultura, pois cinco das mães dos entrevistados, recebem benefícios referentes ao Programa Bolsa Família e uma é aposentada. O Programa Bolsa família é uma política social desenvolvida pelo governo federal brasileiro a partir de 2003 para integrar o

Fome Zero³⁷. Nasceu como “o maior e mais ambicioso programa de transferência de renda da história do Brasil (...) para enfrentar o maior desafio da sociedade brasileira, que é o de combater a fome, a miséria e promover a emancipação das famílias mais pobres do país” (BRASIL, 2003)³⁸. O propósito do PBF é articular “uma transferência de renda com políticas e programas estruturantes, principalmente em educação, saúde e trabalho, direcionados à famílias pobres” (Silva & Silva, 2007).

Entre as condições necessárias à obtenção do benefício, as famílias precisam cumprir exigências como: manter as crianças e adolescentes em idade escolar frequentando a escola; cumprir cuidados básicos com saúde, que é seguir o calendário de vacinação, no caso das crianças entre 0 e 6 anos, e a agenda pré e pós natal, no caso de gestantes e lactantes. O descumprimento dessas condições acarreta advertências ou até mesmo o bloqueio do benefício, na quinta advertência (BRASIL, 2003). Tais exigências é o que caracteriza o programa como sendo de “transferência condicionada de renda”.

Uma pesquisa realizada por Siqueira (2009) demonstra que, por ser um programa condicionado, o PBF influenciou o aumento do número de matrículas, a diminuição da evasão escolar e a diminuição da evasão nos índices de vacinação. Portanto, os dados estatísticos trabalhados pelo autor demonstram que houve um aumento quantitativo na busca por estabelecimentos de saúde e ensino. Vale (2008), empreendendo um estudo de caso no Rio Grande do Norte, confirma que, em âmbito estadual, entre as famílias beneficiárias do PBF, ocorreu a diminuição das taxas de evasão escolar, inclusive com aumento na escolaridade dos jovens componentes dessas famílias. A pesquisa mostra ainda que houve fortalecimento das economias locais nos municípios que tiveram ampliação do número de famílias beneficiadas pelo PBF.

Apesar de não dispor de dados estatísticos, a pesquisa de campo em Araquém demonstrou que assim como em municípios do Rio Grande do Norte, o rendimento proveniente do PBF vem fortalecendo a economia local, uma vez que interfere na dinâmica familiar e altera a economia doméstica por propiciar recursos financeiros que possibilitam a compra de roupas, calçados, móveis, eletrodomésticos, além de ajudar a custear algumas despesas dos filhos universitários com xerox, por exemplo.

³⁷Essa filosofia de política social com transferência condicionada de renda iniciou-se no Brasil em 1995 com o Programa Bolsa Escola, desenvolvido e aplicado durante o governo FHC. Nesse sentido, o PBF é a unificação de todos os programas de transferência de renda iniciados, tanto em âmbito municipal, como estadual e federal iniciados desde 1995. (Silva & Silva, 2007)

³⁸Fonte: www.fomezero.gov.br/ContentPage.aspx?filename=pfz_4000.xml

Como as famílias dos jovens pesquisados produzem uma parte do que consomem, o Bolsa família também “ajuda a complementar a feira”. O feijão, o arroz, a mandioca, as hortaliças, frutas, o milho (para manter a criação dos animais), são retirados das propriedades e raramente são comprados nas “bodegas”. Mas, o açúcar, produtos de limpeza e higiene pessoal e alguns itens industrializados, muitas vezes são comprados com o benefício do Bolsa Família. O valor pago pelo programa varia entre 20 e 182 reais, sendo que a maioria dos entrevistados recebe uma média de 130 reais. Esse é um baixo valor para suprir tudo que está acima elencado, mas os entrevistados afirmam que é “manejando o dinheiro e comprando à prestação” que as necessidades são supridas.

Essa discussão está sendo posta aqui porque estamos retratando a influência da família na constituição da juventude dos sujeitos aqui pesquisados e o Bolsa Família aparece nas narrativas como algo que contribui para a manutenção da família. Isso guarda relações com o objetivo principal do programa que é atender à família e não a indivíduos isolados. É importante frisar que, em Araquém, geralmente quem administra a renda proveniente do programa são as mulheres. Isso porque faz parte da política nacional do programa, colocar a mulher como responsável legal preferencial pelo recebimento do benefício.

Tal atribuição, por um lado reforça o papel ativo da mulher na esfera doméstica – uma vez que a esta são relacionadas atividades que dizem respeito à manutenção da casa e ficam responsáveis pelo cumprimento das condicionantes do programa (como, por exemplo, fazer com que os filhos cumpram com as responsabilidades escolares) e por outro, trazem uma maior independência destas quando são elas quem decidem como empregar o dinheiro. Creio que a autonomia aqui colocada nem sempre existe, mas os jovens entrevistados afirmam que no caso deles, é a mãe quem decide o destino a dar ao dinheiro.

Essa suposta autonomia deve ser pensada de forma contextual, levando em consideração o que as mulheres fazem com o dinheiro, pois assim, podemos perceber que têm o “poder de decisão”, mas o emprego da renda é despendido nos projetos familiares, assim como a renda proveniente dos empregos fora da unidade familiar – como é o caso da mãe de Fabiano. Para pensar essa realidade, podemos considerar o que pontua Wanderley:

No caso da mulher, o trabalho externo pode ter duas significações principais: às vezes, é o caminho pelo qual a mulher adquire uma maior capacidade de participar dos ganhos da família (ela contribui para a família com o dinheiro que ela mesma ganhou; às vezes, o que ela ganha é investido de alguma forma na produção, ou destinado a pagar dívidas no estabelecimento familiar. Em outros casos, o trabalho externo da mulher tende a criar um distanciamento em relação ao estabelecimento familiar. É uma autonomia para fora, semelhante à individualização dos jovens. (WANDERLEY, 2004, p. 53).

A mãe de Fabiano faz parte das mulheres que trabalham fora e, com o ganho, contribuem com as despesas diárias. Portanto, ela age em função do coletivo utilizando a renda para custear, inclusive, despesas para com filho estudante que é casado. O distanciamento do estabelecimento familiar é somente durante o período de trabalho, pois em termos materiais e simbólicos trabalha, seja na agricultura, aos fins de semana, seja nas atividades domésticas. Difere das mulheres jovens que ao conquistarem emprego, deixam o trabalho na agricultura e, ainda que auxiliem nos serviços domésticos, se afastam mais desses e deixam para a mãe tal responsabilidade que a aceita considerando que a filha trabalha fora. É o que acontece com Zilma e Márcia – após serem empregadas na escola, a primeira como professora e a segunda como coordenadora, deixaram de trabalhar na roça e “aproveitam” o tempo em casa para descansar.

É importante considerar que no contexto analisado, o homem-pai é responsável por transmitir os saberes camponeses para seus filhos. Isso não é comum somente à Araquém, pois, E. Wootman (1997) e K. Woortman (1990) chamam atenção a esta peculiaridade em seus estudos. A transmissão de técnicas agrícolas envolve valores e a construção de papéis sociais. O pai é o chefe e a ele se deve respeito e obediência, atribuições que nos discursos são postas como agregadas pelos filhos. Portanto, enquanto chefe da família, podemos dizer que o pai exerce o que Weber (1994) nomeou por dominação tradicional.

Neste tipo de dominação, aquele que ordena é o senhor que tem a obediência de seus súditos em virtude de sua dignidade própria, reificada pela tradição: por fidelidade. A dominação patriarcal, segundo o autor, é o tipo mais puro de dominação tradicional e a fidelidade ao chefe da família, neste caso o pai, é inculcada pela educação e pelo hábito nas relações de criança com o chefe da família. A dominação tradicional depende da submissão moral do ordenado para com o ordenador. Se isso não existir, a corrente de poder poderá romper.

Apesar de estarmos falando em dominação tradicional, percebi que em Araquém o que se entende por tradição vem sendo resinificado. Podemos afirmar isso a partir da constatação de que há um processo de diluição dos padrões e discursos normatizadores da família rural, o qual é baseado na lógica da sucessão rural. Os pais dos jovens pesquisados foram “pressionados” a dar continuidade às atividades agrícolas de seus pais e nesse projeto, estudar não era prioridade. Porém, a geração que constitui o objeto de estudos dessa pesquisa é incentivada pela própria família a procurar uma atividade mais rentável para sobreviver e os estudos aparecem sendo a principal forma de ascensão social.

Abramovay *et. al* (1998, p.30), mostra que nos estudos sobre campesinato, havia

uma forte pressão moral da família para a continuidade da atividade agrícola e isso resultava em escassas trajetórias autônomas entre os jovens. O autor coloca que a lógica sucessória era um recurso utilizado visando dar sequência à reprodução da gestão familiar, ou seja, herdava-se a terra e a condição de camponês.

De acordo com Carneiro (1998), a aproximação do campo com a cidade através da melhoria nas estradas, nos meios de transporte e nos meios de comunicação, é grande responsável pelas transformações no modo de vida camponês. “Não há mais uma regra a seguir, fica em casa aquele que tiver 'mais aptidão' para a agricultura e 'menor vocação para os estudos'. A regra tradicional de que o mais novo é quem deve ficar, passa a não valer mais em função dos projetos individuais e das aptidões pessoais” (CARNEIRO, 1998, p. 05). Em geral, os projetos individuais têm uma característica em comum: melhorar de vida e para isso, é preciso estudar.

Portanto, até aqui, podemos perceber que a juventude pesquisada é construída por modos peculiares de socialização na família, a qual incluem o trabalho e uma lógica reconhecida aqui como “tradição”. Essas peculiaridades, junto ao espaço físico onde são construídas é que caracterizam os jovens como pertencentes a um mundo rural. Conhecer a estruturação da família e os modos de se relacionar com esta é fundamental, até porque, é na família que se dá início ao projeto de escolarização. Ser jovem no campo, guarda uma multiplicidade de significados e aqui, além dos pertencimentos relacionados à família, ao trabalho e à tradição, temos um pertencimento que diferencia esses sujeitos da maioria dos jovens inseridos no espaço rural: a escolarização que chega até o nível superior.

Julgo considerável entender mais a centralidade da escolarização na vida dos sujeitos da pesquisa. Assim, ‘importa analisar qual a incidência dos percursos escolares sobre a construção, ou não, de determinados projectos em relação ao futuro e sobre as próprias trajetórias dos jovens’ (PAIS, 2003, p. 254). Vamos entender a seguir.

3.3.2 – Juventude: Escolarização

Nas trajetórias aqui analisadas, os jovens reconhecem a passagem pela escola como um meio necessário para a ascensão social, assim como um lugar onde é possível participar de um contexto de interações cotidianas, experienciando novas vivências e afetividades. Para Renato, foi na escola que iniciou a construção de um *status* que o diferenciava positivamente dos seus colegas, quando este era relacionado ao bom aluno. Assim, na escola o jovem era uma “promessa de sucesso” no âmbito educacional em meio a

uma realidade adversa. Foi nessa instituição que ele conseguiu seu primeiro computador e isso por meio de seus estudos, mas também foi na escola que conquistou “os amigos de verdade”, esses que tem até hoje. Portanto, teve ganhos materiais e simbólicos.

Por sua vez, Fabiano não foi tão reconhecido como aluno que merece premiações pelo desempenho acadêmico, mas reconhecido pela competência com a escrita após ganhar um concurso de redação – atualmente o jovem alimenta um blog criado por ele mesmo para divulgar notícias e textos que escreve. Porém, além dos bons amigos ali conquistados, Fabiano encontrou na escola o que nas suas narrativas aparece como sendo motivo de algumas de suas escolhas e uma realização pessoal: a sua “amada esposa”.

No contexto estudado, o maior conhecimento formal tem grande importância para os jovens pesquisados, na medida em que serve como recurso para seus projetos individuais ou para suas próprias estratégias de vida. As experiências de escolarização postas nas narrativas têm início num período que antecede a juventude, mas essas experiências são formadoras das condições juvenis atuais dos sujeitos pesquisados, pois ser universitário faz parte de um projeto construído ainda na escola. Na representação de Renato, Fabiano e dos outros cinco entrevistados, a vida estudantil é uma característica especial de suas condições juvenis, principalmente a partir do ingresso no ensino superior. Organizam seus discursos e suas práticas em torno dessa relação universidade-juventude-transformação.

A trajetória percorrida por todos os jovens aqui pesquisados explicita o estudo como esperança de uma melhor inserção no mercado de trabalho. Nas pesquisas de Stropasolas (2002) com jovens rurais catarinenses, o autor analisa a realidade de jovens rurais que buscam escolarização e diz que “para as famílias rurais, sobretudo os de maior dificuldade econômica, o estudo é pensado como estratégia de ressocialização, preparando o jovem para o engajamento como força de trabalho assalariado no meio urbano” (STROPASOLAS, 2002, p. 243). Desta forma, a escolarização também aparece aos jovens da pesquisa que empreendo aqui, como uma possibilidade de angariar uma vaga no mercado de trabalho formal, mas nesse caso, a profissionalização dos jovens não é pensada como mão de obra para o meio urbano e sim como mão de obra para a localidade em que vivem, pois nos discursos, emerge o desejo de permanecer em Araquém e modificar a realidade da localidade a partir, principalmente, de um projeto de escolarização da comunidade (se esse projeto se efetiva, não cabe aos objetivos dessa pesquisa).

Não é por acaso que a maioria dos universitários de Araquém opta por cursos que tenham a modalidade de licenciatura – as escolhas dos cursos são motivadas por um projeto de retorno e desejo de modificação do local. Um fato interessante que observei nas narrativas

foi que os jovens faziam questão de enfatizar que acreditavam na educação – tanto na deles (enquanto formandos), quanto na que podiam repassar para a população da comunidade de origem. Há um ideal de uma educação transformadora que pode ser pensado em consonância com a função social dos jovens que voltam ao distrito formados.

Percebi que Gabriela, assim como os demais professores que já passaram pela condição de universitários-viajantes, atua na motivação dos jovens em relação a crença no papel da educação. Há, nessa relação, a difusão dos valores experienciados por esta que já teve contato com o mundo acadêmico, com os conteúdos acadêmicos e com pessoas de diferentes lugares, ou seja, há um intercâmbio de valores operacionalizado pela crescente relação campo-cidade.

Para considerarmos aqui a escolarização dos jovens pesquisados, é importante também levar em conta algo que está para além dos desejos e das subjetividades, ou seja, algo material. Acredito que a universalização do ensino Fundamental³⁹, junto aos programas governamentais de distribuição de renda foram fundamentais para que um maior número de pessoas pudesse acessar o ensino formalizado, ou seja, as condições materiais que os jovens de Araquém dispõem nos dias de hoje fazem parte do campo de possibilidades em suas trajetórias escolares.

Como mencionado no tópico anterior, o Programa Bolsa Família coloca o ingresso escolar de crianças como um dos condicionantes para o pagamento do benefício. Analisando criticamente essa condição, podemos concluir que a educação, passa de um direito a um dever, porém, no contexto analisado, é um dever que vem para ajudar a transformar a realidade do meio rural tradicional brasileiro no qual os pais dificultavam a escolarização dos filhos por entenderem que esta não tinha utilidade alguma, já que o destino seria reproduzir a condição de camponês.

A importância do ensino público se faz notar no distrito pelas condições socioeconômicas dos que ali moram. Considero que a trajetórias dos sujeitos não são marcadas apenas por acontecimentos e decisões individuais, mas são resultantes da interdependência de fatores individuais numa configuração mais ampla. Sobre isso, Levi (1996) afirma que há —uma relação recíproca entre biografia e contexto, sendo a mudança decorrente precisamente da soma infinita destas inter-relações! (LEVI, 1996, p. 180).

³⁹A atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LEI nº 9.394/96) estrutura o sistema educacional brasileiro em dois níveis de educação escolar: Educação Básica, composta pela educação infantil, Ensino Fundamental (obrigatório) e Ensino Médio; e o da Educação Superior. Em 2009, a Lei 12.061/09 foi sancionada pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva, a qual determina que o Estado deve garantir o acesso ao Ensino Médio gratuito e complementa a Lei 11.700/08, que versa sobre a obrigatoriedade do Ensino Fundamental.

A compreensão do significado da escola para os jovens rurais – especialmente no que se refere à relação com o saber – perpassa o conhecimento dos espaços de vivência e aprendizado extra-escolares, numa perspectiva em que o diálogo e o respeito por suas condições de vida passam a ser fundantes. Embora historicamente a educação escolar tenha sido relegada aos habitantes do meio rural, observa-se que nos dias de hoje, os jovens rurais têm maiores chances de continuar os estudos (Abramovay *et al.* 2004; Strapasolas, 2002).

A instituição escolar pode ser vista pelos jovens como espaço relevante para a superação das condições existentes, sobretudo no que se refere à relação com o trabalho agrícola. Nesse sentido, “a valorização do estudo como condição para o jovem do campo conseguir um emprego está, em grande parte, associada ao abandono da atividade agrícola” (CARNEIRO, 2005, p. 50). É isso que vem acontecendo em Araquém, ao seguirem as suas trajetórias escolares, os jovens têm abandonado o trabalho agrícola. Há uma negação, por parte destes sujeitos, de reproduzir o modo de vida dos seus pais, mas, o ensino em nível fundamental e médio, não bastam. É preciso “conquistar” o ensino superior.

Esse posicionamento é que me leva a não trabalhar com o conceito bourdieusiano de “habitus”, pois nele, o autor desenvolve uma ideia de reprodução social ao explorar o “peso” do passado, apontando para uma estrutura material capaz de “estruturar” práticas e representações, uma vez que o “habitus” molda estruturas mentais. Em sua teoria, há a formulação da ideia de um processo de socialização primário marcante, ou seja, o que é incorporado nas relações de infância constitui algo tão forte na vida do indivíduo que poderá ser reconhecido ao longo de toda a sua vida adulta, as vezes até em momentos em que, aparentemente, deveriam prevalecer habitus produzidos na vida adulta e profissional. Bernard Lahire faz uma analogia entre habitus em Bourdieu e Elias ressaltando as divergências teóricas entre ambos. Para Lahire (2004),

Bourdieu pensava que fosse sobre a base de um habitus familiar bastante coerente já constituído que as experiências ulteriores adquiriam sentido. Os esquemas de socialização são de fato muito mais heterogêneos e cada vez mais precoces (...) Elias apresenta como centro de sua sociologia, a ideia de relações de interdependência, entre indivíduos que formam configurações sociais específicas e se constroem por meio dessas relações de interdependência. Bourdieu definiu os indivíduos pelo volume e estrutura de seu capital (essencialmente o econômico e o cultural). Ainda que aparentadas, estas são duas concepções antropológicas definitivamente diferentes. (LAHIRE, 2004, p. 318-319).

O autor chama atenção para o fato de que Elias desenvolve o conceito de habitus numa concepção em que os indivíduos se formam dentro de redes de interdependência que eles mesmos ajudaram a criar. Na ideia de habitus de Elias (1995), o sujeito reconhece as implicações de sua origem social e familiar, mas essas implicações apresentam-se enquanto

um conjunto de “grafias” sobrescritas umas às outras, em diversos momentos da vida, como resultado de assimilações, rejeições e adaptações dos sujeitos ao que ele denomina “processos civilizadores individuais”. As marcas da infância e da juventude estão lá grafadas, são bases sobre as quais se inscreveram outras grafias. Essa sobreposição de acontecimentos, de constituições do ser, é que possibilitam a mudança intergeracional⁴⁰. Portanto, entendendo Elias, podemos compreender trajetórias dissonantes em um grupo social e as reinvenções das formas de sociabilidade é uma das maneiras de uma geração se diferenciar das gerações passadas.

De acordo com Castro (2005), “as mudanças apontadas tanto no discurso quanto nas práticas que envolvem pais e filhos, jovens e velhos [na comunidade rural estudada pela autora], estão ancoradas em antigas e novas redes sociais”. A autora reconhece que nas relações entre pais e filhos, existe um processo relacionado a individuação que é necessário ao desenvolvimento do jovem e que por isso, não deve ser tomado como reflexo de tensões de um projeto de modernidade com as comunidades mais tradicionais.

Há o reconhecimento dos processos históricos sobre a vida dos jovens e tanto as tensões inerentes ao desenvolvimento individual dentro do grupo familiar como as influências advindas dos processos históricos modernizadores, devem ser tomadas em suas interdependências. Isso implica considerar que, no caso das escolhas profissionais dos jovens de Araquém, quando estes decidem por um projeto fora da agricultura, não necessariamente isso será vivido como um conflito de gerações – como colocado nas narrativas, apesar de educarem os filhos no e com o trabalho agrícola, os pais apoiam a escolarização destes.

É preciso considerar que as escolhas profissionais também se definem em função dos sentidos que são atribuídos às experiências próprias ou de pessoas que exercem influência sobre eles. O sentido das escolhas de Fabiano e Renato pela incursão no ensino superior é pautado pela expectativa do resultado que a escolarização pode trazer para suas vidas. Essas escolhas foram influenciadas na escola, a partir de múltiplas experiências e uma pessoa aparece como personalidade que influencia a vida da maior parte dos entrevistados aqui: a professora Gabriela. De formas diferentes, Gabriela influenciou Renato, Fabiano e vários outros jovens que hoje são universitários-viajantes. Primeiro, apontando para a possibilidade desses jovens ingressarem no ensino superior e no caso de Renato, na escolha do curso.

⁴⁰Ao estudar a vida de Mozart, Elias (1995) faz um estudo da trajetória individual do artista com a finalidade de compreender os momentos de transição de uma ordem social para outra. Mozart ilustra o momento de transição de uma “ordem social” para outra, o artista vivência um momento em que o novo e o velho tensionavam.

Como a maior parte dos entrevistados dessa pesquisa cursa ciências sociais, que é o mesmo curso concluído pela professora Gabriela, nas narrativas de quatro dos entrevistados, a escolha por esta formação foi tomada pela admiração que tinham para com a professora. O que percebi foi que a primeira turma⁴¹ de graduados de Araquém, é composta por muitos jovens que permaneceram no distrito trabalhando como professores nas escolas públicas e esses atuais professores são apontados pelos atuais graduandos como figuras fundamentais em suas decisões por cursar o ensino superior. Se considerarmos que estes professores são exemplos personificados de uma mobilidade social, pois saíram da condição de agricultores para a condição de professores – profissão inserida num mercado formal e que dispõe de uma renda mensal fixa bem mais elevada do que aquela proveniente do trabalho agrícola, podemos entender melhor a influência que exercem nas escolhas dos estudantes com base numa perspectiva de mudança de vida.

Em 1978, Carlos Emediato já escrevia sobre a relação que sociedades no mundo inteiro faziam entre educação e transformação social. A perspectiva de transformação social está intimamente ligada à estratificação social, ou seja, tomar a educação como um meio para mudar de vida implica conceber uma perspectiva de crescimento econômico e consequente mobilidade social. Tal concepção de educação contém a hipótese de que “a estratificação social é vista como resultado da produtividade, resultado este ocasionado pela perícia e pelo conhecimento adquiridos através da educação”. Ou seja, entende-se que quanto maior o conhecimento formal, maior a capacidade para lidar com as exigências da sociedade contemporânea e sucessivamente, conseguir um melhor emprego – principalmente quando comparado ao emprego na atividade agrícola.

Emediato (1978) considera que a educação, enquanto fator que possibilita crescimento econômico e a mobilidade social, foi posta em evidência no mundo inteiro na década de 60, mas que alguns países formulam concepções de educação específicas. O autor diz que:

A concepção funcionalista da educação, predominante em países como o Brasil, sustenta que a igualdade, o crescimento individual e a integração social dependem das mudanças sociais que ocorrem nas esferas social e econômica. As modificações tecnológicas são consideradas como a base da mudança social. Consequentemente, a mobilidade profissional e os salários são vistos como fortemente dependentes dos processos de industrialização e racionalização da estrutura econômica em geral. **A educação desempenha um papel importante nesse processo de transformação.**

⁴¹Não podemos falar em geração de graduados porque esse processo ainda é recente no distrito.

A tecnologia avançada exige qualificações mais elevadas, que são proporcionadas pela instrução, de modo que a educação se torna um elemento básico para a obtenção de recompensas econômicas, de posição social e de poder. (EMEDIATO, 1978, p. 209 – grifo meu)

Portanto, essa concepção de educação enquanto um meio para se alcançar um fim, a qual tem sido largamente difundida no Brasil, é que move os desejos dos jovens pesquisados e de suas famílias e os motiva a investirem na educação formal. A escola é principal meio para ascender socialmente, pois nesse caso, significa a esperança de um emprego melhor. Almeja-se uma mobilidade social.

De acordo com Sorokin (1956), o termo mobilidade social indica a capacidade que um indivíduo ou grupo social tem para mover-se dentro do sistema de estratificação social de uma determinada sociedade, ou seja, é a transição de um indivíduo ou grupo, de uma posição social para outra. O autor explica que, dentro da estrutura social, os indivíduos podem mover-se na horizontal, quando a mudança de *status* ou papel não implicar em uma alteração na sua condição socioeconômica – por exemplo, a mudança de cargo em uma instituição, a qual pode implicar em prestígio mas não implica em uma ascensão socioeconômica, pois o salário continua o mesmo – ou ele pode mover-se verticalmente, resultando em uma mudança no estrato social a que pertence, podendo ser uma mobilidade ascendente – quando o indivíduo eleva sua condição socioeconômica – e descendente, quando essa condição socioeconômica decai.

Os estudiosos da mobilidade social detêm-se mais detalhadamente na mobilidade vertical, pois há um interesse em medir e analisar o quanto e como os indivíduos ascendem ou descendem na hierarquia social, investigando a forma como eles vão se alocando na estrutura social e como ocorre esse processo. Como nos fala Pastore: “A mobilidade pode ser usada como um indicador de desenvolvimento social. O tipo de mobilidade que melhor desempenha a função de indicador de desenvolvimento social é a mobilidade vertical” (PASTORE, 1979, p.3).

Segundo Pastore (*op. cit*), a mobilidade ascendente funciona como um mecanismo de “promoção social”. Quando se fala em *status*, há uma valorização de atitudes de indivíduos que formam tipos de comportamentos específicos. Essas atitudes são observadas, avaliadas e se tornam evidências, símbolos de *status*. De acordo com Marshall, é a sociedade que atribui essa valoração, a relevância desses fatos e atitudes:

O *status* social descansa num julgamento coletivo, ou melhor ainda, num consenso de opinião no grupo. Ninguém pode, por si mesmo, conferir *status* social a alguém, e se a posição de um indivíduo fosse avaliada de maneira diferente por cada um daqueles com quem o referido indivíduo interage, então não haveria absolutamente

nenhum *status* social. Em outras palavras, o *status* social é a posição em função dos valores sociais correntes na sociedade. (MARSHALL, 1967, p. 152).

De uma maneira geral, o sistema escolar na sociedade brasileira contemporânea, pode ser visto como um fator de mobilidade social tanto horizontal como vertical, visto que ele dá meios, instrumentaliza os estudantes para que eles melhorem as suas condições de trabalho e, conseqüentemente de vida, podendo atribuir *status* a quem nele está imerso. Isso pode ser percebido com muita ênfase no discurso dos entrevistados, pois demonstram que compreendem que os valores vigentes na sociedade contemporânea, desvaloriza o trabalho físico na agricultura e valoriza uma —formação intelectual, portanto, quando passam da condição de agricultores – ainda que estudantes do ensino médio – para universitários, passam a deter um *status* reconhecido pela comunidade de origem. Estudar é visto de forma positiva, principalmente se os estudos forem a nível superior.

Para Bourdieu (2007), o diploma representa um elemento que comprova que os indivíduos portadores têm as habilidades necessárias para desempenhar determinadas funções. O autor coloca que,

Com o diploma, essa certidão de competência cultural que confere ao seu portador um valor convencional, constante e juridicamente garantido no que diz respeito à cultura, a alquimia social produz uma forma de capital cultural que tem autonomia relativa em relação ao seu portador e até mesmo em relação ao capital cultural que ele possui. (BOURDIEU, 2007, p. 78)

Assim, podemos conferir que de acordo com o autor supracitado, o diploma carrega em si a representação de um capital cultural e seu portador, carrega um certo poder já instituído. Esse diploma é usado como moeda de troca no mercado de trabalho e transforma capital cultural em capital econômico – o que nem sempre se efetiva, mas não vamos discorrer sobre as possibilidades reais e sim sobre as expectativas contidas nos projetos dos jovens aqui analisados.

Depois de uma vida “cheia de dificuldades”, esse documento vai ser o grande troféu, pois “voltar para a roça, não se volta mais não”. Bourdieu e Boltanski (2007) traçam uma relação entre o sistema de ensino e a mobilidade social. Sobre o valor do diploma, os autores assinalam a competência técnica deste e seu valor “universal e relativamente intertemporal”, o que garante direitos ao portador nos diferentes mercados. Eles afirmam que “o diploma 'universaliza' o trabalhador porque, análogo nesse aspecto à moeda, transforma-o num 'trabalhador livre' no sentido de Marx, mas cujas competências e todos os direitos correlativos são garantidos em todos os mercados” (BOURDIEU; BOLTANSKI, 2007, p. 12).

Renato e Fabiano entendem que o diploma é um instrumento de distinção entre eles, seus pais e até mesmo os jovens que não o possuem. São portanto jovens diferenciados por possuírem um potencial de mobilidade social no interior da comunidade de origem. Porém, é preciso enfatizar que na fase em que estão – cursando o ensino superior – representam apenas um potencial, pois ainda têm um caminho pela frente até conseguir o tão almejado diploma. É certo que a condição de ser universitário já transformou a vida de cada um e segundo eles, para melhor, mas ainda há estrada. O caminho que esses sujeitos percorrem em busca de mobilidade social perpassa os caminhos de uma mobilidade espacial, uma vez que têm que efetuar deslocamentos para frequentarem a universidade. A forma de acessar a universidade também demarca a peculiaridade das suas vivências juvenis, pois o trânsito modifica suas subjetividades. Escolarização e deslocamento constituem um binômio inseparável na realidade rural estudada e é necessário entender a relação entre mobilidade social e espacial.

As escolhas são atravessadas pelos desejos e pelas formas como os jovens equacionam as oportunidades ou as dificuldades de trilhar esse ou outro caminho. Tal processo de posicionamento dos jovens nas redes e nas estruturas sociais dinâmicas no tempo e no espaço social é o que se pode chamar de **campos de possibilidades**. Na realidade social, um fator decisivo para constituição de suas trajetórias estudantis diz respeito a um campo de possibilidades específico: a mobilidade espacial para acessar as instituições escolares. A história de suas escolarizações é marcada pelas histórias de seus deslocamentos, isso porque a configuração social na qual estão imersos, aponta para distribuição desigual de bens e serviços no território – fato que, na discussão sociológica tradicional e na experiência empírica aqui apreendida, é uma das características do espaço rural. Esses deslocamentos são fundamentais para a compreensão do valor que atribuem ao ensino superior.

Imagine-se, nos dias de hoje, pedalando dezoito quilômetros para chegar à escola. Imagine-se realizando essa “jornada” num espaço escuro, onde o único guia é a lanterna. Imagine-se ainda, após esse empreendimento dormindo apenas cinco horas e meia e acordando para trabalhar executando atividades físicas que demandam esforço corporal. Cansa! Se formos falar dos obstáculos que chegam junto com a chuva do sertão, aí, podemos idealizar uma aventura: atravessar um riacho sobre galhos. Parece uma aventura boa para nós citadinos que vivemos encurralados na cidade. Mas, vamos pensar que, após a travessia, temos que estar em um espaço de ordem que contradiz completamente a aventura experimentada. Temos que ir para a escola. Pode ser frustrante! Depois de anos superando cansaço e dificuldades, a estrada passa a ser percorrida sobre quatro rodas. A alegria que

sucedida a aprovação no vestibular espera o constante movimento de ir vir. Agora, alunos da universidade, os jovens vivenciam o cansaço do deslocamento de outra forma. O corpo ainda padece, mas as experiências são ressignificadas. Me colocando no lugar desse “Outro” pesquisado, é possível entender o que significa a palavra cansaço tão emergente nas narrativas. Após esse conjunto de atividades, os sujeitos são donos de um “corpo que não aguenta mais”.

Urry (2007 apud Mandarola Jr, 2009), afirma que a mobilidade espacial é um fator estruturante da sociedade contemporânea. Isso significa que ela faz parte dos contextos sociais vivenciados pelos valores apregoados na modernidade. Ela mesma se constitui valor, pois, deslocar-se representa um potencial para realizar algo em algum lugar. Levando em consideração o fato de que o objetivo desse trabalho é entender as trajetórias dos jovens de Araquém em consonância com suas experiências de deslocamento, após esse capítulo onde apresentei seus modos de vida e a forma como constituem sua condição juvenil, considero fundamental dedicar um capítulo para discutir mais detalhadamente a mobilidade espacial, esse fator que caracteriza a forma como os indivíduos elaboram seus projetos, significam e re- significam suas vidas.

04. A PRODUÇÃO DA MOBILIDADE

A construção política, espacial e as características simbólicas do Ceará apontam para desigualdades na forma de acessar bens e serviços. O acesso, nesses termos, constitui não só uma forma de obtenção de direitos em relação a ter a posse de bens e usufruir de determinados serviços, como por exemplo educação, saúde e transporte, mas também constitui as possibilidades e condições de deslocamento pelas quais os sujeitos conseguem fazer uso dos bens e serviços, uma vez que, territorialmente, não há distribuição equitativa para atender a demanda de determinados grupos populacionais. Um dos grupos formados por sujeitos com acesso desigual a bens e serviços, por exemplo, é o de indivíduos que vivem no campo e almejam o ingresso no ensino superior e que portanto, formam uma coletividade que demanda um serviço inexistente na localidade onde moram.

Como foi posto no capítulo anterior, a universalização do ensino (fundamental e médio) foi muito importante para que a educação formal chegasse até o meio rural brasileiro. Em Araquém, a população conta com os serviços educacionais de uma escola de ensino fundamental e uma escola de ensino médio, mas, nem mesmo na sede do município de Coreaú há instituição de ensino superior para atender aos interesses daqueles que buscam essa modalidade. É importante enfatizar que essa não é uma realidade que diz respeito somente ao interior do Ceará.

No Brasil inteiro há uma má distribuição das Instituições de Ensino Superior, as quais estão predominantemente situadas em espaços urbanos. Isso condiz com o contexto de surgimento da instituição universitária no mundo, que de acordo com Janotti (1992), surge após a superação do feudalismo, na (re)florescência da vida urbana na Europa, no reaquecimento do comércio, no surgimento e afirmação dos intelectuais e da burguesia – para atender aos interesses dos mesmos, portanto é uma instituição caracteristicamente burguesa, urbana, e a cidade é o espaço vital onde surge e se assenta.

Sob influência desse sistema de formação, o Brasil obedece à mesma configuração, pois a coroa portuguesa impediu de forma sistemática o surgimento de universidades durante o período colonial. Sua política visava submeter as elites nativas ao monopólio advindo da Coroa. De acordo com Teixeira (1999), o ensino superior brasileiro é um caso atípico no contexto latino-americano, pois enquanto a Espanha propagou universidades pelas suas colônias, Portugal deixou o Brasil atrelado às universidades das metrópoles: Coimbra e Évora. Somente a partir da chegada da família real portuguesa, em 1808 é que foram estabelecidas as primeiras Faculdades e estas, foram instaladas em

metrópoles economicamente mais importantes.

Ao longo da história, o ensino superior vem passando por algumas transformações, dentre as quais, uma proposta de expansão territorializada que vem ocorrendo pelo viés da interiorização (Cf. FREIRE, 2011), mas ainda há uma grande desigualdade em termos de distribuição. Tal realidade põe à mostra a necessidade dos jovens aqui pesquisados moverem-se da zona rural para o polo educacional mais próximo a oferecer cursos de graduação: Sobral. Movem-se como estratégia do plano de busca pela qualificação profissional através dos estudos em nível superior, de modo que suas trajetórias estão marcadas por deslocamentos definidos aqui como movimentos pendulares.

Os deslocamentos das populações em contextos variados e envolvendo, ao longo do tempo, diferentes escalas espaciais, conferiram complexidade crescente ao conceito de mobilidade como expressão de organizações sociais. Como bem salienta Olga Becker (1997), desde a invasão dos povos bárbaros asiáticos até os migrantes contemporâneos, grupos populacionais põem-se em movimento de diferentes formas: lutam pela hegemonia de novos territórios, fogem de perseguições étnicas e representações múltiplas, vislumbram a possibilidade de terras e mercados de trabalho mais promissores, ou perambulam em busca de tarefas que lhes assegure subsistência. Na estruturação das organizações sociais, os movimentos obedecem a diferentes configurações, tempos e espaços.

A noção de mobilidade enunciada por Kaufman (2004 apud MANTAS, 2011), retrata a intermediação entre as possibilidades estruturais de mobilidade e a apropriação que os indivíduos realizam na construção de seus percursos. Para o autor, o aumento do potencial de mobilidade está relacionado ao desenvolvimento dos transportes e tecnologias da comunicação e informação, porém, esse desenvolvimento não significa necessariamente um aumento da mobilidade, pois “cada actor possui um potencial de mobilidade que pode ou não transformar em movimento” (Mantas, 2011, p. 02).

Kaufman (*op. Cit*), nomeia o potencial para mobilidade como “motilidade”. A motilidade de um indivíduo ou grupo reporta a três componentes: Primeiro, o **contexto**, o qual inclui o conjunto de meios de transportes e de comunicação disponíveis, bem como os serviços e equipamentos acessíveis, ou seja, o contexto diz respeito a infraestrutura oferecida em determinado lugar e em determinado tempo. Segundo o **acesso**, que implica no conjunto das condições que tornam a oferta acessível, ou seja, as aptidões físicas e **sociais** dos indivíduos, as competências adquiridas por estes (por exemplo, a carteira de habilitação). O acesso depende da distribuição espacial da população e da posição socioeconômica dos indivíduos. E o terceiro componente é a **apropriação**, isto é, a forma como os sujeitos

interpretam e atuam a partir das experiências de deslocar-se. Nesse sentido, o conceito de motilidade desempenhando por Kaufmann (*op cit*), centra-se no modo como os sujeitos sociais constroem a sua relação com o espaço. Motilidade, portanto se diferencia de “acessibilidade”, conceito reduzido as possibilidades de mobilidade fornecidas por um determinado território, independente da forma como essa mobilidade é vivenciada. Na concepção de Kaufmann, a existência de espaços públicos acessíveis, por si só não gera mobilidade.

Nesse capítulo, vamos analisar a mobilidade vivenciada pelos sujeitos pesquisados a partir desses três componentes do potencial de mobilidade, ou seja, iremos empreender uma análise com base nos três componentes do que Kaufman chama de “motilidade”. Início pelo que o autor nomeia por *contexto* em relação com o que chama de *acesso*, analisando os meios e infraestrutura disponíveis aos jovens de Araquém para que estes possam realizar suas trajetórias ‘rumo’ ao projeto de escolarização em nível superior. Vamos entender isso em consonância com o que foi observado e escutado e a partir de uma dinamicidade das transformações das condições desse *contexto*.

4.1- “Contexto” e “acesso”: O ônibus como elemento central da mobilidade

Quando a gente tava no 3º ano, um professor falou do vestibular (...) a gente estudava em grupo, tipo um cursinho formado por nós, sabe? Eram quatro pessoas. A gente lia redação um do outro e um ajudava o outro no que sabia mais. Aí, um dia que a gente tava estudando lá na casa da vó, a gente parou no meio dos estudos e se perguntou: mas se algum daqui passar, como vai ser pra ir pra Faculdade se a gente não tem ônibus? Minha amiga, que tava do meu lado, apontou para o baú da minha vó e disse: a gente bota umas rodas aí e uma vai carregando a outra. A gente caiu na gargalhada, mas quando a gente passou, a vontade era de chorar. (ZILMA, 2012.1)

Essa é a fala de Zilma, uma das primeiras universitárias de Araquém a vivenciar o movimento pendular. A preocupação com a forma de se deslocar para acessar o ensino superior é algo que acompanha os jovens de Araquém até os dias de hoje, pois além do serviço de transporte intermunicipal ser bastante escasso no distrito, a maioria dos universitários é oriunda de famílias de baixa renda e depende de transporte gratuito para frequentar a universidade. Portanto, o transporte apareceu nos discursos como empecilho e solução.

No início da pesquisa, Zilma estava matriculada na modalidade bacharelado do curso de Ciências Sociais e já havia concluído a graduação na modalidade licenciatura do mesmo curso. Trabalhava como professora de Sociologia, Filosofia e História na escola do Ensino Médio localizada em um povoado do município de Coreáú conhecido como Mota.

Zilma e mais dois amigos – Gabriela e Zezinho - que compartilhavam dias de estudos na casa de sua avó, foram os três primeiros jovens a serem aprovados no vestibular com a pretensão de cursar a graduação sem migrar de Araquém. Ingressaram na Universidade no primeiro semestre do ano de 2005, época em que a prefeitura só disponibilizava transporte para a sede Coreau e este, era bastante disputado em decorrência do grande número de estudantes universitários. Portanto, o morador de Araquém que se interessasse por cursar o ensino superior em Sobral, teria que se deslocar até a sede pelos meios que lhe coubesse, ou optar por migrar, se assim tivesse condições financeiras. Nesse período, nenhum dos três tinha transporte próprio para cruzar os 20 km que separa o referido distrito da sede e diariamente se viam diante do impasse de ter que encontrar meios para lá chegar.

Por vezes, receberam o auxílio de algum familiar que dirigia uma moto levando as duas passageiras sem capacete, enquanto Zezinho ia em outra, já que “não pegava bem ir mulher com homem assim numa moto só” (Zilma). Durante dois meses do semestre 2005.1, um carro da prefeitura ia buscar os três universitários em Araquém e levava até Coreau para realizarem o trecho de ida para a Universidade, mas na volta, tinham que contar com favores de algum “conhecido” que pudesse abrigá-los na sede municipal para que no dia seguinte retornassem a Araquém nas ambulâncias que transitavam da sede para o distrito.

Por todo o esse semestre, o transporte foi algo muito incerto para os três estudantes que chegaram a “pegar carona” até em tratores para ir de Araquém à Coreau e ficar “na beira da estrada pedindo carona para voltar de Coreau para Araquém cedinho da manhã, depois que a gente dormia na casa de algum conhecido”, diz Zilma.

Além da falta de transportes regulares, a estrada não era asfaltada (ver figura 12) e em épocas de seca era necessário colocar calças, camisas de mangas compridas sobre a roupa que desejavam ir para a Faculdade e bonés para proteger os cabelos, pois a poeira que levantava da estrada encobria-lhes o corpo. Somente quando chegavam a Coreau, retiravam a roupa empoeirada e guardavam nas mochilas. Já em épocas de chuva, “o jeito era rezar”, porque tanto eles chegavam molhados se fossem de moto, como era escorregadio e, em anos com maior índice pluviométrico, a passagem que ficava na ponte sobre o Rio Coreau era interdita para veículos pequenos (ver figura 13).

Perderam muitos dias de aulas e as faltas eram justificadas “somente pelos professores mais compreensivos, porque muitos eram irredutíveis e diziam logo que se completasse o limite máximo de faltas, reprovavam qualquer aluno”, como relata Zilma, que acrescenta que enfrentou muitas dificuldades para obter o diploma de graduação.

FIGURA 12: Estrada que liga Araquém à sede de Coreaú em 2010, antes de ser asfaltada.



Fonte: Arquivo pessoal de Hélio Costa

FIGURA 13: Imagem da ponte sobre o rio Coreaú em período de enchente



Fonte: Arquivo pessoal de Hélio Costa

Em Araquém, antes das três pessoas citadas acima, sabe-se que poucos obtiveram o diploma de graduação e isso se deve ao fato de estarmos falando de uma população com baixo poder aquisitivo que além de não contar com o serviço de educação superior gratuita na

localidade onde moram, não têm condições de custear um transporte ou a migração para Sobral. Apenas quatro pessoas de Araquém haviam ingressado no ensino superior, sendo que, para isso, dois migraram para Sobral e custearam a estadia na cidade trabalhando inicialmente na Indústria de calçados Grendene e dois realizavam o deslocamento até a sede municipal em uma moto que pertencia a um deles e dali, iam para Sobral no ônibus que a prefeitura disponibilizava para universitários.

Em tal contexto, havia uma escassez de profissionais graduados originários do próprio distrito para preencher as vagas de trabalho nas duas escolas ali localizadas. Isso levava a duas grandes consequências: primeiro que, muitas vezes, contratava-se profissionais que haviam concluído somente o ensino médio, comprometendo a qualidade da educação local, ou, na segunda ocasião, era necessário que os profissionais contratados viessem da sede municipal. Nesse processo, não havia perspectivas de que a população local pudesse contribuir com um processo de educação formal de qualidade no local em que moravam.

A partir das exposições acima, nota-se que a inserção dos jovens rurais de Araquém no ensino superior é algo bem recente e que depende de um fator estrutural dessa configuração social: o sistema de transportes. Tomando a perspectiva de Kaufman (2004 apud MANTAS, 2011), estamos falando de indivíduos que possuem um potencial de mobilidade, mas que dependem de fatores externos a eles para que transformem esse potencial em movimento. Obedecendo à lógica do que autor classifica como “context” para pensar a mobilidade, em Araquém não havia um sistema de transportes para atender à demanda dos universitários, ainda que fosse para possibilitar o deslocamento até a sede municipal onde teriam “acesso” gratuito ao ônibus universitário.

Durante a pesquisa, o distrito dispunha de transporte para a sede somente no turno da manhã. Eram *vans* que transitavam em péssimas condições físicas e a passagem cobrada custava três reais por trecho, ou seja, era necessário dispor de seis reais para ir e voltar. Fazer esse deslocamento todo dia, é inviável pelas condições econômicas dos que ali moram. Quem precisar ir até a sede, tem que o fazer nesse único turno ou negociar a prestação do serviço com algum morador do distrito que possui carro ou moto.

É comum, pelo menos uma vez na semana, juntar um grupo de mais ou menos quatro pessoas que pagam uma quantia a alguém com carro no distrito para resolverem alguma coisa na sede de Coreaú. Isso também acontece em situações de emergência, quando têm que levar alguém ao médico, por exemplo, mas, nos turnos da tarde e da noite é mais difícil e a maioria dos universitários estudam a noite. No período em que eu estava fazendo a pesquisa, havia um vereador no distrito que tinha carro e prestava esse serviço duas vezes por

semana. Como estávamos em um ano que antecedia o período eleitoral, ouvi comentários que a prestação do serviço estava carregada de interesses políticos. Portanto, podemos concluir que, a falta de oferta de determinados serviços levam a população a criar vínculos de dependência política onde há trocas de favores, como veremos mais à frente.

De acordo com Kaufman, (*op. Cit*), o “acesso” depende das condições socioeconômicas dos indivíduos, de modo que no caso estudado, não há como pensar “context” e “acesso” de forma fragmentada, estão intimamente relacionados. Diante das adversidades encontradas para acessar a universidade, há uma sobrevalorização daqueles que se põem à prova nessa busca. De acordo Zilma, ela e os amigos rapidamente ficaram conhecidos no distrito como “os estudantes que faziam de tudo para chegar à Universidade e passaram a ser retratados como —um orgulho na comunidade”. Zilma relata que

Todo mundo perguntava como era ir para Sobral estudar e a gente contava as aventuras, as dificuldades, mas também falávamos o quanto era bom, o quanto a gente aprendia e mudava a maneira de pensar. As pessoas sempre diziam: 'esses meninos são esforçados, merecem vencer na vida'. A gente incentivava outras pessoas, mostrando que apesar dessa luta, a gente podia unir forças para buscar isso [a formação superior] e que juntos, a gente também ia lutar por um transporte, porque assim, sendo poucos estudantes, era mais difícil, né? (Zilma, 2012.1)

Os primeiros universitários de Araquém foram fundamentais para motivar os jovens do distrito a frequentar o ensino superior. Estavam cientes de que o transporte era um direito a ser conquistado. Segundo Fair & Williams (apud MARTINS & CAIXETA FILHO, 1998, p. 71), os transportes cumprem uma importante função social: inter-relacionando-se com a distribuição de recursos, topografia e desenvolvimento do comércio, o sistema de transportes é um dos condicionantes da distribuição da população. Além do mais, permitem a mobilidade das pessoas, estimulando a disseminação de informações e ideias.

Temos uma realidade em que o intercâmbio das experiências vivenciadas entre o campo e a cidade é fundamental para que os sujeitos pesquisados agreguem valor à possibilidade de cursar o ensino superior. Zilma demonstra em sua fala que a propagação das suas experiências de aprendizado na Universidade e da forma como isso mudava sua “maneira de pensar” era utilizado para incentivar outros jovens a cursar o ensino superior. Tal incentivo também continha uma intenção prática, pois objetivava aumentar o número daqueles que demandavam um transporte para ir à universidade. O aumento da demanda poderia resultar em uma oferta do poder público. Essa ação com uma finalidade pode ser pensada nos termos do que Max Weber definiu como “ação social racional com relação a fins”. O autor entende que “ação” é toda conduta humana dotada de um significado subjetivo dado por quem a executa e que orienta essa ação. Quando o ato tem em vista a ação de outro ou outros agentes,

a ação passa a ser definida como “ação social”. A ação de um indivíduo será classificada como racional em relação a fins se para atingir um objetivo previamente definido, ele conscientemente lança mão dos meios necessários ou adequados. Há uma conexão racional entre os fins e os meios.

Por sua vez, os primeiros universitários foram influenciados por Chiquinho, um professor de História que os ensinava no Ensino Médio. Zilma diz que “muitos não sabiam sequer o que era vestibular antes de conhecer o professor Chiquinho”, que é graduado em história pela UVA e na época em que foi universitário, teve que migrar. Houve a construção de uma imagem daqueles que enfrentavam as dificuldades do sertão e conseguiam acessar um mundo que lhes parecia muito distante. Ser universitário passou a ser uma aspiração de muitos e o número de jovens de Araquém a serem aprovados no ensino superior aumentava a cada semestre. De três pessoas em 2005.1, o número de universitários em 2005.2 passou a nove.

No início do semestre 2005.2, esses nove estudantes se reuniram e foram à casa do prefeito de Coreaú solicitar a concessão de um veículo para frequentarem a universidade, mas o máximo que conseguiram foi uma *topic* para levá-los diariamente à Coreaú e de lá partir com os demais universitários. O semestre inteiro foi vivenciado nessa condição e para eles, “era um passo, porque era melhor do que não ter nada”, afirma Zilma. Em 2006.1, aumentou para dezessete o número de universitários e não havia mais possibilidades de realizarem o deslocamento para Coreaú em *topic*. Além disso, o único ônibus que saía da sede já transitava superlotado e não havia mais capacidade para os estudantes do distrito. Tal situação fez com que os universitários de Araquém se reunissem no início do semestre e fossem mais uma vez à casa do prefeito⁴².

Sob promessas de apoio político por parte dos estudantes e de seus familiares, foi concedido um micro-ônibus com capacidade para 18 pessoas sentadas. Durante esse semestre, o veículo estava garantido e não havia superlotação, pois o número de universitários correspondia à sua capacidade, mas o fato é que a partir do primeiro semestre do ano de 2005, o número de pessoas aprovadas no vestibular em Araquém aumentava consideravelmente.

Em 2006.2, vinte e nove pessoas do distrito estavam matriculadas em cursos de graduação em Sobral e apesar das viagens em ônibus superlotados, ter o veículo era o que importava para os estudantes. Em outubro de 2006, houve eleições para os cargos de presidente da república e governador do Estado e o candidato apoiado pelo então prefeito de

⁴²É interessante perceber que eles relatam que as visitas sempre foram feitas à casa do administrador municipal e não na sede do órgão público em que este trabalha. Isso pessoalizava o pedido.

Coreaú não ganhou as eleições. Este fato resultou na ameaça do corte de veículos para os universitários, o que não ocorreu até o fim do semestre letivo deste mesmo ano.

Em janeiro de 2007, os vinte e nove universitários-viajantes junto aos oito que foram aprovados no vestibular para ingressar no primeiro semestre de 2007, foram novamente até a casa do prefeito pedir um veículo maior, uma vez que o anterior não comportava mais o número de pessoas. De acordo com Zilma, o prefeito respondeu: “acabamos de perder as eleições para governo do Estado e vocês nunca apareceram aqui para manifestar o apoio de vocês. Agora, também não terão meu apoio para frequentar a universidade. Esse semestre não tem ônibus”. Em relação à sede municipal, a realidade era outra. No início do semestre havia sido disponibilizado um veículo a mais e, com a suspensão do micro-ônibus de Araquém, tiveram que lidar novamente com os impasses de locomoverem-se até a sede para pegarem “carona” nos dois veículos disponibilizados aos universitários da sede. A condição de “caronista” colocava os universitários de Araquém em um grupo com menos prestígio em relação aos universitários da sede.

Diante da situação incerta e conflituosa a que estavam submetidos, houveram algumas migrações para Sobral, bem como o trancamento temporário de matrículas dos graduandos. Márcia, que ingressou no curso de História e viajava a menos de um ano, foi selecionada para um estágio e optou por migrar para Sobral a fim de garantir a permanência na universidade sem ter que lidar com o desgaste físico e simbólico decorrente da forma como se deslocavam, bem como com a incerteza de ter ou não meios para chegar até a sede municipal. Os demais universitários de Araquém se reuniram e organizaram alguns protestos, onde expuseram faixas no distrito e na sede com as frases: “Pela garantia ao transporte universitário para os distritos de Coreaú. Os universitários de Araquém merecem respeito”. Para além das faixas de protestos, os estudantes de Araquém marcaram uma Assembleia para decidir o destino deles nos próximos meses e após apontamentos variados, foi tomada a decisão de fretar um *pau-de-arara* para transportá-los até a sede de Coreaú e de lá, utilizarem o transporte dos estudantes da sede, ainda que em condições superlotadas.

Cada aluno pagava uma quantia de sessenta reais por mês pelo deslocamento de Araquém até a sede municipal. Essa situação forjou todo um contexto de solidariedade e uma organização coletiva para angariar recursos com a finalidade de custear o pagamento das pessoas que não tinham recursos. Fizeram rifas sorteando caixas de chocolates doadas por dois universitários que trabalhavam na escola municipal como professores auxiliares em aulas de reforço, contaram com a ajuda de amigos e principalmente de familiares. Até o irmão de Zilma que mora em Brasília foi acionado e mandava trinta reais mensais para ajudar a irmã a

pagar a despesa com o transporte universitário.

Gabriela afirma que “alguns tinham a ajuda da mãe que emprega o dinheiro do Bolsa Família na mensalidade do transporte”, de forma que as famílias consideravam que estavam fazendo um investimento em seus filhos. Durante todo o primeiro semestre de 2007, realizaram o deslocamento nesse pau de arara fretado até a sede, e de lá, nos ônibus dos universitários cedidos pela prefeitura⁴³. Essa situação ocasionou muitos conflitos entre os estudantes de uma localidade e outra, pois o veículo transitava superlotado e muitos estudantes acabavam por realizar o deslocamento em pé. Dessa forma, estudantes da sede direcionavam palavras responsabilizando os estudantes de Araquém pelo desconforto físico a que se submetiam. Aos estudantes de Araquém, era atribuído tudo de negativo que ocorria no veículo, inclusive se o ônibus ameaçava dar o prego, logo alguém gritava: “são esses araquienses que não trazem boa sorte!”.

Elias & Scotson (2000), analisando um bairro inglês que nomeia por Wiston Parva, discorre sobre as tensões existentes nas relações sociais entre dois distintos grupos que ele classifica como “estabelecidos” e dos “outsiders”. No caso estudado pelo autor, a relação existente entre esses dois grupos se fundamenta pela diferenciação em que pesa o tempo de moradia no bairro. Sendo assim, o autor pontua que há um estigma social criado a partir dos parâmetros de temporalidade que irá atuar no sentido de depreciar os que estão fora do círculo dos que foram estabelecidos por chegarem “primeiro”. Ou seja, a temporalidade constituía-se como elemento de coesão social de uns em relação à exclusão de outros. A partir da coesão, é que o grupo dos estabelecidos procurava controlar e se apoderar das organizações locais. Elias propõe a análise figuracional das condições de imposição da estigmatização, mostrando o processo de coletivização do preconceito e afirmando que o estigma só se mantém com eficácia quando o grupo que o imprime está bem instalado nas relações de poder, nas quais o grupo estigmatizado é “vítima”. A aceitação da inferioridade pelo grupo submetido a estigmatização é fruto de uma distribuição desigual de poder.

Assim, influenciados pela sociologia configuracional de Elias, Freitas *et al.* (2011) analisando as hierarquias e práticas de poder no amplo contexto de mobilidade estudantil da Região Norte do Ceará apontam para as múltiplas diferenciações que surgem no interior dos veículos universitários. Os autores interpretam que, assim como no caso aqui analisado, a disputa por uma vaga para fazer o percurso sentado é uma das maiores fontes de conflito entre

⁴³ A explicação de haver transporte para a sede e não haver para os distritos é dada sob afirmativas de que, por mais que o candidato a governador apoiado pelo prefeito houvesse perdido as eleições, na sede havia eleitorado que tinha votado nele.)

usuários dos transportes universitários e nas relações de forças que atravessam os indivíduos produzindo efeitos de verdade, práticas e subjetividades, emergem estigmatizações acionadas para diferenciar grupos e produzir o que Simmel (1983 apud FREITAS *et al* 2011) classifica como organização e hierarquias. No caso analisado por Freitas (*op.cit*), os estabelecidos são aqueles que fazem uso do transporte a mais tempo e demarcam como *outsiders* os novatos, os calouros. Há uma hierarquização onde os estabelecidos, podendo contar com uma certa coesão grupal, tomam as poltronas para si e deixam os outsiders viajarem em pé, já que as poltronas são insuficientes para alocar a todos. Essa é apenas uma das formas de diferenciação que podemos pensar na organização social dos transportes universitários.

Numa configuração social, temos várias outras configurações imersas e no caso da relação entre a sede e o distrito de Coreaú, a diferenciação que os estudantes da sede municipal faziam em relação aos universitários do distrito, também se dava pelo espaço geográfico habitado e o estigma era construído pela atribuição de características negativas que dizem respeito a condição de morar na zona rural. Essa situação de conflito perdurou durante todo o semestre de 2007.1.

Retomando a questão do transporte em si, é perceptível que a superlotação dos veículos tem uma relação com o tempo levado para que os alunos concluam a graduação. Como a média é de quatro anos, a rotatividade é lenta, principalmente nesse período inicial em que se formava o público universitário do distrito. A cada semestre era uma nova preocupação porque apesar de desejarem que o número de universitários aumentasse, os jovens já não sabiam como contornar o acesso às IES pelo transporte. Levando em consideração as relações conflituosas com a sede e a aprovação crescente de estudantes, no segundo semestre de 2007, os universitários de Araquém fretaram um ônibus que saísse direto da localidade para Sobral. Pagavam cento e vinte reais pelo serviço prestado. Nessa época, alguns alunos migraram para Sobral, pois não tinham como custear tal valor sem um emprego e se fossem morar em repúblicas estudantis, o valor mensal para manter as despesas de casa, era mais baixo que o valor pago para custear o ônibus. Alguns conseguiram se inserir no programa de assistência estudantil Bolsa Universidade e com a baixa remuneração, pagavam a parcela que lhes cabia nas despesas da casa. Assim, foram formadas as repúblicas de estudantes de Araquém existentes até hoje.

Após muitos apelos, em 2008, por meio de intermediações de um vereador, o poder público disponibilizou um micro-ônibus com capacidade para 40 pessoas. Era ano de eleições municipais e o veículo foi concedido na metade do primeiro semestre de 2008 como um benefício que a administração pública estava ofertando à população. Muitos candidatos já

foram eleitos por colocarem em suas promessas políticas a garantia de transporte em boas condições para possibilitar aos jovens um acesso digno e seguro aos cursos superiores. Márcia afirma que:

Aqui, existe um número considerável de universitários que é também um número considerável de eleitores. Como durante esses anos a gente vem lutando pelo transporte, que muitas vezes era bancado pela prefeitura e, quando dava a doida, eles cortavam e a gente tinha que tirar do bolso, agora eles se promovem com isso. Como não é obrigação, aparece como boa vontade. Geralmente os vereadores puxam essa bandeira, sabe? Os últimos que foram eleitos colocaram o ônibus como promessa. Mas, é assim! Ou eles ofertam o ônibus pra gente ir pra Sobral sem pagar, ou temem perder votos porque desagradam não somente aos universitários que viajam, mas as famílias destes também e ainda os que moram em Sobral e continuam sendo eleitores de Coreaú! (Márcia, 2012.1 – diário de campo)

Os universitários, junto aos seus familiares, constituem um público que muito interessa à administração pública, pois são potenciais eleitores. O jogo de barganha política, apesar de ser “crime”, é muito comum no Ceará – principalmente no interior. O ônibus universitário, acaba sendo uma espécie de moeda política por fazer parte do conjunto das prioridades elencadas pela sociedade civil e isso não ocorre somente em Coreaú, ou mais especificamente em Araquém, mas também nas demais cidades pesquisadas pelos integrantes do projeto “Interação em movimento”. Relata-se casos extremos onde assistiu-se a situações em que os estudantes foram proibidos de fazer uso do transporte por manifestarem preferência política à oposição dos administradores públicos da situação. É expressiva a colocação de Márcia afirmando que, “como não é obrigação, aparece como boa vontade” e é a impressão de estar fazendo favor que faz com que os homens da política utilizem o transporte como objeto de barganha.

A ação de prestar serviços ou beneficiar, de diversas formas, indivíduos ou grupos em troca de apoio político em uma relação assimétrica, é convencionalizada por Carvalho (1997) como “clientelismo”. Nessa relação, há a presença de trocas e negociações diante do controle de bens, serviços ou informações a serem “distribuídos”, sendo compreendida como troca de favores. Dessa forma, o “favor” é um elemento essencial na relação clientelística, que poder ser realizado de vários modos, inclusive com a apropriação privada de recursos públicos, prática reconhecida na literatura política e sociológica como “patrimonialismo” e que pode aqui classificar a forma como o poder público municipal de Coreaú age, usando o transporte angariado com recursos públicos para obter vantagens políticas.

As relações clientelistas se constituem como trocas entre pessoas de status social desigual, elas aconteceriam verticalmente. Carvalho (1997) expõe que existe uma figura fundamental nas relações clientelistas. É o mediador, o qual constitui a figura que facilita o acesso ao bem negociado. No caso aqui estudado, quem cumpre a função de mediador

geralmente são os vereadores que, conseguem eleger-se tomando como seus os pedidos dos universitários, nesse caso, o ônibus.

Para Diniz (1982, p. 214), esse clientelismo que explicitarei a partir da leitura de Carvalho (*op. Cit*), constitui o “clientelismo tradicional” e se caracteriza por um forte conteúdo personalista na qual a relação representante-representado adquiriu o caráter de troca direta baseada em contatos pessoais. Nessa relação, é típica a relação político-eleitor, ou seja é algo mais individualizado. Já o clientelismo de massa, que segundo autora é uma ressignificação do clientelismo tradicional, constitui-se não por ganhos pessoais, mas por benefícios que são revertidos em favor do conjunto de uma categoria (Diniz, *op. Cit*, p. 215). Portanto, se fossemos caracterizar a concessão do transporte universitário como uma prática clientelista, essa estaria classificada como clientelismo de massa, pois beneficia uma coletividade.

Analisando relações sertanejas clientelistas, Villela & Marques (2002) enfatizam que tais relações podem ser tomadas “como um artifício de pulverização do poder por toda a escala social” (p. 94). Os autores, assim como Karina Kuschinnir (2007, p. 64), desconstruem a ideia do clientelismo enquanto uma relação puramente de sujeição pelo monopólio de bens, serviços e informações. Entendem que, segundo concepções nativas, o clientelismo pode distribuir poder. Sob esse ponto de vista, a assimetria é amenizada.

Segundo Zilma, ao oferecer transporte no primeiro semestre de 2008, “o objetivo do então prefeito era ganhar a simpatia do público universitário para ser reeleito. Já que ele havia negado transporte para a gente nas eleições para governador, queria garantir nos votos nas eleições para prefeito” (Zilma, 2012.1). Os estudantes aceitaram a proposta e comemoraram a concessão do veículo. A oferta do transporte foi uma “estratégia” política para angariar votos, mas os universitários se utilizaram de suas “táticas” para mediar essa relação interessada. De acordo com Gabriela:

Ele pensa que a gente é besta, que a gente ainda é aquele monte de tolos que ele pode enganar, pintar e bordar. A gente sabe bem o que tá fazendo. Ele oferece porque está precisando da gente e a gente aceita porque precisa do transporte. Num primeiro momento, ele nos desamparou e agora está dando o ônibus. Aí, você sabe, a gente só vota nele se a gente quiser, porque primeiro que ele nunca que vai saber exatamente quem votou ou deixou de votar, só vai saber que não votaram e segundo porque o outro que vai se candidatar, também vai prometer ônibus porque sabe que foi uma briga política aqui entre nós. Deixa ele dar o ônibus e muitos aqui nem vão votar nele. (Gabriela, 2012. 1).

Os jovens de Araquém demonstram muito bem que não são sujeitos passivos diante de um processo interessado. Da mesma forma que o poder público, na figura do prefeito, agencia ações para benefício próprio, os universitários recebem essas ações

agenciando sentimentos para práticas futuras. Michel de Certeau (1994), de modo binário, distingue “estratégia” de “táticas” concebendo que, que numa relação social, ambas as partes tem lugar ativo na negociação. Para o autor, as estratégias correspondem à um cálculo de relação de forças empreendido por um sujeito detentor de algum tipo de poder que, por esta via, “postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e, portanto, capaz de servir de base à uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta” (CERTEAU, 1994, p. 46).

As táticas, por sua vez, são apresentadas pelo autor como ações de desvio que geram efeitos imprevisíveis. Em oposição às estratégias que visam regular e impor, as táticas originam diversas “maneiras de fazer”. Portanto, resultam das “astúcias” dos universitários e de suas capacidades inventivas, possibilitando que escapem ao controle da oferta político que visa oferecer um serviço para em troca receber votos. As táticas habitam o cotidiano do que Certeau (*op. Cit*) vai chamar de cultura ordinária ou homem comum. Nessa relação feita pelo autor, as táticas não pretendem qualquer posição de poder para seus agentes, mas sim burlar, de uma certa forma, as estratégias de quem se mantém no topo de uma hierarquia de poder no interior da relação social. As táticas se revelam como arranjos que possibilitam vitórias sutis, pequenos golpes. Nessa direção, as colocações do autor contribuem para que possamos compreender o recebimento da “oferta” do transporte como algo que produz sentidos.

O que podemos perceber é que no discurso da maior parte dos universitários-viajantes da Região Norte cearense, o ônibus universitário representa um divisor na história de sua formação acadêmica e na estruturação econômica de suas cidades – pois possibilita que o jovem ali permaneça, mas se qualifique profissionalmente. A ampliação e melhoria nos sistemas de transporte e a expansão das estradas são fatores preponderantes para a inserção dos jovens rurais na universidade. Os ônibus universitários tornaram-se uma demanda de políticas públicas.

Os universitários reivindicam pelo “direito ao transporte” gratuito porque em sua maioria, não tem condições financeiras para custear viagens individuais em transportes coletivos intermunicipais pagos ou ônibus fretados que prestam o serviço através de contratos onde os custos são divididos entre os passageiros/universitários. Por outro lado, em termos legais, não faz parte das competências das administrações municipais custear transporte para o acesso ao ensino superior. Esse conflito entre a busca de direitos e o estabelecimento de deveres tem resultado na criação de muitas Associações de Universitários que objetivam “garantir direitos” e constituir uma representação dos universitários para negociarem seus interesses com as administrações municipais (Cf. FREITAS *et al*, 2011).

A administração municipal da cidade de Coreaú, bem como a de diversos outros municípios, enfatiza com frequência que não faz parte de suas competências assegurar o transporte para o acesso ao ensino superior. Chegam a fazer afirmações do tipo: “a prefeitura não é obrigada a dar transporte universitário, o que está acontecendo é fruto de bom senso por parte do governo municipal”⁴⁴. Essa troca política não acontece colocando em jogo o transporte da educação básica porque este é assegurado por lei, sendo atributo do estado e do município custeá-lo. Tal obrigatoriedade atende ao artigo 208 da Constituição Federal que discorre sobre a **educação**, elevando-a a categoria de princípio e pilar para o desenvolvimento da sociedade brasileira, indicando como objetivo o pleno desenvolvimento da pessoa seu preparo para o exercício da “cidadania” e sua qualificação para o trabalho.

Entre os princípios apontados para o desenvolvimento do ensino, destaca-se a promoção de ações que assegurem a igualdade de condições para o **acesso e a permanência à escola**. No referido artigo encontram-se as obrigações do Estado no que se refere à oferta do ensino público. Trata-se de garantias que devem ser asseguradas aos educandos com a finalidade de efetivar o exercício do direito à educação, estando entre estas, o transporte escolar⁴⁵.

Para atender às exigências da legislação, o Ministério da Educação está executando dois programas voltados ao transporte de estudantes do ensino básico: o Programa Nacional de Apoio ao Transporte do Escolar – Pnate e o Caminho da Escola. O primeiro foi instituído pela Lei nº 10.880, de 09 de junho de 2004, com o objetivo de garantir o acesso e a permanência nos estabelecimentos escolares dos alunos do ensino fundamental público residentes em área rural que utilizem transporte escolar, por meio de assistência financeira, em caráter suplementar, aos estados, Distrito Federal e municípios. Com a publicação da Medida Provisória 455/2009 – transformada na Lei nº 11.947, de 16 de junho do mesmo ano, o programa foi ampliado para toda a educação básica, beneficiando também os estudantes da educação infantil e do ensino médio residentes em áreas rurais. Já o segundo foi criado pela Resolução nº 03, de 28 de março de 2007 com o objetivo de renovar a frota de veículos escolares, garantir segurança e qualidade ao transporte dos estudantes e contribuir para a redução da evasão escolar, ampliando, por meio do transporte diário, o acesso e a permanência na escola, dos estudantes matriculados na educação básica da zona rural das redes estaduais e municipais.

⁴⁴Discurso proferido durante reunião entre componentes da ASSEUP - Associação Alcantarense dos Estudantes de Universidades Públicas, os Secretários da educação, dos transportes e alguns motoristas de ônibus e publicado na carta de apresentação destinada ao legislativo municipal.)

⁴⁵Conferir artigo 208 da Constituição Federal, em especial, o inciso VII.

O programa também visa à padronização dos veículos de transporte escolar, à redução dos preços dos veículos e ao aumento da transparência nessas aquisições. É importante salientar que o Pnate consiste em transferência de verbas para custear despesas com os veículos e o “Caminho da Escola” consiste na concessão, pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), de linha de crédito especial para a aquisição, pelos estados e municípios, de ônibus e micro-ônibus zero quilômetro e de embarcações⁴⁶ novas.

Com essas políticas públicas voltadas à educação básica, a educação superior acaba sendo beneficiada através das informalidades ou ilegalidades. De acordo com a Secretaria da Educação do Ceará, em 2006, o Governo do Estado gerido pelo então governador Lúcio Alcântara aderiu ao Programa Caminho da Escola e recebeu uma frota de 245 ônibus escolares. No ano de 2008, sob a gestão do atual governador Cid Gomes, o Governo Estadual ampliou a distribuição dos veículos firmando um acordo em que, a cada veículo adquirido pelas prefeituras com recursos próprios, o Estado doaria outro na mesma proporção, podendo ser doados até cinco ônibus escolares zero quilômetro por município, conforme suas aquisições. Entre os anos de 2009 e 2012, o Estado doou mais de 170 veículos a 57 municípios cearenses, assim, houve uma considerável ampliação da frota de veículos escolares que, em teoria, era para atender somente aos alunos do ensino básico, mas na prática, atendem também aos alunos do ensino superior, através da utilização do veículo em horário oposto ao horário que os alunos da educação básica utilizam-no, ou através da utilização destes em tempo integral. É isso que vem acontecendo em Araquém. Nos dois últimos anos, o veículo utilizado pelos universitários, faz parte do Programa Caminho da Escola e em termos legais, não poderia transitar fora dos limites territoriais do município. Ainda que sendo uma concessão pública, é ele que é utilizado como moeda política, pois, como colocado, não é atribuição municipal garantir transporte para acesso ao Ensino Superior.

O uso incorreto dos veículos têm gerado polêmicas na região Norte. A matéria publicada no jornal *O Povo*, no dia 24 de março de 2012, com o título “28 prefeituras são multadas por uso irregular de transporte escolar⁴⁷” traz um levantamento feito pelo Tribunal de Contas do Estado – TCE sobre as multas aplicadas às prefeituras que fazem uso indevido dos transportes, uma vez que os mesmos só podem circular dentro dos limites municipais.

⁴⁶Usa-se o termo embarcações para designar transpores fluviais. Estes são bastante utilizados na Região Norte do Brasil, onde o deslocamento dos estudantes muitas vezes é feito pela travessia das águas de rios.

⁴⁷Cf.: <http://www.opovo.com.br/app/opovo/ceara/2012/03/24/noticiasjornalceara,2807802/28-prefeituras-sao-multadas-por-uso-irregular-de-transporte-escolar.shtml>

Essa irregularidade é assistida cotidianamente nos pátios dos campi das universidades e faculdades sediadas em Sobral, onde ficam estacionados os ônibus de diferentes cidades. No blog Portal Jovem, o fato foi postado em tom de denúncia, retratando especificamente o uso irregular dos ônibus na Região Norte para atender aos alunos do ensino superior:

Mesmo sabendo que estes transportes [os ônibus escolares adquiridos através da Secretaria de Educação] devem apenas circular no município e para uso exclusivo do transporte de escolares, prefeituras de toda Zona Norte usam de forma irregular estes veículos para o transporte de universitários até a cidade de Sobral. Muitas são as cidades que praticam este erro, o que facilmente pode ser observado no campus Betânia da Universidade Estadual Vale do Acaraú, onde ônibus escolares de vários municípios ficam parados nos períodos matutino e noturno. (Trecho de postagem publicada no Blog Portal Jovem no dia 24 de março de 2012 sob o título Denúncia: uso irregular de transporte escolar).

Nos dias de hoje, não existe nenhuma lei que assegure a obrigatoriedade da União, dos Estados ou dos municípios custearem o transporte para universitários. O grande passo dado para sanar tal carência foi a elaboração do Projeto de Lei 2564/11 (ver anexo 02) de autoria da ex-senadora Marisa Serrano (MS) que, apresentado à Câmara no dia 21 de outubro de 2011, aguarda o parecer da Comissão de Educação e Cultura para ser analisado ainda pelas seguintes comissões: a de Finanças e Tributação; e a de Constituição Justiça e Cidadania. O projeto prevê a alteração do art. 2º da Lei nº 10.880, de 09 de junho de 2004, para incluir no Programa Nacional de Apoio ao Transporte do Escolar (Pnate) a assistência financeira ao transporte intermunicipal de alunos da educação superior.

Apesar de ser um passo dado na intenção de assegurar o acesso ao ensino superior para os estudantes que não contam com IES em seus municípios, o projeto limita a distância diária a ser percorrida pelos veículos universitários ao limite máximo de 200 quilômetros, ou seja, totalizando os trechos de ida e volta para a universidade, só será possível percorrer o máximo de 200 quilômetros. Se aprovado, o município de Coreaú será contemplado, pois entre este e Sobral somam-se 160 quilômetros. Porém, alguns municípios da Região Norte não serão atendidos, como alguns localizados na Serra da Ibiapaba, cuja distância entre estes e Sobral ultrapassam os 200 quilômetros dispostos na lei.

Enquanto não podem contar com uma legislação própria para assegurar seus direitos de acesso pelo transporte, os universitários se organizam formando Uniões ou Associações. Freitas *et al* (2011) analisam as origens e as formas de ações das Associações e Uniões de universitários das cidades que congregam o raio de influência do polo educacional sobralense. As autoras mostram que “a história de cada um dos transportes universitários

pesquisados [...] é fruto da luta dos primeiros universitários de cada município”. Considerando o que aqui já foi exposto – que não é dever constitucional do município assegurar transporte para estudantes de nível superior – as autoras analisam as formas de organização dos estudantes para formalizar o processo de reivindicação pelo transporte. O estudo diz que,

As Uniões ou associações de estudantes Universitários da Região Norte são organismos locais tanto do ponto de vista geográfico como do ponto de vista das lutas que promovem e seus estatutos rejeitam as ações de cunho político partidário (...) A luta pelo transporte universitário está na origem dessas entidades e constitui a principal bandeira de luta de todas elas (...). (FREITAS *et al.*, 2011, p.05).

As “Associações” ou “Uniões” geralmente são organizações municipais e os distritos se unem às sedes em suas constituições. No período da pesquisa de campo, não havia uma Associação atuante em Coreaú. Havia um estatuto formulado pelos primeiros universitários da sede e este não era considerado pelos estudantes da época. Em 2011, quando iniciei a pesquisa de campo, a administração municipal de Coreaú, através da Secretaria de Educação, disponibilizava um ônibus para Araquém que tinha dupla utilidade: no turno diurno transportava estudantes do ensino fundamental e médio de suas casas às escolas e no turno da noite, transporta os universitários de Araquém à Sobral. O veículo era caracterizado pelo padrão brasileiro de transportes escolares adquiridos através do Programa Nacional Caminhos da Escola e dispunha de capacidade para 40 pessoas – de forma que mais de 20 pessoas viajavam em pé. As viagens seguiram assim até o meio do segundo semestre do ano seguinte.

Preocupados com a incerteza de seus deslocamentos, os universitários da sede e do distrito se reuniram para refundar a Associação dos Universitários do Coreaú- AUC, o que foi feito no dia 22 de dezembro de 2012. Seu presidente e mais dois dos seis membros da diretoria são moradores de Araquém, sendo que não há nenhum membro do distrito de Ubaúna como representante que compõe a diretoria.

A refundação da Associação se deu em um momento em que eu já havia me afastado das atividades de pesquisa em campo, mas fui constantemente informada de que os estudantes do município de Coreaú já conseguiram mudanças consideráveis no que diz respeito à concessão dos transportes universitários. A grande mudança se deu pelo aumento da frota dos veículos. Atualmente, os distritos de Ubaúna e Araquém contam cada um com um ônibus para universitários no período da manhã e um ônibus para universitários no turno da noite. A sede do município conta com dois ônibus em cada turno. Isso decorreu de um acordo feito entre a Associação e a prefeitura municipal, a qual se propôs a prestar todo apoio ao

público universitário.

Essa mudança na oferta dos transporte modificou bastante a realidade dos universitários de Araquém. Em conversas com Conceição e Renato, fui informada que com a possibilidade de ir e voltar diariamente com mais segurança, três repúblicas estudantis foram “desmontadas” como dizem eles. Muitos jovens que haviam migrado para Sobral retornaram à Araquém. Esse refluxo de pessoas foi influenciado tanto pela disponibilidade de transporte quanto por uma parceria que a prefeita firmou com os universitários, onde num primeiro momento, concedeu emprego em instâncias públicas (escolas, posto de saúde, prefeitura, secretaria de educação) para alguns graduandos e, em um segundo momento, convocou os universitários para firmar o compromisso da permanência do transporte com a condição que eles pudessem oferecer uma contrapartida à sede e aos distritos com ações do tipo “extensão” para incentivar a escolarização no município e ajudar a melhorar a “qualificação” dos profissionais que já estão estabelecidos no setor público municipal. A proposta foi bem aceita pelos universitários e o presidente da associação diz que “a parceria é benéfica às duas partes e a prefeita mantém uma promessa de tentar absorver essas pessoas que estão se formando no mercado de trabalho local. Se isso vai acontecer, vamos ver”. (Renato, 2013.1). Não houve tempo para acompanhar essa realidade empírica, mas isso pode ficar para um momento posterior.

Agora, com o ônibus garantido, vale mostrar como os jovens de Araquém vivenciam a mobilidade na prática. Certa de que foram analisados nesse tópico o “context” e o “acesso”, esses dois componentes da motilidade que são inseparáveis e que configuram a dimensão política da mobilidade (Cresswell, 2009) – julgo necessário agora discorrer sobre o último componente da perspectiva de Kaufman que é a “apropriação”. Veremos no tópico seguinte, como os sujeitos atuam e interpretam a experiência de deslocar-se, ou seja, como se dá a apropriação da motilidade.

4.2- “Apropriação”: Experiências de mobilidade

Imagine o primeiro dia de aula no semestre. Às 17 horas, na praça central – onde é oficializado o ponto de ônibus dos universitários de Araquém – os estudantes povoam o espaço que durante as férias só assiste ao movimento de pessoas à noite. O distrito é pequeno, o que faz com que não haja, com frequência, o espanto do reencontro com os amigos, mas há o espanto do encontro com os novatos, os calouros que ingressam no mundo das viagens universitárias. Estes aparentam um misto de euforia e timidez, expondo, de maneira enfática,

seus cadernos recém-comprados e são parabenizados pelo ingresso no ensino superior com apertos de mão ou abraços pelos conhecidos que ainda não tinham tido essa oportunidade.

Grosso modo, é na praça/ponto de ônibus que a vida universitária começa para o aluno de Araquém, já que todos os dias, seu ônibus será praticamente a única chance de ir para a instituição de ensino. Outras alternativas existem, mas certamente vêm acompanhadas de gasto financeiro e atraso garantido, uma vez que não existe nenhuma linha de transporte direto de Araquém à Sobral. Para realizar esse deslocamento sem ser pelo transporte universitário, deve-se ir para Coreaú e dali apanhar uma das *topics* que transitam entre 5 h da manhã e 18 h, ou verificar o horário e a disponibilidade de vagas nos ônibus da empresa Guanabara que passam por Coreaú “vindo” de algum outro lugar, como por exemplo, de Camocim. As passagens, em ambos, custam dez reais por trecho. O deslocamento entre o distrito e a sede é restrito, porque os transportes (*topics*) só transitam no turno da manhã e as opções de ir para a Universidade de ônibus ou topic só podem ser pensadas para o trecho de ida, pois no horário em que terminam as aulas, após 22 horas, não há mais transporte.

Essa realidade, por vezes, leva estudantes a cometerem “sacrifícios” de todos os tipos para chegarem ao ponto a tempo de encontrar o ônibus. Se for empregado, como é o caso de todos os sete universitários que foram entrevistados para pesquisa, o estudante deve negociar com o patrão a saída antecipada do expediente de trabalho – que geralmente se dá antecipando o horário de entrada no serviço e reduzindo o horário de almoço. Os que são professores nas escolas públicas do distrito, como é o caso de Gabriela e Zilma e até mesmo a coordenadora Márcia, saem do emprego às 17 horas e, em 10 minutos, têm de estar no ponto do ônibus, ou seja, elas saem do expediente de trabalho e se direcionam à parada de ônibus sem mesmo passar em casa. Alguns chegam correndo, tem um grupo de um povoado mais distante, conhecido como Mota, que chega em motocicletas. São três motos: duas com três pessoas cada uma e uma com quatro pessoas. Renato Chaves e Antonio Chaves trabalham na roça com o pai no turno da manhã, após meio dia – horário do almoço – “tiram um cochilo” de meia hora, revisam o conteúdo das disciplinas cursadas entre 13 e 15 horas e se preparam para sair de casa com antecedência, pois têm que pedalar dois quilômetros por uma estrada de “terra batida” até chegar ao ponto de ônibus (ver figura 09). O importante é estar no ponto até as 17horas e 10min, horário de saída para Sobral.

FIGURA 09: Caminho percorrido de bicicleta por Renato e Antonio para chegar ao ponto de ônibus em Araquém



Fonte: Arquivo pessoal de Renato (Universitário-viajante de Araquém)

Geralmente, quando há atraso de algum estudante, um colega mais próximo é quem ajuda solicitando a Eudes, o motorista, um pouco de paciência para esperar a pessoa que “perdeu a hora”. Não é em vão, que a praça, enquanto ponto do ônibus, também é cenário para o início de relacionamentos de amizades ou de “desafetos”, pois além dos que solicitam a espera pelos que estão por vir, também há os que reclamam da demora e do atraso, uma vez que, se um estudante atrasa a hora de partida para a universidade, resulta no atraso de todos no horário em que chegam às salas de aulas.

Os antecipados, que se importam mais com um assento para se deslocar confortavelmente, do que com uma “boa conversa” na praça, vão chegando e logo adentram ao veículo, pois a única regra no ônibus de Araquém é: “quem chegar primeiro, senta”. O ônibus concedido pela prefeitura tem a finalidade de transportar alunos do ensino fundamental durante os turnos da manhã e da tarde. Por ter sido uma aquisição do Programa Caminho da Escola, o qual já foi mencionado, o transporte tem 20 assentos com capacidade para alocar dois indivíduos em cada um – geralmente crianças, pois o veículo é destinado oficialmente ao trânsito de alunos do ensino fundamental. Como o número de universitários é bem maior que o número de assentos – 63 estudantes para 20 assentos que alocam 40 pessoas – é costume, mesmo que não seja confortável, sentar três pessoas em uma poltrona, pois como diz Lia:

“pior que ir apertado, é ir em pé”.

Na maioria dos casos, o trio é formado por pessoas que constroem afinidades, seja pelo curso frequentado em comum, seja por relações de parentesco, de vizinhança, pelas relações estabelecidas no ambiente de trabalho ou por relações de amizade construídas no tempo da escola, já que grande parte dos estudantes concluiu o ensino médio na mesma instituição escolar, a Escola Estadual de Ensino Médio Flora Teles – de Araquém⁴⁸.

Zilma, Lia e Márcia compartilharam uma poltrona na parte da frente do micro-ônibus durante quase todo o semestre 2012.1. Apesar de cursarem graduações diferentes, a proximidade das três antecede às idas para a universidade. As duas primeiras são irmãs e a última, uma colega que trabalha na mesma escola onde Zilma é professora. Além de sentarem juntas “para ir conversando”, há uma opção por compartilhar o espaço com pessoas do mesmo sexo. Zilma afirma que:

A gente não dorme, né. Então, a gente sempre procura sentar junta pra conversar, ou mesmo se agente dormir nos dias de maior cansaço, é melhor dormir do lado de uma conhecida pra não passar vergonha. A gente só não senta juntas se as cadeiras estiverem todas ocupadas mesmo, mas é difícil, porque a Zilma vem do CCH e como o ônibus sai de lá, da pra ela pegar cadeira. Logo que eu entro lá na Betânia, eu sento onde ela tá e com nós duas, senta a Francinalva (...). É muito espremido pra três, você tá vendo aqui. Então, como a gente fica assim quase em cima da outra, tem que ser mulher e conhecida, né? (Fala de Lia, registrada em diário de campo em agosto de 2012)

A fala de Lia demonstra aspectos simbólicos na forma de organização dos alocações dos estudantes e do que guia essa forma de organização. Durante o trajeto, experimentam-se vivências corporais, pois o ônibus é pequeno e transita superlotado. O corpo, esse território individualizado, entra em contato com outros corpos e muitas vezes passam a ser um território invadido, que se debruça sobre o outro nos momentos de “cochilo” e, sem a vigilância consciente de quem está acordado, relaxa, pesa, emite sons (alguns rocam, o que é motivo de zombaria por quem escuta). Esse corpo é um corpo sexualizado, que deve evitar, pelo menos naquela ocasião, o contato com um sexo oposto. Além disso, as observações em lócus e a fala de Zilma me levam a interpretar que dormir pode ser um constrangimento.

⁴⁸A escola supracitada era um anexo de uma escola sediada em Coreau e de acordo com o relato de estudantes e publicações em blogs, funcionava em péssimas condições no prédio do Centro de Educação Rural - CERU . Somente no ano de 2012, foi inaugurada uma Escola de Ensino Médio independente para Araquém a qual foi nomeada Escola Estadual de Ensino Médio Maria Menezes Cristino e é conhecida como Escola Ruth Cristino. A fundação da escola foi justificada pelo grande número de jovens estudantes em Araquém que, nos últimos anos, tem aprovado no vestibular um número de alunos maior que a sede.

Essa realidade de evitar contato corporal com pessoas de sexo oposto não acontece em todos os veículos, pois quando eu realizava a pesquisa de iniciação científica no ônibus de Camocim, era comum que meninos e meninas dividissem poltronas e acontecia de, no retorno da universidade para Camocim, quando o motorista apagava as luzes do interior do veículo, os jovens usavam lençóis para —esconder as práticas de namoro. Em Camocim, vários universitários passaram a namorar a partir do contato estabelecido no ônibus.

Ao longo de nosso processo civilizador, separamos as atividades entre aquelas realizáveis no espaço público e as realizáveis em um espaço privado. Dormir seria algo próprio ao espaço privado, pois é o momento do não controle, o momento em que não há plena consciência dos movimentos, das sonoridades, dos impulsos. Norbert Elias (2011) escrevendo sobre o processo de civilização no ocidente europeu, explana a relação dos homens com o seu próprio corpo, com suas necessidades fisiológicas, com a sua forma de pensar. O autor faz uma introdução aos usos sociais do corpo e nos mostra que a ideia de um “avanço” na civilização está relacionada à individualização do corpo, ao recato com a intimidade corporal. Há um enclausuramento da vida íntima onde uma das características é o recolhimento ao dormir.

O controle sobre o corpo e sobre seus usos estiveram na ordem do dia do processo civilizador. Nas “viagens” no ônibus de Araquém, mesmo carregados de cansaço, com um “corpo que não aguentava mais”, alguns dos jovens evitavam dormir. Tal atitude guarda relações com um ideal de educação relacionado ao autocontrole, onde “o padrão social a que o indivíduo fora inicialmente obrigado a se conformar por restrição externa é finalmente reproduzido, mais suavemente ou menos, no seu íntimo através de um autocontrole que opera mesmo contra seus desejos conscientes”. (ELIAS, 2011, p. 129).

Assim como há a partilha de poltronas femininas, há também a partilha de “poltronas masculinas”. Renato, Antônio e Moacir, dividem o último assento no lado esquerdo do ônibus. Renato e Antonio são irmãos e Moacir estudou com o primeiro na Escola Flora Teles. Diferente das meninas mencionadas, que permanecessem sentadas durante todo o trajeto, os meninos intercalam momentos sentados, em pé, transitando até a poltrona ao lado. Apesar de compartilhar a poltrona com pessoas do mesmo sexo, Renato fala em tom de brincadeira: “por mim, eu iria era sentado do lado das meninas. É mais agradável do que viajar do lado de um monte de macho fedorento, né?”. Nota-se que os meninos não manifestam o mesmo “pudor” das meninas e isso guarda uma relação com os valores patriarcais reproduzidos no espaço rural.

A ordem moral de que fala Woortman (1999) também é permeada pelas

diferenciações de sexo e atribuição de papéis a “homens” e “mulheres”. Há uma dominação masculina (Bourdieu) no sentido de reproduzir valores que colocam a mulher numa condição de oprimida sexualmente. Elas aparecem como sendo desprovidas de sexualidade e guardiãs dos pudores.

Os que viajam em pé se recostam nas poltronas ocupadas, na porta do veículo, em mastros de ferros (Ver figura 10). Cochilam e despertam em meio às curvas e solavancos, sustentando o corpo fatigado. Conquistas e reconquistas das poltronas sinalizam a organização do ônibus pelos próximos meses. Apesar de não haver critérios de demarcação de poltronas, a exemplo de outras localidades, é perceptível que os alunos de Araquém costumam viajar mais ou menos nos mesmos lugares e que os “novatos”, tendem a se intimidar em sentar se houver algum veterano em pé.

FIGURA 10: Interior do ônibus universitário de Araquém – pessoas que viajam em pé



Fonte: Arquivo pessoal de Zilma (universitária-viajante de Araquém)

FIGURA11: Interior do ônibus universitário de Araquém – poltronas com meninas “na frente” e meninos “no fundo”.



Fonte: Arquivo pessoal de Zilma (universitária viajante de Araquém)

Essas divisões de espaços, não são rígidas. Há momentos em que meninos e meninas compartilham poltronas, mas, a regularidade é essa divisão por sexo e há uma predominância de meninas nas primeiras poltronas e meninos nas últimas, como podemos ver acima (na figura 11). O “fundão”, como costumam chamar a parte localizada entre o meio e o fim do micro-ônibus é o espaço simbolizado como espaço da desordem, do “barulho”, da “bagunça”. Do meio para frente, é o espaço de quem quer descanso, quem conversa em voz baixa, quem utiliza o tempo do trajeto para estudar, ou até mesmo para “vigiar” a viagem, como é o caso de Erick, que passou o semestre inteiro viajando na —primeira! cadeira, ao lado do motorista. Sob o aviso pintado com letras amarelas: “fale ao motorista somente o indispensável”, Erick entrava no veículo e se alocava na cadeira de rodas destinada ao uso de cadeirantes. Apesar de não ter qualquer restrição física, o estudante justifica a escolha do lugar com as seguintes palavras:

Eu gosto de ser o copiloto de seu Eudes. Acho bom vir aqui porque vou olhando a estrada: de dia essa coisa das plantas tudo seca, as placas, os animais atravessando a pista; de noite, as pouca luzes e essas casas que fica aí no meio da estrada com o povo tudo dormindo enquanto a gente volta pra casa. Também, como eu não durmo na viagem, gosto de conversar com ele e assim eu tenho garantia de que ele não dorme, porque é importante ter essa certeza. Sem contar que por ser cadeira de rodas e não ser junta com outras pra o povo ir conversando,

ninguém faz questão dessa cadeira aqui. Ela igual a cadeira normal porque depois de encaixada, não se mexe, mas noto que ela não é muito disputada não. (Fala de Erick, registrada em diário de campo em março de 2012).

O motorista faz parte do cotidiano estudantil dos universitários pendulares de Araquém. Apesar de não buscar nenhum diploma nessas idas e vindas, Eudes é tratado pelos estudantes como personagem fundamental para suas formações e o ato de viajar todos os dias requer uma relação de confiança, pois as experiências de universitários-viajantes em Sobral demonstram que os riscos são constantes e muitas vidas já ficaram pelos caminhos em acidentes trágicos – o último, até o momento de finalização desse texto, ocorreu com os universitários de Acaraú que assistiram à colisão do ônibus que transitavam com um caminhão, acidente que tirou a vida de uma estudante do curso de Letras e outra do curso de Filosofia e comoveu o meio acadêmico em Sobral – sejam alunos ou professores universitários. Erick aposta num olhar vigilante e a parceria com o motorista lhe proporciona maior segurança, resultando em reciprocidade de afeição.

Sant'Anna (2005) faz uma comparação entre pacientes de hospitais e passageiros [no caso citado pela autora, passageiros no aeroporto], onde afirma que, indivíduos tornados pacientes em hospitais e os passageiros, passam por uma espécie de transporte que inclui a entrega de suas vidas: “entregam seus corpos e seus pertences pessoais a profissionais (...) Durante cirurgias e viagens, os corpos permanecem sob o comando de especialistas encarregados de pilotá-los”. Portanto, para além do olhar vigilante, é preciso confiar que o documento de habilitação no trânsito é o diploma que assegura um trajeto sem riscos, confiar no que Giddens chamou de “sistemas peritos”.

Com frequência, o trajeto de Araquém para Sobral é tomado pelos estudantes como uma viagem pela relação espaço-tempo. A colocação de Renato pode demonstrar isso:

As pessoas nas grandes cidades até viajam mais que nós, né? Levam 02 ou 03 horas viajando e nós leva até menos, mas a questão é a grande diferença que a gente percebe é que a gente não foi criado nesse ritmo, né de pegar de sair de um canto da cidade pra outro, né? A gente nasceu naquela cultura de tudo é perto. O comércio é perto, a escola é perto. Apesar de ser tudo meio... Das condições serem meio inacessíveis, de estradas, de transportes né.. No interior tem muito isso, mas que a escola é perto, o amigo é perto, a casa da mãe é perto, o trabalho é perto. Você não tem costume de morar em uma cidade e trabalhar em outra, como acontece nos grandes centros urbanos. Então, quando você sai do ensino médio, dessa cultura um pouco monótona de não conhecer outros lugares, não viajar muito, ou pelo menos, diariamente, você pega um choque, né? Você acha aquilo muito cansativo porque é todo dia, você vai enfrentar todo dia 02 ou 3 horas de viagem, o que você não fazia, né? É por isso que os alunos do interior, eles sofrem bem mais com essas viagens. É por isso que eles reclamam bem mais. Todo mundo reclama: ai é muito ruim essa viagem, é muito cansativa. Eu acho então, que se deve muito a essa questão também né? Da cultura, de não ter hábito de viajar todo dia né, principalmente viagem longa. (RENATO, 2011.0)

Sempre que se retratam a este deslocamento, atribuem o termo viagem e isso tem uma relação estreita com a percepção de tempo relacionada ao espaço. Diferente das viagens à lazer, as viagens dos universitários aqui retratados tem o caminho como uma prova, um sofrimento, uma aventura. À maneira de Ulisses, na Odisséia, que parte padecendo perigos, estes enfatizam as dificuldades para retornarem a sua terra como heróis. A vivência com uma realidade temporal e espacial diferente, também é uma característica das viagens.

Mas, afinal, o que significa uma viagem? De acordo com Ortiz (s/d, p. 26), “a viagem é um deslocamento no espaço. É sempre passagem por algum lugar e a sua duração se prolonga entre a hora de partida e o momento do regresso. O viajante é alguém que se encontra suspenso entre esses dois referenciais que balizam o seu percurso”. Apreendida desta forma, a viagem comporta tanto a partida como a chegada a um outro lugar e mesmo o retorno, quando se faz o caminho de volta. Porém, neste caso, não é cabível entender a viagem apenas como saída, chegada e retorno, pois assim, deixamos de lado o que acontece durante o deslocamento ou quando estamos, momentaneamente, entre a saída e a chegada. No caso estudado, as práticas vivenciadas no interior do veículo durante a média de quatro anos de graduação são fundamentais para a constituição das suas trajetórias rumo ao ensino superior.

Diante do que foi observado, portanto, a “apropriação” da motilidade pode ser pensada com base em três pontos:

A) Espaço de sociabilidades: são (re) inventadas formas de passar o tempo. Conversar, namorar, rezar solitária ou coletivamente, comer, ler, escrever, comercializar objetos, fazer uso de instrumentos musicais como violões e instrumentos de percussão e fazer festas foram práticas observadas nas viagens que duravam uma hora e meia por trecho;

B) Espaço de disputa: a cada novo vestibular (geralmente semestral), o número de alunos aumenta e a quantidade de pessoas que depende dos transportes é superior ao número de poltronas disponíveis, ocasionando a superlotação e fazendo surgir conflitos relacionados à convivência nesse ambiente. Observou-se que muitos tomavam a poltrona como um mundo compartilhável e abdicam do conforto mínimo para dividir o espaço com colegas.

Acrescidas às disputas internas, há também disputas externas, que são aquelas travadas entre estudantes da sede e dos distritos, onde os primeiros reclamam do atraso dos últimos que, por se deslocarem de suas localidades em condições precárias – caminhando, de bicicleta ou de carona – muitas vezes se atrasam e que disputam poltronas com eles; entre os universitários e o poder público que usando o veículo como moeda de troca política ameaça o corte deste sempre que os resultados das eleições não correspondem às suas expectativas e

entre os universitários e motoristas de municípios diferentes, seja pela vaga no estacionamento, seja pela negação de dar carona aos estudantes de outros municípios até os campus onde seus veículos ficam estacionados.

C) Espaço de afirmação: é comum os estudantes se afirmarem enquanto heróis que enfrentam condições adversas para frequentar a Universidade. As más condições físicas do transporte é o primeiro obstáculo a ser superado. Por outro lado, os ônibus que apresentam melhor aparência e conforto são valorizados positivamente em relação aos veículos velhos e desconfortáveis de outras cidades. Os ônibus universitários representam muito mais que um meio de transporte, representam uma cidade e um pertencimento simbólico-territorial. O ônibus de Camocim que transitava no período da pesquisa de IC, por exemplo, era caracterizado por adesivos com paisagens locais e o slogan da prefeitura, portanto, era tomado pelos estudantes enquanto um microcosmo da cidade, ou, a cidade itinerante. Pertencer ao grupo dos universitários de Camocim naquela ocasião, é pertencer a uma cidade que tem o mérito de custear transporte “digno” para que o público estudantil tenha oportunidade de se qualificar a partir do acesso a universidade. Além disso, os estudantes se regozijam por usufruírem de ar-condicionado no veículo e afirmam ter orgulho de serem estudantes da referida cidade⁶⁶, usando de comparação com ônibus cedidos por outras cidades que são bastante degradados, como é o caso do transporte de um determinado município que é conhecido como “Bob Esponja”, por ser amarelo e com a lataria cheia de furos. Observou-se que os alunos fazem questão de afirmar qualidades de suas cidades, demonstrando ter orgulho de pertencerem a tais e tecem uma narrativa em que se colocam como heróis por enfrentarem tantas dificuldades ao longo de quatro anos ou mais de viagens em nome do diploma de graduação, que nesse caso, carrega um estimado valor simbólico. Essas foram as formas como os sujeitos pesquisados se apropriam do contexto e do acesso que os transforma em indivíduos que não só possuem um potencial de mobilidade, mas que , se movimentam.

As trajetórias dos jovens rurais de Araquém para a realização de um projeto que se define pela formação em nível superior, em consonância com esse campo de possibilidades que se dá pela configuração da mobilidade, produz deslocamentos identitários nos indivíduos. Viajar para a universidade, como foi colocado aqui, não é o mesmo que viajar de férias e cada

⁶⁶É importante ressaltar que essa foi a representação dos universitários no período em que realizei a pesquisa, porém, tal realidade é bastante recente, pois o ônibus universitário de Camocim era reconhecido e criticado por transitar em péssimas condições. Existe um vídeo postado no endereço eletrônico www.youtube.com/watch?v=4cgbCca7Qw0 intitulado —Ônibus da educação que leva os estudantes de Camociml, o qual mostra as péssimas condições físicas e mecânicas do veículo.

viagem se constitui num encontro com o “outro”, os “outros”. De acordo com Ianni (2001,p.14),

Toda viagem se destina a ultrapassar fronteiras, tanto dissolvendo-as como recriando-as. Ao mesmo tempo que demarca diferenças, singularidades ou alteridades, demarca semelhanças, continuidades, ressonâncias. Tanto singulariza como universaliza (...). No mesmo curso da travessia, ao mesmo tempo que se recriam identidades, proliferam diversidades. Sob vários aspectos, a viagem desvenda alteridades, recria identidade, descortina pluralidades.

A viagem para estudos, num ritmo cotidiano e na diferenciação dos espaços sociais, constituem um deslocamento para além do corpo. Desloca-se percepções, desejos, formas de ver e planejar a vida. Desta forma, abaixo discutiremos brevemente esses deslocamentos de subjetividade.

4.3 - Vidas em trânsito: construções de subjetividades

O corvo, insatisfeito com sua condição, admirava à distância a comunidade dos pombos – marcada pela elegância, pela cultura e pela beleza. Até que, certo dia, toma uma posição radical: pega uma lata de tinta branca e pinta inteiramente. Com essa nova roupagem, dirige-se ao pombal; lá chegando, é rapidamente identificado pelos pombos originais, que não permitem seu ingresso na sociedade. Decepcionado, decide voltar ao convívio de seus pares – os corvos. Lá chegando, todavia, a decepção se faz mais profunda: seus antigos irmãos não o reconhecem e o repudiam. Assim, sem ter o que tinha e não alcançando o desejava, ficou o pobre corvo só, lamentando sua singular condição. (Fábula narrada em SILVA, 2011, p. 137)

Alastuey (1994), ao tratar o espaço e a mobilidade espacial como inseparáveis, forja uma compreensão diferenciada dos deslocamentos humanos. O espaço, como lugar da experiência humana é relacional, isto é, é constituído por formas e possibilidades de inter-relações. O autor considera que o ser humano se constitui como tal na íntima relação que mantém com o entorno. Assim, a mobilidade espacial se apresenta como uma condição ontológica:

La vida, por tanto, requiere movimientos y, así se muestra, desde un primer momento, que la estaticidad asociada al espacio es tan sólo una cualidad excepcional de éste, cualidad que sólo puede predicarse tras un conjunto complejo de condiciones fácticas previas a tal afirmación. El espacio como relación, primero, es inconcebible estáticamente y, segundo, es inconcebible formalmente. (ALASTUEY, 1994, p. 10)

Os deslocamentos engendrados pelos universitários viajantes são analisados

considerando dimensões que interferem não apenas nas possibilidades materiais de construir novos pertencimentos – como um emprego “melhor”, mas deve-se também considerar as condições subjetivas, as novas identificações, os desejos, a autoestima daqueles que vivem no rural araqueniense. É interessante perceber o fato de que os deslocamentos dos jovens por motivos de estudos não representa tão somente o trânsito entre um espaço e outro, entre campo e a cidade, haja vista que há uma rede de relações e simbolismos em jogo.

A partir do trânsito entre o campo e a cidade, os universitários-viajantes de Araquém estabelecem um contato diário com jovens de realidades e vivências diferentes. Isto, acrescido a possibilidade de acesso a informações veiculadas através dos meios de comunicação – como a televisão e a internet – permite que acessem outros quadros de significação, interferindo e reorganizando o conhecimento mútuo que lhes insere no mundo rural, o que leva os jovens a questionar suas ações práticas e discursivas e a realidade que se lhe impõe. A simbiose entre o espaço urbano e o espaço rural faz com que os sujeitos pesquisados passem a viver diversos planos simultaneamente. Assim, a circulação entre esses diferentes planos gera uma unidade e uma fragmentação da subjetividade, tendo reflexo direto na própria identidade dos jovens rurais aqui pesquisados. Essa condição pode ser entendida à luz do que Velho (2003) chamou de “metamorphose”. Para o autor,

O plano entre os diferentes mundos, planos e províncias é possível, justamente graças à natureza simbólica da construção social da realidade (...) A metamorphose de que falo possibilita, através do acionamento de códigos, associados a contextos e domínios específicos – portanto, a universos simbólicos diferenciados – que os indivíduos estejam sendo permanentemente reconstruídos. (VELHO, 2003, p. 29).

No processo reconstrução dos indivíduos aqui pesquisados, a cidade exerce um papel importante, pois é o lócus da universidade que, além de transmitir um saber técnico institucionalizado para cada área específica do saber, transmite também visões de mundo, ideias sobre o futuro, valores relacionados ao meio acadêmico etc. Essas apreensões próprias ao espaço da universidade se chocam com as apreensões do mundo rural, o lócus familiar, que como foi discutido no capítulo dois, é uma instituição que exerce um papel importante na vida dos sujeitos pesquisados, pois transmite também um visão de mundo que lhes é própria, transmite concepções de trabalho, um código moral, isso numa dinâmica objetiva e subjetiva.

No cotidiano desses jovens, o rural e o urbano estão em comunicação permanente através tanto da mobilidade material (ou geográfica), como da mobilidade virtual ou simbólica. Há uma negociação entre, por um lado a identidade relacionada à cultura da comunidade rural e as relações de afeto com a família e, de outro, um projeto individualizado,

que supõe autonomia diante das redes familiares. De acordo com Carneiro (1998), a partir dessas relações com dois mundos, novas identidades entram em elaboração. Há uma conjugação do “melhor de dois mundos”: de um lado, a tradição, ligada à família, à localidade e à cultura de origem; de outro, a “modernidade”, que se traduz num projeto profissional autônomo. A narrativa abaixo evidencia a questão central dessa discussão: as representações forjadas a partir da circulação entre o campo e a cidade, num movimento em que “sair” e “voltar” diariamente andam juntos.

É importante sair do Araquém porque a gente vê outro mundo. Mesmo que essas idas à faculdade não dêm pra gente fazer muita coisa – porque a gente chega lá e tem que ir direto assistir aula e depois que termina, tem que voltar – a experiência de Conviver com tanta gente diferente num local diferente, muda nossa forma de ver. Isso faz até a gente ter a certeza de onde quer viver, sabia? Um dia, eu até pensei em sair do Araquém e morar numa cidade maior, mas logo descobri que não quero isso (...) gosto da vida tranquila daqui. Apesar de enfrentar algumas dificuldades, porque falta muita coisa – como lugares de lazer, mais opções de trabalho – eu não penso mais em ir embora de Araquém. Quem vive em Araquém e viaja assim para Sobral como a gente, sabe que a vida aqui é mais fácil, que as facilidades são bem maiores que as dificuldades. Se você conversar com o pessoal que mora em república, em Sobral, você vai ver que a maioria quer voltar, porque a gente ama o Araquém. Mas é bom que quando a gente volta, quando termina a faculdade, a gente volta diferente, tanto os que moram em Sobral, como os que viajam. (Lia, 2012.1)

Na fala acima, “sair” não representa a mesma coisa que representou para os jovens pesquisados por Castro (2005). A grande diferença é a questão temporal, pois aqui, sair significa ter o compromisso de ir para Sobral diariamente sem no entanto, morar na cidade. Para os sujeitos da pesquisa de Castro (2005), sair significava migrar e vivenciar experiências urbanas na cidade por um maior período de tempo. Aqui, a produção de subjetividades entre o campo e a cidade decorre muito mais do contato com outros sujeitos e outras formas de pensar, uma vez que “tanta gente diferente, muda a nossa forma de ver”, como fala Lia. A estrutura física da cidade influencia as percepções pela forma como os universitários-viajantes a vêm a partir das janelas dos ônibus, parados nos pontos de espera dos transporte ou frequentando espaços localizados nos entornos nos campus universitários que estudam. Os estudantes do CCH da UVA, por exemplo, costumam ir a uma espécie de centro comercial localizado em frente ao campus. Esse centro comercial é formado por um supermercado, algumas lojas, um restaurante e um cinema. Há universitários de Araquém que foram ao cinema pela primeira vez depois que passaram a estudar ali. Lia é uma. A jovem diz “eu já assistia filmes em casa no DVD, mas ir ao cinema, é muito melhor”.

Com o estreitamento das fronteiras entre o rural e o urbano no contexto de globalização recente a ressignificação das noções de rural, modifica também a noção de espaço, uma vez que este passa a ser visto como dinâmico, para além de seu aspectos físicos,

configurando uma nova abordagem que enfatiza a “complexidade das relações entre atores sociais e espaço no contexto de construção de novas identidades sociais” (CASTRO, 2005, p. 11). Com as intensas trocas materiais e simbólicas entre esses lugares sociais, podemos falar na existência de “elementos de ruralidade em espaços urbanos, bem como de elementos de urbanidade em espaços rurais” (MOREIRA, 2005, p.21).

O sair, ainda que nessa condição temporal específica que põe o voltar como relação imediata, representa a possibilidade de uma vida melhor, de dar continuidade aos estudos, entrar em contato com algo diferente, de experimentar a vida de outra forma e ter acesso a bens de consumo. Porém, voltar, não está relacionado ao fracasso, é uma opção desejada. Não se volta apenas quando não se pode ficar na cidade, se volta porque é um desejo voltar.

Ao pesquisar moradores de Copacabana na década de 70, Gilberto Velho (1989) concluiu que a mobilidade espacial dos moradores da zona norte e dos subúrbios para a zona sul significava uma mobilidade social para os sujeitos, mesmo quando se mudavam para apartamento que dentro do bairro, eram estigmatizados de alguma forma. Para os jovens de Araquém, ir para Sobral estudar, mesmo que seja num movimento de ir e vir no mesmo dia, representa também um prestígio diante do grupo de origem. Esse prestígio, no entanto, deve ser analisado de forma relacional, pois os mesmos sujeitos que são positivados no local de moradia, são negativados em comparação com os estudantes sobralenses e moradores de repúblicas. A negatização pode partir dos próprios viajantes, dos moradores de repúblicas⁶⁷ ou dos “sobralenses”, bem como dos professores das IES e ela é construída tanto com base no critério tempo (pois considera-se que “perdendo tempo nas viagens”, os estudantes viajantes tem menos tempo para estudar, portanto, o desempenho acadêmico pode ser menor), como com base na representação de que, quem não mora em Sobral – o polo cultural, educacional e econômico regional – vivencia uma escassez de serviços.

Em Copacabana, o retorno ao lugar de origem era visto com ambiguidade: “muitas vezes parece haver uma tentativa de apagar o fato de terem morado lá” (VELHO, 1989, p. 52). O mesmo não acontece entre os universitários-vijantes de Araquém. Apesar de considerarem que “há um diferencial no aproveitamento do ensino, pois se perde muito tempo se deslocando e se desgasta muito” (Renato, 2001. 2), ser universitário-viajante agrega valor à suas trajetórias.

⁶⁷ Como já colocado, para entender melhor essa diferenciação, Cf. O trabalho monográfico de Nayana Albuquerque (2012).

As narrativas são postas como epopéias⁶⁸. À maneira da *Odisséia* vivenciada por Ulisses, mas com um diferencial temporal. Ulisses, o personagem-herói da grande narrativa épica da literatura internacional, faz suas caminhadas e conquistas em dez anos e retorna à Ítaca como herói. Renato, Fabiano, Conceição e tantos outros universitários viajantes, fazem suas travessias e conquistas diariamente e (re)pousam em Araquém após uma média de quatro anos, levando para casa um grande troféu: o diploma de graduação.

É certo que muitos dos jovens de Araquém não gozam de condições financeiras para morar em Sobral como estudantes custeando aluguel, alimentação e as despesas de casa, mas durante a pesquisa, percebi que o “ficar” em Araquém também se apresenta como uma alternativa e não uma condição, um destino pré-definido. Os caminhos de Marcia exemplificam essa história. A jovem iniciou sua vida acadêmica de universitária-viajante e assim seguiu por dois anos, tempo em que o transporte universitário foi “cortado” pelo poder público municipal e a mesma, não tendo dinheiro para custear transporte, ficou dias sem ir para aula. Nesse contexto, concorreu a um estágio pelo Programa Bolsa Universidade e foi aprovada. Tendo renda própria, a jovem foi morar em Sobral e ali viveu por mais dois anos e meio, tempo em que concluiu a graduação em História. Em Sobral, Márcia havia sido promovida de estagiária à funcionária contratada, mas foi convidada a trabalhar como coordenadora em Araquém e não exitou em aceitar o convite. Ela diz: “sempre tive vontade de voltar, mas eu queria voltar empregada, não queria voltar formada e sem emprego (...) pra agricultura, eu não queria voltar mais” (Márcia, 2012.2).

Voltar para o distrito era um sonho, mas que deveria ser vivenciado em consonância com outro sonho: o de trabalhar no distrito em uma atividade não agrícola. A busca por um emprego remunerado impulsiona os desejos dos jovens. O dinheiro se relaciona com a possibilidade de mobilidade social. O poder de compra representa prestígio no grupo social, mas é interessante perceber o que é priorizado na hora de consumir. Há o desejo de ter um celular “modern”, uma roupa da moda, um notebook, mas há também o desejo de “ajudar a família a viver sem tantas dificuldades, até para se alimentar”, como diz Márcia.

⁶⁸ Epopéia constitui um poema com narrativa longa, uma coleção de fatos e feitos históricos que forja a construção de um herói. Enquanto gênero literário, a epopéia pode ou não representar acontecimentos com fidelidade, porém apresenta fatos com relevante conceito moral. A *Odisséia*, é a obra de Homero onde podemos ler a narrativa de Ulisses e representa uma viagem cheia de feitos.

Os depoimentos das jovens revelam as contradições que aparecem a partir das suas percepções sobre os cidadãos e a cidade, que forjam um encontro com a diversidade, com formas de consumo diferenciadas, mas também como espaço-tempo das relações impessoais, da baixa solidariedade e do medo. A cidade deixa a desejar como espaço de proteção pessoal e familiar. Por outro lado, é em Araquém que se encontra o acolhimento comunitário, mas é lá também que os processos de individuação encontram seus maiores obstáculos, como a tradição, as relações patriarcais, a divisão social e sexual do trabalho etc.

Nessa troca o que está em jogo é a redefinição de si mesmo, ou seja, “os elementos que adquirimos aos poucos pela experiência social e os dados da cultura mudam nossa percepção e nossa consciência do interior” (Melucci, 2004, p.72). A percepção de si muda, transforma-se também a forma como as jovens vêm e se inserem no mundo, abrindo possibilidades de *metamorfoses* pessoais, de aquisição de novos projetos de futuro e possibilidade de transformar a própria realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os jovens retratados nesta pesquisa fazem parte da primeira geração em suas famílias que teve acesso ao ensino superior. Há uma elaboração de —projetos‖ que guiam suas trajetórias. De acordo com Velho (1999, p. 47), —as trajetórias dos indivíduos ganham consistência a partir do delineamento mais ou menos elaborado de projetos com objetivos específicos‖. Há uma projeção para o futuro que leva em consideração um campo de possibilidades, ou seja, um espaço em que a realidade é negociada com outros indivíduos, para que seja viável a formulação e implementação de projetos.

Entender as trajetórias dos sujeitos da pesquisa, permite uma análise que não concebe a mobilidade espacial como um problema cuja consequência principal é os esvaziamento do campo e a superlotação das cidades. As possibilidades de deslocar-se pelos “espaços de circulação permitidos” (Castro, 2005), abre caminhos não só nas estradas, mas para novas significações que se referem a esquemas de circulação entre o campo e a cidade. “Ir”, sabendo que pode voltar para dormir em casa e continuar com os seus, alimenta as perspectivas de permanecer no local de origem, o que não significa que estão satisfeitos com as condições de tal local, mas que se consideram agentes de transformação deste. Digo “espaços permitidos”, usando a ideia da autora supracitada, não para designar uma circulação controlada pelo grupo familiar que permite ou não que os jovens frequentem festas, bares – por exemplo, mas para designar um espaço de mobilidade possível pela oferta do transporte.

Portanto, a viabilidade dos projetos, sejam eles coletivos ou individuais, leva em consideração a articulação de interesses e limites encontrados na trajetória dos indivíduos que, em suas trajetórias, se vêm na necessidade de escolherem um caminho a seguir: suas carreiras. Há um jogo de permanência e de mudança. Na efemeridade dos acontecimentos a realidade está se modificando, e com ela, os indivíduos. Estamos sempre acrescentando algo novo ao nosso conhecimento de acordo com o que acontece ao nosso redor. Sair diariamente do município de origem e ir de encontro a um outro bem diferente, com outras pessoas de realidades distintas e semelhantes, com diversidade de outros modos de ser e agir, traz para os jovens de Araquém mudanças significativas. Ao mesmo tempo, eles reafirmam o que eles são e de onde vieram, o que forja uma construção dos mesmos como pessoas e como estudantes, trazendo novas responsabilidades consigo e com os demais, construindo identidades coletivas e individuais. Os indivíduos vivem múltiplos papéis em função dos diferentes planos que os movem, o que proporciona a metamorfose, ou o jogo da mudança. Trata-se de uma

transitoriedade produtora de culturas.

A pesquisa permitiu rever a binaridade rural-urbano que fundamentou muitos estudos sobre o chamado mundo rural no Brasil, de forma a reconhecer que o espaço rural, visto em contraposição ao urbano e associado à ideia de centralidade na atividade agrícola, pouca possibilidade de mobilidade e quase isolamento social e cultural, tem se reconfigurado a partir de construções de novas identidades sociais. Não há como negar que o imaginário que relaciona o rural a todo ideário de atraso ainda faz parte das relações campo-cidade aqui estudadas, pois estou retratando uma geração que teve uma socialização marcada pela centralidade da atividade agrícola e que “luta” por mobilidade, mas é essa geração que está transformando a realidade rural pesquisada ao negar a atividade agrícola, ao reivindicar e conquistar as possibilidades de deslocamento. Ao invés de optarem por migrar, esses jovens optam por transformar o rural habitado em um lugar que atenda as suas expectativas de “ficar”, mas ficar de uma forma diferente.

Os jovens são os principais atores de um movimento de desconstrução/reconstrução do rural como algo atemporal e que se quer isolado. Uma questão que emerge é como garantir condições para que os jovens que queiram permanecer no campo, permaneçam da melhor maneira possível. É assim que considero que as experiências dos universitários rurais aqui retratadas podem fornecer pistas para isso, porém, somente uma pesquisa posterior pode analisar se os projetos de escolarização e permanência no distrito foram realizados.

BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, JÚNIOR, Paulo Rocha. **A cidade e o Rio**: Produção do Espaço Urbano em Sobral– CE. Dissertação (mestrado) em Desenvolvimento e Meio Ambiente – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

ALBUQUERQUE, Nayana Mara Arruda. **Ser universitário**: significados atribuídos pelos estudantes da UVA. Ceará: Universidade Estadual Vale do Acaraú/ Centro de Ciências Humanas/Graduação em Ciências Sociais. (Monografia de Graduação), 2012.

ARAÚJO, José Edvar Costa de. Igreja Católica, Poder Público e Organizações da Sociedade: convergências e divergências na gênese do ensino superior na Região Norte do Ceará. In: **O ensino e a pesquisa em história da educação**: Anais do V Congresso Brasileiro de História da Educação. São Cristovão: Universidade Tiradentes, 2008.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

AUGÉ, Marc. **Não-Lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. 3ª ed. Papyrus Editora. 2003.

_____. **Por uma antropologia da mobilidade**. Maceió: EDUFAL, 2010.

BARDO, Rodrigo. **Os ônibus, o pêndulo, uma frase, algumas histórias e, quiçá, o diploma (Livrreportagem)**. Aracaju: J. Andrade, 2009.

BECKER, Olga. Mobilidades espacial da população: conceitos, tipologias, contextos. In: CASTRO, I. CORRÊA, R.L. **Explorações geográficas**: percursos no fim do século. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BORN, Claudia. **Gênero, trajetória de vida e biografia**: desafios metodológicos e resultados empíricos. Sociologias, n.5, Porto Alegre, Jan./jun. 2001.

BOURDIEU, Pierre. —A juventude é apenas uma palavra. In: **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. A miséria do mundo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, J.C. e PASSERON, J. C. **O ofício de Sociólogo**: Metodologia da pesquisa na sociologia. Petrópolis: Vozes, 2004.

BOURDIEU, Pierre. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. **Pierre Bourdieu: escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, p. 70-79.

BOURDIEU, Pierre; BOLTANSKI, Luc. O diploma e o cargo: relações entre o sistema de produção e de reprodução. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. **Pierre Bourdieu: escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 127-144.

BRAGA. José Ricardo Marques. **Itinerários juvenis no trânsito da vida**. Ceará: Universidade Estadual Vale do Acaraú/ Centro de Ciências Humanas/Graduação em

Ciências Sociais. (Monografia de Graduação), 2012.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Tempos e espaços nos mundos rurais do Brasil. **Revista Ruris**, vol.1, n.1, out. 2006, p. 37-64.

_____. **O trabalho de saber**: cultura camponesa e escola rural. Porto Alegre: Sulina, 1999.

BRUMER, Anita. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: CARNEIRO, Maria J. e CASTRO, Elisa G. **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: MAUAD X, 2007, p. 35-54.

CAIAFA, Janice. **Jornadas Urbanas**: exclusão, trabalho e subjetividades nas viagens de ônibus na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

_____. **Aventura das cidades**: ensaios e etnografias. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. -Juventudes: as identidades são múltiplas. In: **Movimento**. Rio de Janeiro, DP&A, n.1, maio de 2000.

CARNEIRO, Maria José. -O ideal rurano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: SILVA, F. C. T. da; SANTOS, R.; COSTA, L. F. de C., (org). **Mundo rural e política: ensaios interdisciplinares**. Rio de Janeiro: Editora Campos, 1998.

_____. Ruralidade: novas identidades em construção. **Estudos Sociedade e Agricultura**. Rio de Janeiro, n.1, out. 1998, p. 53-75.

_____. Juventude rural: projetos e valores. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (org). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2008.

CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de (orgs.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: MAUAD, 2007.

CARNEIRO, Maria José. (coord). **Ruralidades contemporâneas**: modos de viver e pensar o rural na sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2012.

CARVALHO, José Murilo de. Mandonismo, Coronelismo, Clientelismo: uma discussão conceitual. **Dados**. Rio de Janeiro, v. 40, nº 2, 1997.

CASTRO, Elisa. Guaraná de. **Entre Ficar e Sair**: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural. Rio de Janeiro, 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social) UFRJ, 2005.

CASTRO, Elisa. Guaraná de. *et al.* **Os Jovens estão indo embora?** - Juventude rural e a construção de um ator político. Rio de Janeiro: Mauad/ EDUR, 2009.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2007.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

CLIFFORD, James. Culturas Viajantes. In ARANTES, A. A. **O espaço da diferença**. Campinas, SP. Papiurus: 2000.

CRESSWELL, Tim. Seis temas na produção das mobilidades. In: CARMO, Renato Miguel do e SIMÕES, J. (Orgs.). **A produção das mobilidades**: redes, espacialidade e trajetórias. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2009, p. 25-37.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. A escola faz as juventudes? **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n.100– Especial, p. 1105-1128, Out. 2007. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 17 abr. 2013.

DURHAM, Eunice R.. **A caminho da cidade**: a vida rural e a migração para São Paulo. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1973.

DURKHEIM, Emile. **A educação moral**. Petrópolis: Vozes, 2008.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994a.

_____. **O processo civilizador**. Vol. I. Uma história dos costumes. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1994b.

_____. **Mozart, a sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995

_____. **Os alemães**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

_____. **Introdução à Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2005.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FARIAS, Airton de. **História do Ceará**: dos índios à geração cambéba. Fortaleza: Tropical Editora, 1997.

FERNANDES, Edilmara Katy Silveira. **Trajetórias e projetos de vida na mobilidade**: os universitários das viagens intermunicipais. Ceará: Universidade Estadual Vale do Acaraú/ Centro de Ciências Humanas/Graduação em Ciências Sociais. (Monografia de Graduação), 2012.

FERREIRA, Angela Duarte Damasceno. Processos e sentidos sociais do rural na contemporaneidade: indagações sobre algumas especificidades brasileiras. In: **Estudos sociedade e agricultura**, UFRRJ, n.18, out., 2002.

FREITAS, Isaurora C. M. de. Interação em Movimento: **Práticas e Sociabilidades Juvenis nos Transportes Universitário da Região Norte**. Sobral, 2009.

_____. Do campo à universidade: trajetórias e projetos de vida dos jovens universitários do meio rural brasileiro. XXVI Congresso Internacional da ALAS, 2009.

FREITAS, Isaurora. C. M. de; CRUZ, M. L. I.; ROMÃO, D. P.. Origens e formas de ação das Uniões e Associações de Universitários no Interior do Ceará. In: **anais III Seminário Internacional Violência e Conflitos Sociais: Ilegalismos e Lugares morais**. Fortaleza: UFC, 2011.

FREITAS, Isaurora. C. M. de; CRUZ, M. L. I.; BRAGA, J. R. M.. Estigmas, Hierarquias e práticas de Poder num contexto de mobilidade estudantil. In: **anais XV CISO – Encontro Norte Nordeste de Ciências Sociais – Pré ALAS Brasil**, Teresina: UFPI, 2012, v.1.

FREIRE, Heronilson Pinto. **O uso do território de Sobral – Ceará pelas instituições de ensino superior**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2011.

GARCIA Jr., A. R. **Terra de trabalho**: trabalho familiar de pequenos produtores. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S. A., 1989.

GROPPO, Luís Antônio. A juventude como categoria social. In: GROppo, Luís Antônio. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e Histórias das juventudes modernas. Rio de Janeiro: Difel, 2000, p. 7-27.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**: do —fim dos territórios à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

IANNI, Octavio. —A metáfora da viagem In: **Enigmas da modernidade mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

IBGE. **Estados**. Disponível em:

<http://estados.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=ba&tema=sinopse_censodemog2010>

Acesso em: 05 nov. 2012.

KUSCHINNI, Karina. Antropologia e Política. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 22, nº 64, p. 163-167, 2007.

LAHIRE, Bernard. Trajetória cadêmica e pensamento sociológico: Entrevista com Bernard Lahire. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, vol. 30, n. 2, p. 315-321, mai/ago, 2004.

LEFEBVRE, Henri. **Direito à cidade**. São Paulo: Centauro: 2006.

LEVI, Giovanni; SHIMITT, Jean-Claude (Orgs.). **História dos jovens**: a época contemporânea. Vol. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LEVY, J. Os novos espaços da mobilidade. In: **Geographia**. Rio de Janeiro, v.3, n. 06. 2001. Disponível em:

<<http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/viewArticle/62>> Acesso em: 23 maio, 2013.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

MALINOWSKI, Bronislaw K. **Argonautas do pacífico ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura entre os nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. São Paulo: Victor Civita, 1978 (Os Pensadores)

MANDAROLA Jr., Eduardo. —A sociedade (e as pessoas) em movimento. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**. São Paulo, v. 24, n. 2, p. 405-406, jul/dez. 2007.

_____. Novos significados da mobilidade. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**. São Paulo, v. 25, n. 1, p. 199-200, jan/jun. 2008.

_____. Por um paradigma da(s) mobilidade(s). **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**. Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 151-152, jan/jun. 2009.

MANTAS, Ana Isabel. **Caminhar como rotina e método**: Vantagens e desvantagens dos métodos qualitativos móveis, 2011. Disponível em: coferencias.cies.iscte.pt/index.php/icyurb/sicyurb/paper/viewFile/401/13. Acesso: 13 maio, 2013.

MARGULIS, Mario. Juventud: uma aproximación conceptual. In: BURAK, Solum D. (Org.). **Adolescencia y juventud en América Latina**. Costa Rica: LUR, 2001.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. La juventud es más que una Palabra. In MARGULIS, Mario (org). **La juventud es más que una palabra**. Buenos Aires: Biblos, 1996.

MARSHALL, T.H. **Cidadania, Classe Social e Status**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1967.

MARTINS, José de Sousa. O vôo das andorinhas: migrações temporárias no Brasil. In: MARTINS, José de Sousa. **Não há terra para plantar neste verão**. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

MARTINS, Ricardo Silveira; CAIXETA FILHO, José Vicente. **O desenvolvimento dos sistemas de transporte**: Auge, abandono e reativação recente das ferrovias. *Tor. Evid. Econ.*, Passo Fundo, v. 6, n. 1, p. 69-91, nov. 1998.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MENEZES, Kimbelly Luisa Braga; FREITAS, Isaurora Claudia Martins de. As repúblicas estudantis como espaços de sociabilidades. In: **Anais do IX Encontro de Iniciação**

Científica da Universidade Estadual Vale do Acaraú – Pesquisa e Aplicação social. Sobral: UVA, 2007, v. Único. p. 179-179.

MENEZES, Kimbelly Luisa Braga. **Entre a liberdade e a responsabilidade:** afetividade e sexualidade dos jovens moradores das repúblicas estudantis de Sobral-CE. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Vale do Acaraú, 2009.

MILLS, C. Wright. **A Imaginação Sociológica.** Rio de Janeiro. Zahar, 1982.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social:** Teoria, Método e Criatividade. Petrópolis: Editora Vozes, 1996.

MOREIRA, Roberto (org.), CARNEIRO, M. J. *et al.* **Identidades sociais:** ruralidades no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MOURA, R.; CASTELLO BRANCO, M. L. G. e FIRKOWSKI, O. L. C. de F. Movimento pendular e perspectivas de pesquisas em aglomerados urbanos. **São Paulo em Perspectiva.** São Paulo, v. 19, n. 4, PP. 121-133. 2005.

NOVAES, Regina e VANNUCHI, Paulo (orgs.). **Juventude e sociedade:** trabalho e educação, cultura e participação. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo.** Brasília: Paralelo 15. 1998.

OLIVEIRA, André Frota. **A estrada de ferro de Sobral.** Fortaleza: Expressão Gráfica, 1994.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

_____. **Um outro território:** ensaios sobre a mundialização. São Paulo: editora Olho D'água, 1997.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis.** Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1996.

_____. A construção sociológica da juventude – alguns contributos. **Análise Social**, vol. XXV, 1990, p. 139-165.

_____. **Ganchos, tachos e biscates. Jovem, trabalho e futuro.** Porto: Ambar, 2001.

_____. **Buscas de si:** expressividades e identidades juvenis. In: Almeida, M. I. M. de; EUGENIO, F. (orgs.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

_____. A Juventude como Fase de Vida: dos ritos de passagem aos ritos de impasse. **Saúde & Sociedade**, v. 18, n. 3, 2009.

PASTORE, J. **Desigualdade e Mobilidade Social no Brasil.** São Paulo:

T.A. Queiroz. 1979.

PEIRANO, Mariza G. S. **Uma Antropologia no Plural: Três Experiências Contemporâneas**, Brasília, Editora da Universidade de Brasília, 1998.

_____. 1999, –A Antropologia no Brasil (Alteridade Contextualizada)ll, MICELI, S. (org.), **As Ciências Sociais no Brasil: Tendências e Perspectivas**, São Paulo, Editora Sumaré, ANPOCS; Brasília, CAPES.

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, nº 5/ 6, p. 15-24, 1997.

PERALVA, Angelina T., SPÓSITO, Marilía P. **Editorial Revista Brasileira de Educação**, n.5/6, p. 3 e 4, 1997.

PILDAS, Leonardo. **História de Coreauí: 1702-2002**. Sobral: Expressão Gráfica

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO – PNDU.
Relatório de Desenvolvimento Humano 2009 – Ultrapassar Barreiras: mobilidade e desenvolvimento humanos/2009. Disponível em
<http://hdr.undp.org/en/media/HDR_2009_PT_Cpcomplete.pdf> Acesso em: 18 maio 2013.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. **O campesinato brasileiro: ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 1973.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da e ECKERT, Cornélia. Etnografia: saberes e práticas. In: PINTO, Celi Regina Jardim; GUAZZELLI, César Augusto Barcellos (orgs.). **Ciências Humanas: pesquisa e método**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008, p-9-24.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

RANGEL, Lucia Helena. Da infância ao amadurecimento: uma reflexão sobre rituais de iniciação. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**. São Paulo, v. 3, n. 5, agosto. 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v3n5/19>>. Acesso em 5 mar. 2013.

ROCHA, Herbert C. **O lado esquerdo do Rio**. São Paulo: hucitec, 2003.

ROSA, J. Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SANTOS, Ana. **Inter-Rail: A odisseia em comboio**. Portugal: Celta, 1999.

SANTOS, Maurício Caetano. 2010

SANTOS, Milton. **Anatureza do espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: EDUSP, 2002.

SILVA, Jailson de Souza e. **Por que uns e não outros?** Caminhada de jovens pobres para a universidade. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2003.

SOROKIN, P. O que é uma classe social? In: VELHO, O. ;PALMEIRA,M.; BERTELLI,A. (Orgs.) **Estrutura de Classes e Estratificação Social**, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

SPÓSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). **Cidades médias: espaço em transição**. São Paulo: Expressão Popular 2007.

SPOSITO, Marília Pontes (coord.). **Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)**, Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

_____. Considerações em torno do conhecimento sobre juventude na área da educação. In: SPÓSITO, Marília Pontes (Coord.). *Juventude e escolarização – estado do conhecimento*. São Paulo:Ação educativa, p. 6-34, 2000. Disponível em <<http://www.acaoeducativa.org>>. Acesso em 08 fev. 2013.

STAMM, Cristiano. STADUTO, Jefferson Andronio Raimundo. —Movimentos pendulares das cidades interioranas de porte médio de Cascavel e Toledo, no Paraná. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**. São Paulo, v.1, p. 131-149, jan/jun. 2008.

VASCONCELLOS, Eduardo Alcantara de. **A cidade, o transporte e o trânsito**. Sao Paulo: Prolivros, 2005.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

VELHO, Gilberto. —Juventudes, projetos e trajetórias na sociedade contemporânea. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de & EUGÊNIO, Fernanda (orgs.), *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2006.

VILLELA, Jorge Mattar; MARQUES, Ana Cláudia D. R. Sobre a circulação de recursos nas Eleições Municipais do sertão de Pernambuco. In: HEREDIA, Meatriz M. A.; TEIXEIRA, Carla Costa & BARREIRA, Irllys A. F. **Como se fazem eleições no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, p. 63-101, 2002.

WANDERLEY, M.N.B. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas – o rural como espaço singular e ator coletivo. In: **Estudos sociedade e agricultura**, UFRRJ, n.15, out, 2000.

_____. **jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro**. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E.G. *Juventude rural em perspectiva*. Rio de janeiro: Mauad X, 2007, p.21-33.

_____. **Um saber necessário**: os estudos rurais no Brasil. Campinas: Editora da UNICAMP, 2011.

WANDERLEY, Luiz Eduardo. **O que é universidade?** São Paulo: Brasiliense, 2003.

WEBER, Max. Poder, dominação. **Economia e Sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília: Ed. UNB, 1994.

_____. Os letrados chineses. In: **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971, p. 471- 501.

_____. A objetividade do conhecimento na ciência social e na ciência política.. In: **Metodologia das Ciências Sociais**. São Paulo: Cortez Editora, 2001, vol. 1, p. 107-154.

WEISHEIMER, Nilson. **Estudos sobre os jovens rurais do Brasil**: mapeando o debate acadêmico. Nead/MDA, 2004

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio G. (Org.). **O fenômeno urbano**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

WOORTMANN, Klass. **Com parente não se neguceia**. O campesinato como ordem moral. Brasília: Ed. UNB/Tempo Brasileiro, 1990.

WOORTMAN, Elen; WOORTMAN, Klass. **O trabalho da terra**: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa.